

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – BACHARELADO

AMANDA MOURA SOUTO

“HOJE TEVE ALEGRIA NO ROSÁRIO DE MARIA”: UMA DESCRIÇÃO DENSA
DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM SÃO JOSÉ DO TRIUNFO,
VIÇOSA-MG

Viçosa – MG
Dezembro – 2019



AMANDA MOURA SOUTO

“HOJE TEVE ALEGRIA NO ROSÁRIO DE MARIA”: UMA DESCRIÇÃO DENSA
DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM SÃO JOSÉ DO TRIUNFO,
VIÇOSA-MG

Monografia apresentada ao Departamento de
Ciências Sociais da Universidade Federal de
Viçosa como requisito para a obtenção do
título de Bacharelado em Ciências Sociais.

Orientadora: Dra. Raquel dos Santos Sousa
Lima – CAP/Coluni – UFV

Viçosa – MG
Dezembro – 2019

AMANDA MOURA SOUTO

“HOJE TEVE ALEGRIA NO ROSÁRIO DE MARIA”: UMA DESCRIÇÃO DENSA
DA FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM SÃO JOSÉ DO TRIUNFO,
VIÇOSA-MG

Monografia apresentada ao Departamento de
Ciências Sociais da Universidade Federal de
Viçosa como requisito para a obtenção do
título de Bacharelado em Ciências Sociais.

Orientadora: Dra. Raquel dos Santos Sousa
Lima – CAP/Coluni – UFV

Aprovado em: ____ de dezembro de 2019.

Dra. Raquel dos Santos Sousa Lima
(Orientadora)
(CAP/Coluni – UFV)

Dr. Marcelo José Oliveira
(Avaliador)
(DCS – UFV)

Dr. Daniel Albergaria Silva
(Avaliador)
(UEMG)

Maria Isabel Cardozo da Silva Bueno
(Suplente)
(DCS – UFV)

Viçosa – MG
Dezembro – 2019

*À minha família,
em especial para as mulheres,
por disseminarem força,
liberdade e delicadezas.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha família pelo apoio, carinho, amor e cuidado que sempre tiveram comigo. Tenho certeza de que as saudades que marcaram esses cinco anos de graduação fizeram com que a nossa admiração, uns pelos outros, fosse ainda maior. À minha mãe, minha fonte de força. Ao meu pai, pelos diálogos e escutas. Ao meu irmão, pela inspiração e cumplicidade. Às minhas primas, Lu, Luiza e Laura, pelas delicadezas. Às primas e primos, pelas loucuras e conversas. Às minhas avós, Andreza e Zilda, por terem estilos de vida tão feministas e inspiradores. Aos meus avôs, por terem driblado as dificuldades da vida. Às minhas tias e tios, pelo companheirismo.

Às minhas amigas e amigos que sempre me inspiraram a seguir pelo caminho do questionamento, do amor, da diversidade, do respeito e da justiça. As que estão distantes, especialmente, à Aline, Nathane e Suzana, pois compartilhamos momentos de grandes descobertas. Aos que estão próximos, em especial, ao Matheus, pelo carinho, pelo cuidado, pela paciência, pelos conhecimentos, por ter sido meu lugar seguro em Viçosa, à Gess, pelo jeito aquariano de ser e de gostar de mim. Aos amigos e amigas que fizeram dos meus locais de morada um lugar de muita tranquilidade e acolhimento, em especial, André, Carol, Teriva e Victor, com certeza irei sentir muita saudade.

À minha namorada, tão querida e carinhosa, Raquel, pelo companheirismo, pela sabedoria, pela paixão, pela paciência, pelo sorriso encantador e pela doçura no caminhar juntas.

À capoeira angola, que é para mim um potente tesouro. Ao meu professor Daniel Angoleiro, pelos grandes ensinamentos da cultura popular educativa e pelo carinho que sempre me acolheu. Às minhas camaradinhas, por estimularem sempre a nossa evolução na musicalidade e nos movimentos enquanto coletividade.

Às descobertas dançantes, através de grupos, professoras e estudantes/amigos, que estimularam meu corpo a querer a dança para sempre em minha vida, como potência para contar, criar e reinventar histórias.

Às professoras e professores do Departamento de Ciências Sociais, pelos aprendizados ao longo da graduação. Em especial, ao Marcelo Oliveira, por ter me apresentado pessoas e lugares tão especiais através da antropologia. Ao projeto de extensão CineMIRE, por ter ensinado tanto sobre diálogos. Às monitorias no Coluni, pelo desejo de ser educadora e pela vontade de que todas as escolas públicas tivessem as condições que ela possui. Às amigas e amigos da graduação, em especial, Jinx, Jeferson, Igor e Lidiane, pelas conversas e brincadeiras.

À Raquel Lima, minha querida orientadora, pelos constantes conselhos, pelos incentivos, pelo diálogo, pelo olhar carinho. Sem dúvidas, você marcou minha trajetória intelectual.

Por fim, mas não menos importante, um agradecimento especial para os congadeiros e congadeiras da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São José do Triunfo, por pelo carinho, pelo acolhimento e por aceitarem dialogar comigo na construção desta pesquisa. Um agradecimento cercado de afetos à Seu Dola, Dona Regina, Dona Maria, Dona Geralda, Dona Eliana, Barbara e Thiago.

“Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou. Que ninguém se engane, só consigo a simplicidade através de muito trabalho”.

A Hora da Estrela, Clarice Lispector.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a Festa de Nossa Senhora do Rosário em São José do Triunfo, mais especificamente, a atuação da Banda do Congado neste distrito da cidade de Viçosa-MG. A pesquisa, desenvolvida no campo antropológico, foi realizada a partir de trabalho de campo feito entre abril e outubro de 2019, com observação participante, e de entrevistas e levantamento bibliográfico. O estudo, fundamentado teoricamente nas discussões da antropologia do ritual e da devoção, faz uma descrição densa da Festa do Rosário, partindo das reuniões de organização e de preparação da festa, e do dia festivo propriamente dito. Dá-se ênfase ao cortejo do congado e à atuação do Reinado, os quais são pensados como rituais que envolvem orações, cantos e danças que, por sua vez, remetem à inversão de papéis sociais cotidianos e às noções de prestígio e poder entre os congadeiros. Conclui-se, entre outras questões, que o congado tangencia questões raciais e provoca transformações nas pessoas e nas ruas em que são realizados os cortejos, articulando dimensões sagradas e profanas.

Palavra-chave: Nossa Senhora do Rosário; Congado, Sincretismo e Antropologia.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the Feast of Our Lady of the Rosary in São José do Triunfo, more specifically, the performance of the Congado Band in this district of Viçosa-MG. The research, developed in the anthropological field, was carried out from field work done between April and October 2019, with participant observation, and interviews and bibliographic survey. The study, theoretically grounded in discussions of ritual anthropology and devotion, gives a dense description of the Feast of the Rosary, departing from the organization and preparation meetings of the feast, and the festive day itself. Emphasis is given to the procession of the congado and the performance of the Reign, which are thought of as rituals involving prayers, songs and dances that, in turn, refer to the inversion of everyday social roles and the notions of prestige and power among the congadeiros. . It is concluded, among other issues, that the congado tangential racial issues and causes changes in the people and streets where the processions are held, articulating sacred and profane dimensions.

Keyword: Our Lady of Rosario; Congado, Syncretism and Anthropology

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Foto da Igreja de Nossa Senhora do Rosário no Centro de Viçosa antes da demolição em meados nos anos 60.....	12
Figura 2: Desenho da Composição da Banda de Congado	28
Figura 3: Fotos do Rei do Meio, do Rei Congo, do “Vassalo”, do “Secretário” e do “Bambas” com os "uniformes"	29
Figura 4: Desenho da Composição da banda durante os deslocamentos	42
Figura 5: Foto do deslocamento dos "congadeiros" no Ensaio	43
Figura 6: Foto do Rei Congo fazendo chamada no Ensaio	48
Figura 7: Fotos da Composição da Banda antes de sair em cortejo na Novena.....	50
Figura 8: Foto da Capela - local de realização da Novena no Domingo.....	51
Figura 9: Foto dos devotos na Novena do Rosário	52
Figura 10: Foto dos Mordomos carregando o Mastro no Cortejo de Encerramento da Novena.....	57
Figura 11: Foto da Missa de Encerramento da Novena	59
Figura 12: Fotos do momento do Levantamento do Mastro	62
Figura 13: Foto dos Congadeiros "Saudando a Casa Santa" na Alvorada Festiva	67
Figura 14: Fotos dos altares colocados nas ruas	68
Figura 15: Foto do Café da Manhã oferecido no Final da Alvorada.....	70
Figura 16: Fotos dos "congadeiros" com seus "uniformes"	72
Figura 17: Foto da Mesa do Almoço.....	74
Figura 18: Fotos do Andor, Reinado e Congadeiros em cortejo para Missa Festiva....	76
Figura 19: Fotos da chegada do Andor, Reinado e Congadeiros na porta da Igreja para a Missa Festiva	77
Figura 20: Foto do Reinado Velho e Novo no Altar na Missa Festiva	78
Figura 21: Foto do momento da Coroação do Reinado na Missa Festiva	81
Figura 22: Desenho do deslocamento da dança pela Banda de Congado	83

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1 – A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	14
1.1 – <i>Caminhos para se chegar ao campo</i>	14
1.2 – <i>Percurso metodológico</i>	16
CAPÍTULO 2 – ENTRELAÇAMENTO DE HISTÓRIAS E RELAÇÕES: CONGADOS, COROAÇÃO DE REIS NEGROS E FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM SÃO JOSÉ DO TRIUNFO	19
2.1 – <i>Diálogos entre as definições de Congado</i>	19
2.2 – <i>Breve apontamento histórico acerca da Coroação de Reis Negros</i>	21
2.3 – <i>Singularidades e generalidades: elementos que compõem a Festa do Rosário em São José do Triunfo</i>	26
CAPÍTULO 3 – A FESTA ANTES DA FESTA: PREPARATIVOS PARA O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO	32
3.1 – <i>Reunião: as elaborações imaginárias da Festa</i>	33
3.2 – <i>Ensaio: contexto de aprendizagens</i>	39
3.3 – <i>Novena do Rosário</i>	48
CAPÍTULO 4 – “HOJE É DIA DE FESTA MAIOR”: DESCRIÇÕES E ANÁLISES DA FESTA DO ROSÁRIO	53
4.1 - <i>Levantamento do Mastro</i>	54
4.3 – <i>Alvorada Festiva</i>	65
4.4 - <i>Almoço</i>	70
4.5 - <i>Cortejo para buscar o Reinado</i>	75
4.6 - <i>Missa Festiva</i>	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	90

INTRODUÇÃO

“Virgem do Rosário essa Banda é sua/
ô dá licença pra eu sair na rua”

Canto da Irmandade de
Nossa Senhora do Rosário
de São José do Triunfo

As ruas enfeitadas de fitas e bandeirinhas coloridas bailavam com o toque dos ventos festivos. É anúncio de alegria no Rosário de Maria que se manifesta pela explosão frenética dos corpos dançantes: giros, saltos, rodopios. Os corpos vibram em dança. As vozes ecoam para narrar a vida. Os tambores rufam a ancestralidade que se reinventa. A devoção à Virgem do Rosário ressoa dos tambores, dos movimentos e dos cantos. Palavras, corpos e orações se entrelaçam. A constância da transformação, recriação e inversão estão em curso.

Nesta pesquisa, realizada a partir de trabalho de campo feito entre abril e outubro de 2019, analiso a Festa de Nossa Senhora do Rosário em São José do Triunfo, distrito da cidade de Viçosa/MG. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São José do Triunfo é a responsável por realizar o festejo em celebração a Santa do Rosário. Segundo Sousa (2011, p. 8), a referida Irmandade diz que “o nome completo de seu agrupamento é Grupo de Congado de Nossa Senhora do Rosário de São José do Triunfo, mas que o grupo se trata cotidianamente como Congado de São José do Triunfo”¹. Além disso, a “festa do 12 para 13”², que celebra a abolição da escravatura, compõe o calendário festivo da Irmandade.

¹ Ao longo deste trabalho irei designar os termos “Banda de Congado/Congo” e “Grupo de Congado/Congo”, termos que são usados pelos/as congadeiros/as, para se referir a “Irmandade de Nossa Senhora do Rosário”, pois de acordo com o “congadeiro” Rei do Meio, eles se fundem na mesma entidade. É relevante dizer que as mulheres não são participantes da Banda de Congado, a não ser as exceções, como, a Rainha Conga e as Bandeirinhas, porém, elas são integrantes da Irmandade. As mulheres, apesar de não compor a Banda de Congado, são consideradas congadeiras, assim como os homens.

² Neste festejo do “12 para o 13 de maio”, as músicas cantadas e tocadas aludiam ao significado do 13 de Maio para a Banda de Congado em São José do Triunfo. Esse dia foi a abolição do sistema escravocrata brasileiro, assim como o dia em que a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, a libertação dos negros escravizados. A questão da libertação negra vinculada ao 13 de Maio é questionada por muitos/as pesquisadores/as das teorias das relações étnico-raciais, bem como por militantes do movimento negro brasileiro, ambos apontam para uma “falsa abolição”, visto as condições de desigualdade que negros/as ficaram no pós-abolição. Neste festejo, as letras das músicas nos fazem compreender que a Princesa Isabel foi a grande responsável pela abolição: “no dia treze de maio/a princesa trabalhou/o nego era cativo e a princesa libertou/ nego que era cativo agora já é liberto”. Esse entendimento se distancia de vertentes teóricas e políticas do movimento negro brasileiro que questiona o apagamento e a invisibilização de figuras negras, como Zumbi dos Palmares, Dandara, Luiz Gama, Maria Tomásia, Adelina, Maria Firmina dos Reis, dentre outros/as, pois é notório que havia organizações e articulações que emergiam das pessoas negras escravizadas ou já libertas para libertarem desta condição perversa provocada pelo sistema escravocrata.

A Festa do Rosário é realizada neste distrito desde 1930, de acordo com o geógrafo Patrício Pereira Alves de Sousa (2010). A partir de relatos dos “guardiões da memória”, o Mestre e os integrantes da Banda de Congo, Sousa (2010, p. 90) indica que houve deslocamento do local da festa. Antes ela era realizada no centro de Viçosa/MG, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário, porém diante de conflitos referentes à ocupação territorial da área central da cidade, a festa foi transferida para o distrito.

Em meados dos anos 60, essa mesma Igreja foi demolida. De acordo com Patrício Sousa (2011), a derrubada desta Igreja esteve relacionada com as transformações e reformas urbanas que a cidade passava no período. Em diálogo com o Rei Congo, fui informada que ele não sabia exatamente o paradeiro da imagem de Nossa Senhora do Rosário, pois durante a demolição houve dispersão dos objetos presentes na Igreja.

Figura 1: Foto da Igreja de Nossa Senhora do Rosário no Centro de Viçosa antes da demolição em meados nos anos 60



Fonte: Sousa, 2011.

Em São José do Triunfo, a Festa do Rosário é feita na Igreja do distrito. Segundo o Rei Congo, a Igreja de São José do Triunfo foi consagrada para Nossa Senhora do Rosário devido à realização do festejo ali. Portanto, na porta principal da Igreja tem a imagem da Santa do Rosário e de São José do Triunfo. Durante a Festa do Rosário, os “congadeiros”³ passavam por esta porta para saudar esses santos.

A Festa é composta pelos seguintes elementos: Novena, Levantamento do Mastro, Alvorada Festiva, Almoço e Missa Festiva. Os cortejos realizados pela Banda de Congo atam

³ Os termos entre as “aspas” ao longo deste trabalho se referem as falas dos/as meus/minhas interlocutores/as e, também, remetem às citações de autores/as da literatura utilizadas nesta pesquisa.

todos esses acontecimentos. Nesse sentido, meu objetivo central foi analisar a Festa de Nossa Senhora do Rosário a partir desses elementos que a constituem.

No primeiro capítulo, me dediquei a explicar o modo como esta pesquisa foi construída, indicando os caminhos que me fizeram aproximar da Banda de Congado em São José do Triunfo e, também, aponte o percurso metodológico percorrido da pesquisa, ressaltando a utilização da observação participante e de entrevistas.

No segundo capítulo, ousei definir o que é tido como Congado a partir das concepções de autores/as postas em diálogo. Em suma, apontam para o caráter sincrético da devoção aos santos católicos, com centralidade em Nossa Senhora do Rosário, utilizando elementos da africanidade para a manifestação da fé. Também fiz uma breve discussão teórica retomando, a partir de bases históricas, o modo como aconteceu a constituição diaspórica do ato de coroar reis negros/rei congo e suas principais características. Para finalizar o capítulo, tracei os aspectos gerais e singulares que permeiam a Festa do Rosário em São José do Triunfo, salientados através da produção de análises sobre a composição da Banda de Congado e as funções desempenhadas, a composição da Banda durante os cortejos, a composição do Reinado Festeiro e Permanente e suas relações, a associação constante da palavra e do corpo por meio da dança, do canto e dos toques para a devoção/oração dos “congadeiros”, os objetos simbólicos, as vestimentas e suas etiquetas. Esta última parte é de fundamental importância para a compreensão do restante da pesquisa.

No terceiro capítulo, apresentei os aspectos da organização e preparação da Festa do Rosário em que a reunião e o ensaio ganharam maior destaque. A Novena do Rosário foi inserida nesta parte, pois sua realização antecipa em nove dias a celebração da Festa. Nela pude abordar as sequências das orações que orientam sua realização. Na reunião são pontuadas principalmente informações sobre o cartaz de divulgação da Festa, a decoração das ruas e a elaboração do trajeto que a Banda de Congo irá percorrer. No ensaio é evidenciado o caráter de ensino e aprendizagem da história da Festa em São José do Triunfo, as danças e as músicas.

Por fim, no quarto capítulo, me dediquei a analisar os elementos que estruturam e constituem a Festa do Rosário em São José do Triunfo: Levantamento do Mastro, Alvorada Festiva, Almoço e Missa Festiva. De maneira geral, o levantamento do mastro é o anunciador da grande festa; o cortejo na alvorada divulga a festa para a comunidade; o almoço é o principal momento de alimentação e na missa que acontece a troca de coroa entre os Reinados. Nesta parte do trabalho foco na análise das transformações das ruas, nos ritos de passagens, na

inversão dos papéis sociais, prestígio e poder que emana dos Reinados, interações entre santa e devotos/as, a dimensão sacrificial, o poder das palavras e dos elementos sincréticos.

CAPÍTULO 1 – A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA

1.1 – Caminhos para se chegar ao campo

Presenciei a Festa de Nossa Senhora do Rosário pela primeira vez em Viçosa/MG, no distrito de São José do Triunfo, em 2016, quando eu tinha 20 anos, a convite de um amigo. Em minha cidade de origem, Ituiutaba/MG, nunca havia acompanhado, os festejos do Congado, apesar da existência de vários grupos. Esse meu distanciamento, apesar da abundância de grupos localizados na minha cidade e arredores, esteve relacionado, por um tempo, à tradição protestante no meu seio familiar, que exercia grande proibição à minha participação em atividades festivas relacionadas ao catolicismo. Em outro momento, esteve ligado à minha ruptura total com o protestantismo e meu afastamento de todo e qualquer circuito religioso.

Essa reaproximação com o campo religioso como admiradora e não como praticante surgiu, principalmente, através da minha presença em algumas festividades “populares”. As festas religiosas em que pude estar presente em Viçosa/MG e região foram a Festa de Nossa Senhora do Rosário (2016, 2017, 2018 e 2019), Festa de São João (2015), Festa de Santa Rita (2016 e 2017) e Festa de São Jorge (2018 e 2019). Porém, ao longo desses anos meu principal interesse era presenciar, conhecer e me divertir nessas festas.

Dentre esses festejos, os que estive mais próxima foram as Festas de Nossa Senhora do Rosário. Primeiro, porque entre os anos de 2016 e 2017 participei como bolsista do projeto de extensão “CineMIRE: sob olhar antropológico”, juntamente com bolsistas voluntários. A proposta deste projeto era exibir e debater filmes independentes com diversas temáticas, incluindo o de negritude. Por esse tema exibimos duas sessões de filmes relacionados ao Congado. Uma vez, no cinema comercial de Viçosa/MG, para os grupos Banda de Congo José Lúcio Rocha e Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São José do Triunfo, e outra vez na escola pública do distrito de São José do Triunfo para toda comunidade, especialmente, para os integrantes da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. Este último grupo foi com o qual dialoguei para a construção desta pesquisa. Segundo, porque recebi um convite, acompanhada de outros/as colegas do curso de Ciências Sociais, para produzir um filme etnográfico sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Airões, distrito de Paula Cândido/MG, filme intitulado

“Soldados de Maria”⁴. Tudo isso proporcionou que eu acompanhasse mais as Festas do Rosário, muitas vezes, fotografando os festejos.

Além disso, estar nas Festas de Nossa Senhora do Rosário, desde sempre, me causava certas inquietações mediante a experiência de vivenciá-la. Por um lado, o modo como a fé era demonstrada através de cantos, danças e músicas se distanciava bastante da maneira tradicional em que eu estava acostumada na religião protestante pentecostal. Por isso, estar presente nas Festas do Rosário ampliou meu olhar sobre as diversas maneiras de celebrar a fé. Em outras palavras, participar e observar a festividade abriu leques sobre a pluralidade em que as pessoas vivem suas vidas e demonstram sua devoção. Ademais, quando já estava em campo realizando a pesquisa, tive algumas dificuldades de compreender os ritos litúrgicos do catolicismo devido minha recente aproximação com esta religião.

Como já conhecia o Rei Congo, mestre do Grupo de Congado, através das atividades desenvolvidos com os filmes e a presença nas Festas do Rosário, eu tinha o número do seu telefone. Achei que seria interessante iniciar um diálogo com o Rei Congo devolvendo-o algumas fotos dos festejos que ainda estavam comigo. Liguei, apresentei-me e perguntei se poderia ir até a sua casa entregar o CD com as fotos que havia tirado em 2016, visto que as físicas já haviam sido levadas. O Rei Congo, muito gentil, permitiu que eu fosse, porém, não se lembrava de mim, pois nossa última conversa tinha sido há alguns anos, em 2017, para convidá-los para participar das sessões de filmes. Enfim, minha primeira visita, após novos interesses, foi marcada para o dia 25 de abril de 2019, quinta-feira. Hoje reconheço/percebo que as ditas “saídas exploratórias” para conhecer os/as interlocutores/as já estavam sendo realizadas mesmo que meus interesses iniciais não fossem de estabelecer diálogo para a construção desta pesquisa (ROCHA e ECKERT, 2008; SAÉS, 2013).

As fotos que eu tirava das Festas do Rosário e depois o fato de tê-las entregues, sem dúvida, foram elementos importantes de aproximação com a Banda de Congado para a realização desta pesquisa, sobretudo, com o Rei Congo. Durante nossas conversas iniciais pude perceber um certo nível de contentamento do Rei Congo em saber que as festas estavam sendo registradas e, além disso, que ele e os/as outros/as congadeiros/as pudessem ter acesso a elas, pois ele me contou com pesar o fato de que o fotógrafo, que constantemente fotografava e filmava as festas ficou doente e não pôde mais assumir este compromisso. Outro fator que envolvia as fotos e a questão de criar proximidade diz respeito à algumas pessoas, em especial

⁴ A realização do filme etnográfico “Soldados de Maria” está vinculada ao Laboratório de Antropologia Visual do Departamento de Ciências Sociais – UFV sob coordenação do professor Marcelo José Oliveira.

as mães, que me procuravam para que eu enviasse as fotos de seus/as filhos/as para elas, alegando que “todo mundo tem foto do meu filho menos eu”. Devido a esses contatos iniciais, considerei interessante elaborar um projeto de pesquisa sobre o Congado.

1.2 – Percurso metodológico

Esta pesquisa foi elaborada a partir do trabalho de campo realizado sistematicamente entre os meses de abril e outubro de 2019⁵. O sentido antropológico atribuído ao “trabalho de campo”, nos termos da antropóloga Urpi Montoya Uriarte (2012, p. 5), constitui-se em “não apenas ir e ver ou ir e pegar amostras, mas algo mais complexo: uma co-residência extensa, uma observação sistemática, uma interlocução efetiva (língua nativa), uma mistura de aliança, cumplicidade, amizade, respeito, coerção e tolerância irônica”. Em outras palavras, o trabalho de campo “consiste em estabelecer relações com as pessoas”. No caso desta pesquisa, os diálogos e relações compartilhadas foram com os/as congadeiros/as que organizam e realizam a Festa de Nossa Senhora do Rosário em São José do Triunfo.

A observação participante, sobretudo, foi utilizada neste trabalho de campo. Para muitos/as estudiosos/as, a observação participante, difundida por Malinowski em sua obra “Argonautas do Pacífico Ocidental” no século XX, contribuiu para novas formas de estabelecer e conceber as pesquisas na antropologia (CALLONI e SILVEIRA, 2007; SILVA, 2000; URIARTE, 2012). Em síntese, esse método consiste em estabelecer relações com pessoas do grupo em que se deseja realizar pesquisa através da convivência e por meio da observação e escuta atenta (Rocha e Eckert, 2008), de maneira geral, interpretar o modo como as pessoas vivem e se relacionam⁶.

A intenção desta pesquisa foi realizar, como denomina o antropólogo Clifford Geertz (2008), uma “descrição densa”, articulando a argumentação teórica e elementos descritivos para produzir análises sobre a Festa do Rosário em São José do Triunfo. Nesse sentido, o “estar lá” e, mais do que isso, levando a sério os diálogos e concepções dos/as interlocutores/as, nortearam metodológica e teoricamente esta pesquisa (Geertz, 2009; 1997).

Para a construção teórica, fiz levantamento bibliográfico de produções acadêmicas realizadas a respeito do Congado no Banco de Teses da Capes - Coordenação de

⁵ Como ressaltei, eu já conhecia a Festa do Rosário e havia feito fotografias de festejos anteriores à 2019. Sendo assim, irei utilizar algumas dessas fotos ao longo trabalho.

⁶ Entretanto, é importante ressaltar que as discussões do campo antropológico no século XX, propiciadas principalmente pelas críticas feministas e decoloniais, colocavam em cheque vários pressupostos que embasavam a antropologia e lançavam diversas questões, como a autoridade etnográfica, relações de poder imbricadas na produção das pesquisas, a neutralidade para a escolha dos temas e grupos a serem pesquisados e os conflitos que giravam em torno da realização das pesquisas. (CALDEIRA, 1988; CALLONI e SILVEIRA, 2007; SILVA, 2000).

Aperfeiçoamento de Pessoal Docente, lançando os termos “Congado”, “Festa de Nossa Senhora do Rosário”, “Congado e Antropologia” e “Congado e Rituais”. Também fiz levantamento no Repositório Institucional da Universidade Federal de Viçosa (Locus-UFV) buscando por “Congado e Zona da Mata”, “Congado e São José do Triunfo”. Ao mesmo tempo em que realizei o trabalho de campo.

A observação participante foi realizada a partir de visitas frequentes principalmente na casa do Seu Manoel ⁷ e Dona Luiza, respectivamente Rei Congo e sua esposa, também congadeira, mas não Rainha Conga. Além das visitas regulares, eu também compareci no festejo do “12 para o 13 de maio”, na reunião de preparação da Festa, no Ensaio da Banda para apresentação na Festa⁸, na Novena do Rosário e na própria Festa do Rosário. Em momentos como a Reunião e do Ensaio, o Rei Congo fez questão de me apresentar para o restante da Banda. Referindo-se a mim dizendo: “ela está acompanhando a gente”. Apesar de ele não utilizar o termo “pesquisadora”, a minha presença ali estava subentendida com finalidade de realizar pesquisa⁹. É interessante perceber que o ato de me apresentar já demonstra que a minha presença neste meio não é neutra ou até mesmo invisível (Silva, 2000).

Eu também pude realizar algumas entrevistas com pessoas consideradas importantes dentro da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário. O contato das pessoas para a realização das entrevistas foi, em sua maioria, mediado pelos meus principais interlocutores/as, Seu Manoel e Dona Luiza. Ao dizer que eu gostaria de fazer entrevista com o Padre Celebrante da “Missa Festiva” e com as rezadeiras, Dona Augusta e Dona Tereza, esses interlocutores prontamente fizeram contato com essas pessoas. Essa interseção indica a importância de receber apoio de figuras centrais/respeitadas em campo, como aponta Foote-Whyte (1980).

As entrevistas aconteceram dentro do contexto das práticas comunicativas com os/as interlocutores/as. Porém, em vários momentos tive algumas dificuldades em realizar entrevistas estruturadas, como havia feito com outras pessoas. Apesar de não ter feito entrevistas estruturadas e por isso não ter havido uma pausa durante os encontros para que elas fossem realizadas, foram nas conversas e observações cotidianas que obtive respostas para algumas

⁷ Para garantir o sigilo dos/as meus/minhas interlocutores/as optei por colocar nomes fictícios. Assim, ao longo desta pesquisa os nomes que surgirem serão figurativos.

⁸ O termo “apresentação” é cunhado pelos próprios/as “congadeiros/as” para designar a atuação da Banda de Congado na Festa do Rosário.

⁹ Esse entendimento pela Banda de Congado, através da figura do Rei Congo, de que a minha presença tinha por finalidade a realização de uma pesquisa faz com que o direito reservado aos/as interlocutores/as de saberem sobre a natureza da pesquisa seja garantido, como aponta o Código de Ética dos Antropólogos, previsto pela Associação Brasileira de Antropologia.

perguntas. Nesse sentido, a antropóloga Jeanne Favret-Saada (2005) tece críticas sobre a forma exclusivamente verbal em que os/as pesquisadores/as e interlocutores/as se comunicam.

O olhar e a escuta, como ressalta o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira (1996), são parte constituintes do trabalho do/a antropólogo/a. Essas faculdades cognitivas são mobilizadas pelo trabalho de campo de modo a contribuir para a interpretação da realidade social, mas precisam ser compreendidas de maneira complementar. O antropólogo Michael Herzfeld (2014) aponta para a importância de ampliar os sentidos sensoriais (visual, audição, olfato, tátil, paladar) nas pesquisas antropológicas. Nessa perspectiva, quando me proponho a descrever e analisar a Festa de Nossa Senhora do Rosário é interessante expandir os sentidos diante dos múltiplos estímulos produzidos pela Festa através das músicas, das danças, das comidas, dos cheiros, das cores.

É importante salientar que, como se trata de analisar uma festa, me inspirei nas questões metodológico-organizativas propostas pela antropóloga Rita Amaral (2012), pois a mesma possui grande importância para a constituição analítica do campo festivo brasileiro. Segui orientações presentes na “ficha catalográfica para o registro de evento festivo” elaborada pela autora. Nesta ficha, estão indicados alguns aspectos básicos que constroem as festas e que são dignos de observação e análise, alguns deles são: dias, horários e locais de realização da festa, origem histórica e mitos relacionados à festa, presença de procissões, personagens fantasiados com trajes especiais, representações públicas, cenário e decoração, aspectos musicais, danças, eleição, elementos significativos, gastronomia, gêneros e seus papéis na festa. Segundo Rita Amaral (2012, p. 85), “essa tentativa de organização catalográfica dos dados sobre o campo festivo é bastante elementar, ainda, como se pode notar, e diz respeito apenas ao que pode ser observado em campo e documentos”.

A Festa do Rosário, assim como outras festas, são permeadas por diversos momentos e acontecimentos, que muitas vezes são simultâneos. Por exemplo, enquanto eu estava acompanhando a “Alvorada Festiva” várias pessoas, sobretudo mulheres, estavam preparando as comidas do festejo. Nesse sentido, é necessário apontar que não houve condições reais para que a participação em um único evento festivo como pesquisadora fosse possível para captar as várias facetas da festa, por isso, privilegiei em minhas análises os aspectos gerais da composição da Festa do Rosário.

CAPÍTULO 2 – ENTRELAÇAMENTO DE HISTÓRIAS E RELAÇÕES: CONGADOS, COROAÇÃO DE REIS NEGROS E FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO EM SÃO JOSÉ DO TRIUNFO

“foi na beira do mar onde o negro chorou/
quando viu Nossa Senhora no mar enfeitada de flor/
foi na beira do mar, onde o negro chorou”

“ó, Senhora do Rosário os anjos do céu te veja/
nós vamos havemos de levar do mato para a Igreja”

Cantos da Irmandade de
Nossa Senhora do Rosário
de São José do Triunfo

2.1 – Diálogos entre as definições de Congado

As Festas de Nossa Senhora do Rosário, de maneira geral, encantam devotos e visitantes com suas cores, vestimentas, danças, instrumentos, cantos, rezas e devoção. A Santa do Rosário é fervorosamente adorada pelos/as “congadeiros/as” durante a festa. Para que os festejos sejam realizados, é necessária uma constante mobilização e organização pelos/as participantes da festa, principalmente nos preparativos.

Os Congados¹⁰, segundo a pesquisadora Leda Maria Martins (2006), são sistemas religiosos sincréticos, que se caracterizam por uma devoção de santos católicos em rituais com várias características africanas. Esses sistemas reinterpretem as travessias de pessoas negras do continente africano ao continente americano para serem escravizadas, através da “instauração de um império negro, no âmbito do qual autos e danças dramáticas, coroação de reis e rainhas, embaixadas, atos litúrgicos cerimoniais e cênicos criam uma performance mitopoética” (MARTINS, 2006, p. 68).

O cientista social Daniel Albergaria Silva em diferentes trabalhos (2009; 2014; 2016), define os Congados como grupos que fazem cortejos em algumas festas dedicadas à Nossa Senhora do Rosário, “onde através do canto, da dança e da manipulação de objetos simbólicos

¹⁰ Segundo Martins (1997, p. 31), existe uma diferença entre Congados e Reinado, ambos são terminologias recorrentes e importantes no contexto da Festas de Nossa Senhora do Rosário. Os Congados são todos os grupos que celebram e festejam africanamente alguns santos católicos. Já os Reinados constituem os rituais de coroação de reis e rainhas no contexto dos Congados. Porém, como aponta Martins (1997) “as cerimônias do Reinado de Nossa Senhora do Rosário [são], popularmente, conhecidas como Congado.

festejam santos não apenas católicos, coroam Reis Congos e dialogam com outros grupos de congado”. Nesse sentido, apesar de existir um foco na celebração à Nossa Senhora do Rosário, os Congados festejam outras santidades, como São Benedito e Santa Efigênia.

Além disso, cabe ressaltar que os Congados são diversos. Existe algumas variações de grupos, sendo os mais conhecidos os Congos, Moçambiques, Candombes, Catopês, Marujos e Caboclos. Em resumo, as diferenças referem-se às “características das indumentárias, dos instrumentos, dos toques musicais, das cantigas, das danças realizadas e demais movimentos rituais” (SILVA, 2014, p. 12). Porém, apesar das diferenças explicitadas, segundo Martins (1997, p. 21), as narrativas e as suas reelaborações sobre o mito de aparecimento da imagem de Nossa Senhora do Rosário são uma das “representações simbólico-rituais” compartilhada em comum por todos os Congados. A pesquisadora Núbia Pereira de M. Gomes e o pesquisador Edimilson de Almeida Pereira (1988, p. 102) salientam que a reelaboração desse mito, amparadas nas mitologias africanas, “colocou o negro na posição de agente dentro da narrativa mítica”.

A antropóloga Patrícia Trindade da Costa (2006, p. 63) compreende os Congados enquanto fenômeno religioso matizado, isto é, que adquire caráter híbrido. Porém, essa forma religiosa expressa pelos Congados contesta a “religiosidade oficial” e se realiza à margem da oficialidade. Por isso, o sentido de “festa popular” lhe é conferido, expressando a “religiosidade popular” por meio do questionamento do poder oficial religioso¹¹.

Gomes e Pereira (1988) afirmam que o Congado é composto de características culturais africanas e europeias que se fundiram em especificidades no território brasileiro. Nesse sentido, a historiadora Marina de Mello e Souza (2002) exemplifica que essa fluidez de elementos simbólicos que permeavam essas culturas foi transferida para as vestimentas dos Reis Congos, pois o luxo e a pompa dos trajes europeus se misturaram às cores vibrantes das roupas africanas. Além disso, tanto na Europa quanto na África os monarcas eram entendidos como seres com forte ligação divina, por isso o rei exercia o papel central no comando dos reinos, junto com todos os aparatos que legitimam sua majestade, como, coroa, mordomos, príncipes e bastões. Esse poder concedido aos reis se imbrica simbolicamente nos rituais de coroação de Reis Negros.

“Utilizando-se da mesma simbologia do poder das sociedades africanas e da portuguesa, o reinado festivo cumpria a razão maior da festa, de interrupção do ritmo cotidiano, de suspensão temporária da ordem estabelecida, de inversão de hierarquias,

¹¹ Reconheço que existe uma ampla discussão teórica nas ciências humanas sobre “cultura popular” e “religião popular”, mas que nos limites desse trabalho não foi possível adentrar neste debate.

de extravasamento de tensões, de exercício do excesso, de confraternização comunitária”. (SOUZA, 2002, p. 228)

É interessante perceber que a diferenciação entre o cotidiano e o extra cotidiano ressoa através das vestimentas, adorno das ruas, coroas, capas. Através dos objetos simbólicos é expressa a instauração do poder negro. Costa (2006, p. 68) aponta para o Congado como “reconhecimento público aos negros”.

2.2 – Breve apontamento histórico acerca da Coroação de Reis Negros

Histórias. Narrativas. Perspectivas. De quais perspectivas narramos as histórias? Sabemos que o Brasil é um país que se fundou enquanto nação amparado em diversos processos sociais que marcaram amplamente a constituição de sua história, por exemplo, os longos períodos de colonização, escravidão e genocídios dos povos originários.

Frente à construção histórica e social do Brasil, as festas foram consumadas como parte vigente da sociedade brasileira. A antropóloga Rita Amaral (1998, p. 7) elenca as festas como “um forte elemento constitutivo do modo de vida brasileiro”, atribuindo que cada grupo e contexto produzem significados diferentes para as festividades.

O geógrafo Patrício Sousa (2011, p. 2002) aponta que a origem do Congado se deu a partir do “cruzamento cultural e simbólico” de elementos presentes nas culturas europeia e africana no “encontro forjado” que antecede o tráfico de negros escravizados ao Brasil. Dessa maneira, o percurso histórico afro-brasileiro se constituiu ainda em terras africanas datada no século XV.

O contato entre os portugueses e os diversos povos da África Ocidental e Centro-Ocidental, segundo a historiadora Marina de Melo e Souza (2002), aconteceu dentro dos planos de expansão territorial de países europeus na busca por novas terras. Neste cenário, a divulgação do cristianismo também está prevista no ideal expansionista e colonial. Souza (2002) indica que assim como os portugueses buscavam a expansão do território, os reinos africanos, como o do Congo, se encontravam em constante processo de ampliação cultural e geográfica.

Apesar do mútuo interesse de expansão, o Reino do Congo e o de Portugal efetivaram seus planos expansionistas de maneira diferente: enquanto o Reino do Congo enxergava os portugueses pela via da “troca e intercâmbios”, Portugal objetificava e materializava o Congo como “um território e um povo que forneceria meios para que seus objetivos de expansão territorial e econômica fossem viabilizados e para que o processo de evangelização que

comandava obtivesse sucesso” (SOUSA, 2011, p. 203). Nesse sentido, Souza (2002) e Martins (1997) apontam para a desumanização e coisificação que negros africanos sofreram ao serem submetidos forçadamente às travessias oceânicas para as “novas terras” cercados de outros indivíduos que não possuíam o mesmo sistema cultural.

Martins (1997, p. 24) assinala que a configuração de significados dados aos indivíduos negros que chegaram ao Brasil era conotada a partir da “visão de mundo etnocêntrica e eurocêntrica”. Gomes e Pereira (1988, p. 87) também indicam que a trajetória do/a negro/a escravizado/a foi marcada por processos de violência que tangenciaram sua “condição de objeto”, pois não eram sujeitos de direito e conviviam com a imposição de valores religiosos que diferiam de suas tradições. Entretanto, apesar de todo sofrimento causado pelo processo violento gerado pela escravidão, negros e negras se articulavam para produzir ações de resistência frente às tentativas de dominação colonial.

Consoante com Sousa (2011, p. 206), “foi nesse contexto que se inseriram as festas de coroação de reis como instrumentos mantedores das possibilidades de sobrevivência cultural e simbólica dos negros e negras escravizados no Brasil”. Souza (2002) salienta que as festas de eleição de reis negros estiveram presentes em praticamente todos os lugares por onde negros africanos foram levados à força, como Espanha, Portugal, e América do Norte, porém, se estabeleceu em maior proporção no território brasileiro desde o início do século XVII. Ganhou maior evidência no século XVIII, sofreu transformações na virada do período imperial para a constituição da República e continua acontecendo ainda na atualidade em vários lugares do Brasil, especificamente em Minas Gerais. Os motivos e as funções para a eleição/coroação de reis¹² se deram, principalmente, a partir de suas características de produzir transformações na sociedade como um todo.

“[...] a válvula de escape ao fornecer uma possibilidade de descompressão da dura vida cotidiana; a de contribuir para a estabilidade social, reafirmando hierarquias por meio de um rito de inversão, nos moldes propostos por Victor Turner; e a possibilidade de construir uma identidade a partir da solidariedade e de um passado comum”. (SOUZA, 2002, p. 178)

Souza (2002) indica que foi, predominantemente, na esfera das “irmandades de homens pretos” que as festas de coroação de reis negros aconteciam. Essas irmandades exerciam papel muito importante no âmbito do período colonial ao fazer a ponte entre Estado Absoluto e Igreja

¹² O termo eleição e/ou coroação de reis e rainhas, cunhado por Souza (2002), se refere ao processo de escolha anual do reinado no interior de cada Irmandade de “Homens Pretos”. Para assumir o posto de reis e rainhas era preciso despojar de algumas exigências estipuladas dentro de cada Irmandade, por exemplo, ter condições de bancar as despesas das festas para os santos padroeiros. É interessante pensar no termo “escolha” para este contexto, pois historicamente reis e rainhas não são escolhidos, mas herdada a realeza.

Católica, bem como ao desempenhar ações voltadas para benfeitorias sociais que estabeleciam laços de ajuda mútua para garantir mínimos acessos, como ao funeral digno. Gomes e Pereira (1988) destacam que negros e negras assumiam dentro das Irmandades a postura de aceitação e dissimulação. A primeira se refere ao impedimento pelo poder religioso oficial, da Igreja Católica, de desvencilhar o culto católico a suas práticas religiosas. O segundo indica a dissimulação no sentido de, mesmo sendo católico, os/as negros/as vivenciavam experiências religiosas originárias das matrizes africanas. Nesse sentido, “o negro viu-se obrigado a criar dentro do catolicismo o seu espaço de vivência religiosa” (GOMES e PEREIRA, 1988, p. 110).

Souza (2002, p. 194) ressalta que as festas de coroação de reis “servia de elo entre a comunidade negra e um passado idealizado”. Martins (2006, p. 68 e p. 36) também indica que o festejar dos Congados traz em suas micropoéticas as narrativas das travessias transatlânticas de negros africanos para o continente americano, porém na perspectiva da “instauração de um império negro”, sendo assim, “rematizam a África em terras d’América”. Além disso, segundo Souza (2002), o tráfico de diversos povos provocou a destruição dos laços familiares existentes. A eleição de reis negros pode ser vista como uma estratégia para a reconstrução de novos laços e coesão entre esses diferentes povos.

Dessa maneira, os festejos de coroação dos reis negros são apontados por Souza (2002) como elementos que originaram uma nova identidade negra brasileira, fundada no cristianismo e com bases profundamente africanas devido à diáspora resultante do tráfico de negros escravizados.

O Congado, como concebemos atualmente, é produto das diversas festas que aconteciam no âmbito de cada irmandade de homens pretos para a coroação de seus próprios reis. Como havia a estratégia de recriar os laços perdidos frente a todo processo violento de escravização, os negros buscavam maneiras de se fortalecerem enquanto grupo identitário. Por isso, segundo Souza (2002), eles elegeram o Rei Congo para abarcar a diversidade cultural das nações africanas sob essa cifra. A autora ainda coloca que a sobreposição do Rei Congo a outras nações tem a ver com as relações estabelecidas entre o reino do Congo e Portugal e com a maneira como a constituição da identidade negra católica aconteceu no Brasil:

“assim, se para os negros oriundos da África Centro-Occidental o reino do Congo tinha um papel simbólico, que remetia não só ao processo de conversão ao catolicismo, como a força de um reino unido e respeitado pelos seus vizinhos e pelos reinos europeus, também para os portugueses ele tinha significados especiais. A importância na construção de uma imagem do império português forte, espalhado pelos quatro cantos do mundo e fundado na disseminação da fé católica” (SOUZA, 2002, p. 262)

Neste sentido, as festas de coroação de Rei Congo se inseriram nas regiões em que receberam maior população africana da etnia banto¹³, pertencentes aos bacongós, originários do Reino do Congo. Os mais antigos registros da festa de eleição de reis negros no Brasil datam de 1674, em Recife, visto que a festividade já acontecia na América portuguesa e em Portugal. Porém, a prevalência da coroação do Rei Congo foi a partir do século XIX. Juntamente com a ação de coroar os reis havia, o ato de celebrar os santos católicos, principalmente Nossa Senhora do Rosário. (SOUZA, 2002; GOMES e PEREIRA, 1988)

A santa do Rosário cultuada nas coroações de reis do Congado por negros católicos originou-se da devoção dos cristãos dominicanos desde o século X, de acordo com Martins (1997). Os dominicanos repercutiram a fé no rosário da Virgem Maria mediante as constantes lutas vitoriosas para a evangelização dos pagãos. O rosário era visto como força que ajudava nas ações evangelizadoras, refletindo na expansão do cristianismo para regiões da Europa e da África. O culto à Nossa Senhora do Rosário representa, então, a vitória dos cristãos sobre os pagãos. Segundo Souza (2002), o rosário de Nossa Senhora teve bastante aceitação entre africanos pela sua semelhança ao “rosário de Ifá” amplamente difundido por sacerdotes africanos.

Assim, como aponta Souza (2002), os rituais performáticos e litúrgicos de coroação do Rei Congo e de celebração de Nossa Senhora do Rosário perpassam a memória da ancestralidade africana em um ponto de vista cristianizado em que os grupos de Congado, amparados pelas irmandades negras, sincronizam elementos culturais europeus e africanos. Martins (1997, p. 40) compreende que “a devoção aos santos católicos se reveste de instigantes significados, pois as divindades cristãs tornam-se transmissores da religiosidade africana, barrada pelo sistema escravocrata”.

Martins (1997, p. 41) destaca a “reposição e a reversibilidade” como características fundantes dos rituais constituintes dos Congados, pois as narrativas que os formam “traduz o negro como signo de conhecimento e agente de transformações”. As possibilidades para que negros e negras pudessem grafar, recriar e inscrever a reversibilidade está na estruturação do cenário ritual de louvor à Nossa Senhora do Rosário através das novenas, cortejos, levantamento de mastros, danças dramáticas e coroação de reis.

¹³ Segundo Souza (2002), o termo banto designado para a população negra que residia principalmente na região da África Centro-Occidental se refere ao modo como os colonizadores os nomeavam e não como eles mesmo se identificavam. Além disso, cabe ressaltar que existe uma ampla discussão acerca dos bantos, como aponta Silva (2016), porém, não foram exploradas neste trabalho.

Martins (1997) salienta que o mito de aparecimento de Nossa Senhora do Rosário funda e orienta os rituais do Congado. Mesmo que ele apresente algumas diferenças entre os grupos congadeiros, o fio condutor da história perpassa pelo aparecimento da Santa em determinado lugar, comumente o mar, e pela tentativa de senhores brancos buscarem-na e apenas negros escravizados conseguem retirá-la com seus tambores e danças.

Essas narrativas históricas/gerais são importantes para as reflexões que irei desenvolver a partir de minha pesquisa de campo. Muitas dessas histórias míticas são reatualizadas na fala de alguns/as de meus/minhas interlocutores/as, como, exemplifica o caso de Dona Andreza. Essa senhora, congadeira, conta a história do mito de aparecimento de Nossa Senhora do Rosário a partir do seguinte enredo: “Quando os escravos acharam ela lá, eles arrumaram a dança... mas só foram homens. As mulheres ficaram envolvida na reza, na oração. E os homens ficaram encarregados de buscá-la, de arrumar uma maneira de trazer ela de lá, (...) trazer ela pra igreja, então eles fizeram uma dança com tambor, com viola, com cantos e foram lá buscar... **mas foram buscar onde?** No mato, onde eles acharam. Eles acharam ela no mato. Diz que um caçador tava caçando, buscando lenha, ai diz que viu essa santa lá e achou muito bonita. Toda vez que ia, via ela lá dentro *daquele* mato. A escravidão na época era muito dolorosa, era muito dura, né, a pessoa sofria muito... mas chegou uma época que eles ‘espera lá, nós também tem nossa vez, né’ então foram... arrumaram essa convocação (...) como é que nós vamos trazer ela de lá... uma coisa alegre, uma coisa que seja alegre. (...) então arrumaram essa dança com um tambor, uma viola e um canto, e com essa eles conseguiram trazer ela de lá do mato para a igreja (...) conseguiram trazer ela de lá pra igreja através do canto. E fizeram esse propósito (...) de homenageá-la todo ano (...) comemorando aquele dia dela”.

Apesar de algumas variações, principalmente em relação ao lugar de aparecimento da santa, esta história apresenta os seguintes elementos: “1º) descrição de uma situação de repressão vivida pelo negro escravizado; 2º) A reversão simbólica dessa situação com a retirada da santa das águas, capitaneada pelos tambores e 3º) a instituição de uma hierarquia e de um outro poder (repossessão), o africano” (MARTINS, 2006, p. 72).

No contexto festivo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de São José do Triunfo a recriação e instauração de novas perspectivas pautadas no poderio africano são percebidas através de falas como a de Dona Andreza, que diz “o mês de outubro é nosso”, ao se referir a esse mês como sendo dos “congadeiros”. As rezadeiras se orgulham quando dizem que “as novenas do Rosário são as mais cheias” e “que são as que mais movimentam a Igreja”. Nesse sentido, essas falas demonstram a propagação e a disseminação do poder negro que ecoa do

Congado e que se sobrepõem simbolicamente às condições de subalternidade que a população negra foi submetida historicamente.

Ao dialogar com o Padre¹⁴ que celebra a “Missa Festiva” em São José do Triunfo, o mesmo fez uma reflexão interessante ao apontar que outras histórias míticas de Santos e Santas, por exemplo, Nossa Senhora de Nazaré em Belém, Nossa Senhora Aparecida no Paraná, bem como de Nossa Senhora do Rosário em Minas Gerais, confrontam e questionam o poder oficial e elevam a figura do oprimido. Segundo o Padre, nessas narrativas míticas são comuns os/as santos/as serem encontrados/as por pessoas que passam por algum processo opressivo. O poder religioso (figura do opressor) tenta levá-los/as aos lugares oficiais de manifestação da fé e eles/as voltam para o mesmo lugar onde foram encontradas, pois só aceitam serem resgatados/as pela figura do oprimido.

A imagem vai ser encontrada num local por pessoas pobres, por pessoas marginalizadas, por pessoas que têm sua tradição, sua cultura, sua herança negada. Ali vai se começar um movimento, este movimento vai ser incorporado, vai ser assimilado, vai ser aceito pela oficialidade católica (Entrevista, Padre Celebrante, 20/10/2019)

Segundo o Padre, uma das possíveis interpretações para esses fatos é que os/as Santos/as, ao negarem serem levados/as pela figura do opressor, estão reivindicando todo um sistema de desigualdade. Nesse sentido, é plausível traçar um paralelo entre a reversibilidade tratada por Martins (1997) e os apontamentos do Padre. Ademais, as perspectivas de reversibilidade e da instauração do poder africano a partir dos rituais do Congado permearão as interpretações acerca da Festa de Nossa Senhora do Rosário de São José do Triunfo em Viçosa/MG.

2.3 – Singularidades e generalidades: elementos que compõem a Festa do Rosário em São José do Triunfo

A Festa do Rosário em São José do Triunfo é realizada em um dia específico, porém, os preparativos decorrem de uma organização anterior com base em reuniões e ensaios entre os/as integrantes da Irmandade, como será descrito na seção posterior deste trabalho. Nesta Banda de Congado, apenas homens, em sua maioria negros, sendo crianças, jovens e idosos, dançam, cantam e tocam no festejo. Apenas quatro mulheres compõem o grupo. Três executam a função

¹⁴ Em entrevista, o Padre me disse que em 1999 concluiu a formação seminarista com o trabalho intitulado “Elementos da cultura africana: da espiritualidade africana no catolicismo popular brasileiro”. Além do mais, contou que é filho da Rainha Conga e que celebra a missa nesta localidade há quase vinte anos. Para o melhor entendimento das análises realizadas nesta pesquisa, irei me referir ao padre que realiza a “Missa Festiva” como Padre Celebrante.

de bandeireiras e a quarta desempenha a função de Rainha Conga. A bandeireira não pode ser casada e tem que ser considerada jovem para ocupar esse cargo.

A Banda de Congado é composta pelas figuras do Reinado Permanente: o Rei Congo, a Rainha Conga e o Capitão. Esses são tidos como cargos vitalícios. São eles os responsáveis por comandar a estrutura da Festa e da Irmandade. Devido à idade avançada e aos problemas de saúde, a Rainha Conga atua como uma figura mais representativa e é respeitada por todos os integrantes da Banda. Outra figura que desempenha função importante na estrutura da Banda de Congado é o Rei do Meio. Ele também está à frente das decisões tomadas pelo grupo. É comum que o Rei do Meio, antes de se tornar Rei Congo, um dia ocupe essa posição na Banda.

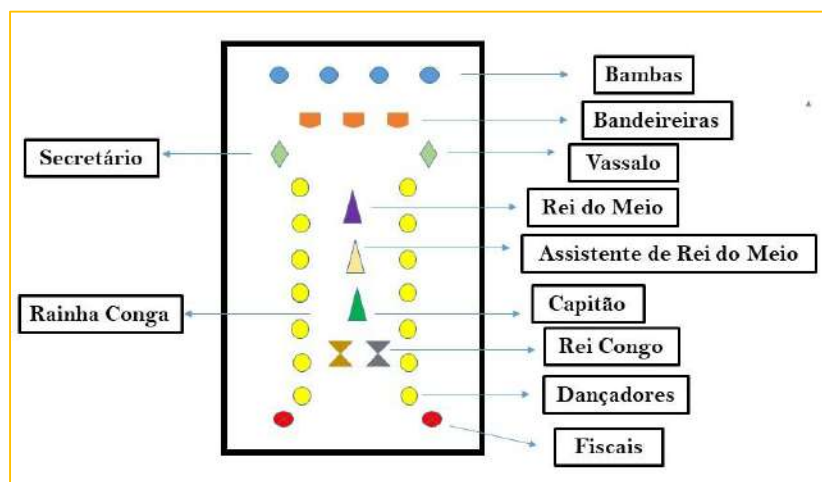
O Rei Congo e o antigo Capitão da Banda eram irmãos e moravam um ao lado do outro. Ele, o Capitão, esteve na função de 1988 até 2016, quando faleceu e seu filho assumiu seu posto. Mesmo depois de seu falecimento as reuniões e ensaios continuaram a ser realizados no quintal de sua casa, agora sob a organização de seu filho, o atual Capitão da Banda. A abertura de atividades da Festa do Rosário normalmente é iniciada em frente à casa do antigo Capitão, de onde a bandeira é retirada para compor o cortejo.

A presença das mulheres na Irmandade está associada exclusivamente aos preparativos da Festa do Rosário, com exceção da Rainha Conga e das bandeireiras, que fazem parte da Banda de Congo. As mulheres, segundo o geógrafo Patrício Sousa (2011, p. 242), são as “mentoras intelectuais do processo” que se consolida na realização do festejo. Elas estão à frente da elaboração da novena e de atos na “Missa Festiva”, da organização do Reinado, das reuniões e do preparo dos alimentos. As mulheres, mesmo sendo invisíveis nos momentos principais da Festa do Rosário, como nos cortejos, constituem os andaimes da festividade e “as ações realizadas pelas mulheres no interior do grupo acabam por gerar fissuras que criam outros lugares de colocação para a mulher” (SOUSA, 2011, p. 243). Porém, sua exclusão dos atos públicos da Festa do Congado, gerado pela normatização das desigualdades de gênero, não deixa de produzir corpos que são considerados aptos ou não para ocupar lugares de destaque dentro da Banda de Congo (SOUSA, 2011).

A composição da Banda de Congado nos cortejos das Festas de Nossa Senhora do Rosário é constituída por três bandeireiras ao centro, sendo que uma carrega a bandeira da Virgem do Rosário as outras duas seguram suas fitas nas laterais. Por quatro “bambas” que ficam sempre a frente com suas espadas, pois eles têm a função de abrir caminho e espaço para que o cortejo prossiga. Por isso, os “bambas” são sempre os primeiros a chegar em todos os

lugares que a Banda passa e/ou entra. Por um “vassalo”¹⁵ e por um “secretário” que também utilizam espadas e têm a função de proteger a bandeira. São eles que cruzam suas espadas para que a bandeira passe por baixo no início e no final de todo cortejo. Por duas filas de “dançadores” que são formadas atrás da bandeira, os quais tocam os instrumentos e fazem coros nas músicas. Os “dançadores” são ordenados pela idade, e é comum que os mais velhos fiquem na frente e os mais novos atrás. Entre as filas estão o Reinado Permanente: o Rei Congo, o Capitão, ambos coordenando a Banda, a Rainha Conga¹⁶, o Rei do Meio, responsável pelo apito, e seu Assistente, que o ajuda durante todo cortejo revezando no cantar das músicas. No final, estão os fiscais que são responsáveis por impedir que pessoas acompanham o cortejo adentrem no espaço destinado à Banda.

Figura 2: *Desenho da Composição da Banda de Congado*



Os cortejos realizados pela Banda de Congado durante a Festa do Rosário ocorrem na abertura e no encerramento da Novena do Rosário, na “Alvorada Festiva” e na busca do Reinado para a “Missa Festiva”. Porém, apenas no último cortejo os “congadeiros” vestem seus “uniformes”, isto é, se apresentam nas ruas da comunidade “fardados”. As vestimentas que compõem o “uniforme” são saiotas azuis e rosas, calça, camisa e “casquete” brancos e capacetes com fitas coloridas. Para o Rei do Meio e seu Assistente, Rei Congo e Rainha Conga acrescentam as capas rosas ou azuis. Ao Rei do Meio e seu Assistente, os “bambas”, “vassalo” e “secretário” se acrescentam as espadas. Ao Rei Congo e Rainha Conga acrescentam a coroa. A

¹⁵ O termo “vassalo” historicamente remete às relações de vassalagem e suserania no contexto feudal (Idade Média), marcadas por regras de compromisso recíproco, ajuda e fidelidade entre membros da nobreza.

¹⁶ Devido à idade avançada e alguns problemas de saúde, como dificuldade de locomoção, a Rainha Conga não acompanha mais o cortejo ao lado do Rei Congo, mas é comum que ela siga o cortejo dentro de um carro.

partir da composição do vestuário, pode se perceber que dentro da própria Banda de Congado as roupas são usadas como elementos de distinção social indicando a importância e o prestígio das funções desempenhadas, principalmente, do Rei Congo e da Rainha Conga, que utilizam coroas. Nos outros cortejos os “congadeiros” utilizam apenas o “casquete” branco. É notável uma exigência em relação às vestimentas para estar “bem arrumado/a”. As roupas limpas e passadas, as camisas abotoadas e os capacetes bem decorados com as fitas coloridas.

Figura 3: Fotos do Rei do Meio, do Rei Congo, do “Vassalo”, do “Secretário” e do “Bambas” com os “uniformes”



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.

As cores que permeiam a Festa do Rosário em São José do Triunfo são predominantemente azul, rosa e branco. Os enfeites da rua, da Igreja, os saiotes, as fitas do mastro e de sua bandeira, as cores do cartaz de divulgação da festa, dos vestidos da Corte do Reinado, das capas do Rei do Meio e seu Assistente, “bambas”, “secretário” e “vassalo” remetem às três cores que compõe as vestes de Nossa Senhora do Rosário.

Entre os objetos que compõem o universo religioso do Congado em São José do Triunfo, estão a coroa, as capas, os “uniformes”, as espadas, os bastões, a bandeira, o mastro e os instrumentos que constituem, nos termos do antropólogo Victor Turner (2005), “símbolos dominantes” presentes no ritual da Banda de Congo. Esses símbolos, segundo Silva (2010b), representam valor importante na vida religiosa dos “congadeiros” e, também, integram por si só os aspectos sagrados. Essa importância é evidenciada pelos “congadeiros” de São José do Triunfo através do cuidado com o qual esses objetos são guardados e limpos para os festejos.

Os objetos simbólicos comunicam suas funções durante o ritual festivo do Congado. Por exemplo, o mastro levantado no dia do encerramento da Novena, como descreverei no terceiro

capítulo, indica o anúncio da Festa do Rosário. Também os altares nas ruas, em maior número na Alvorada Festiva, apontam que os “congadeiros” precisam reverenciá-los através de orações, contemplação, toques e beijos. Outro exemplo é a utilização do apito, principalmente pelo Rei do Meio para iniciar ou encerrar as músicas e toques. Quando o Rei do Meio precisa chamar os “congadeiros” para compor a organização da Banda de Congo em duas filas, basta que ele acione o apito, mesmo que algumas vezes, dessa maneira, não existe a necessidade de dizer aos “congadeiros” para que se reúnam. Além disso, os objetos simbólicos também podem servir de mediadores para acessar o mundo sagrado, como indica o antropólogo Daniel Bitter (2008). No caso, principalmente, a bandeira e o manto de Nossa Senhora do Rosário.

O Reinado composto pelos Reis e Rainhas, Príncipes e Princesas “Festeiros” são nomeações que mudam de pessoas todo ano ao contrário dos Reinado considerado permanente, que ocupam a função de forma vitalícia, o Rei Congo, a Rainha Conga e Capitão. Para ser Rei e Rainha Festeiros, a máxima exigência é que sejam casados oficialmente, não necessariamente entre si; podem ser viúvos/as desde que sejam católicos. Já para ser Príncipe e Princesa, é preciso ser “jovem”, católicos e não pode ser casado/a. É o Reinado Festeiro que “trocam a coroa” na “Missa Festiva”. Desse modo, todo ano existe o Reinado Festeiro Velho e Reinado Festeiro Novo; um entrega a coroa enquanto o outro a recebe, respectivamente. A partir do momento em que o Reinado Novo recebe a coroação já é considerado Reinado Velho. O Reinado Festeiro é responsável por oferecer as refeições para a Festa do Rosário. Rei e Rainha Velhos são responsáveis pelo almoço e o Príncipe e a Princesa pelos lanches ao final do dia festivo. A eles são atribuídos os atos de grande proximidade com Nossa Senhora do Rosário, como a de coroá-la no início da Novena e de encerramento da Novena, levá-la para casa.

O Reinado também é composto por sua Corte. São jovens que, em pares, seguem o cortejo com roupas de “realeza”. As meninas com vestidos rosa, branco ou azul e os meninos com camisa social e calça preta. Eles são convidados para participar da corte. Normalmente, eles são jovens e católicos. A exigência da participação em pelo menos algum dia da Novena do Rosário é expressa pelo Rei Congo ao dizer que “não basta colocar vestido redondo”, se referindo ao vestiário das meninas que compõe a Corte. É importante comparecer nas rezas. Além disso, existe a preocupação com os trajes usados pelo Reinado. Segundo a cientista social Elisa Moura (2017, p. 21), a qual realizou pesquisa com esta Irmandade, aponta que as meninas precisam usar vestidos com manga. Em especial, as bandeireiras não podem usar “roupas chamativas” pois, de acordo com os/as congadeiros/as, “quem tem que brilhar é Nossa Senhora, pois estão servindo a ela”.

Os termos atribuídos aos integrantes da Irmandade, como, Rei, Rainha, Corte, Capitão remetem a constituição de um Reinado, como eles mesmos se intitulam. Os trajes e objetos podem ser vistos como uma forma de representar os aspectos dessa realeza, através de vestidos pomposos, capas, coroas e espadas. Nesse sentido, o cientista político Renato Janine Ribeiro (1999, p. 6) aponta que, tanto a linguagem quanto o vestuário, demonstram a hierarquização da sociedade. O Congado coloca essa hierarquia na lógica da inversão, nos termos de Leda Martins (1997), pois a sua constituição perpassa por lugares subalternos devido ao racismo sofrido pela população negra, mas que, pela construção do Reinado, instaura um poderio negro.

Ribeiro (1999) aponta para a lógica da etiqueta e das boas maneiras nas sociedades de cortes constituídas no Antigo Regime europeu, que determinavam a posição social das pessoas. Atentando ao sentido da etiqueta e das boas maneiras, o Reinado na Festa do Rosário pode ser compreendido a partir dessa perspectiva. Em São José do Triunfo, ao dialogar com alguns/as “congadeiros/as”, pude perceber regras para a participação e a organização da Banda de Congo e do Reinado, apontados anteriormente. Nesse sentido, seguir a etiqueta de ser “católico/a”, ser “casado/a”, ser “solteiro/a”, estar “bem arrumado/a” não significa apenas que a regra está sendo cumprida. Implicitamente, como indica Ribeiro (1999), são atribuídos prestígio e honra para quem segue a etiqueta, no caso, de conseguir participar da Banda de Congado.

Ao longo da Festa de Nossa Senhora do Rosário, observei o cuidado e o respeito dos “congadeiros” com as pessoas mais velhas da Irmandade. A Rainha Conga, como já mencionei, está com a idade bastante avançada e se locomove com bastante dificuldade, por isso, seus familiares a levam de carro atrás do cortejo da Banda para que ela se faça presente. Ainda sobre a Rainha Conga, é perceptível sua importância e reconhecimento, pois, em quase todos os momentos em que ela está presente, é muito comum as pessoas irem até ela para beijá-la e abraçá-la. O Rei Congo, por apresentar dificuldade ao caminhar, é constantemente auxiliado pelos “congadeiros”. Isso pôde ser observado no momento em que, ao subir no Cruzeiro seus netos, o Rei do Meio e um dos “Bambas”, o seguraram para que ele pudesse descer e subir no morro íngreme. Durante a “Alvorada Festiva”, os “congadeiros” dançaram, cantaram e tocaram na casa de uma senhora que é “congadeira”, mas que atualmente não consegue acompanhar o cortejo devido à sua saúde frágil. Para isso, os “congadeiros” tiveram que dar uma grande volta até chegar a sua casa. Um “dançador” preferiu não dançar na Festa porque sua mãe, integrante da Irmandade, não iria conseguir acompanhar o cortejo por problemas de saúde. Como não tinha ninguém para dirigir seu carro para que ela participasse, ele escolheu ficar em casa com

sua mãe, alegando que ela ficaria triste por não conseguir ir ao cortejo. Esses acontecimentos reforçam a importância das pessoas mais velhas na Irmandade.

CAPÍTULO 3 – A FESTA ANTES DA FESTA: PREPARATIVOS PARA O FESTEJO DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

A Festa de Nossa Senhora do Rosário é estruturada e organizada a partir de reuniões e ensaios que antecedem a data da mesma. A preparação é intensificada nas semanais anteriores à Festa. As mulheres cumprem papéis cruciais nesses períodos através do cuidado com as vestimentas do Reinado e da Corte, preparo da comida, ornamentações e limpeza da Igreja, dentre outras atividades.

A casa do Rei Congo e do antigo Capitão são locais muito frequentados para se organizar os preparativos da Festa do Rosário, como já foi dito anteriormente. O Rei do Meio foi o responsável por limpar algumas coroas e as cadeiras do trono que seriam usadas pelo Reinado no dia da “Missa Festiva”. Ele também afinou e arrumou vários instrumentos e baquetas para a Festa. No dia do início e do término da Novena, é muito comum alguns “congadeiros” pedirem “casquetes” e, em outros momentos, esposas e mães dos “congadeiros” doam ou pedem os “uniformes” na casa do Rei Congo. É no período da Novena que as doações de comida se intensificam e a casa do Rei Congo é um dos pontos principais para receber esses alimentos.

Os enfeites nas ruas são colocados no dia anterior da Festa do Rosário, normalmente, no dia do encerramento da Novena. As ruas mais enfeitadas são aquelas em que moram as pessoas do Reinado Permanente e do Reinado Festeiro. O combinado é que cada casa decore sua rua. O Rei do Meio, o Capitão, os “Bambas” e outros “congadeiros” são os responsáveis por decorar a rua onde moram o Rei Congo e o antigo Capitão. Para decorar a tempo eles iniciam as tarefas bem cedo ou vão até de madrugada para finalizar.

Antes de começar o cortejo para o encerramento da Novena, algumas pessoas estavam se arrumando na casa do Rei Congo. Entre uma conversa e outra, uma das filhas do Rei Congo fez uma brincadeira e todos riram concordando. Ela disse que naquele dia iria ter “festa de congo” no céu, pois com a quantidade de “congadeiros” que já haviam falecido daria para ter uma “banda inteira lá”. Ficaram lembrando dos nomes e das funções que os “congadeiros” falecidos ocupavam em vida.

3.1 – Reunião: as elaborações imaginárias da Festa

A reunião tem a função de organizar e preparar para a Festa do Rosário. Nela, são atualizadas as datas de realização da novena e dos dias festivos, são discutidas as preparações para decorar as ruas do Cortejo e a Igreja, assim como montar o trajeto para buscar e levar o Reinado, além da definição de quais as pessoas seriam chamadas para auxiliar na cozinha ou em outros afazeres da Festa, por exemplo, soltar os fogos de artifícios.

A reunião foi realizada à noite na casa do Rei Congo. Participaram da mesma o Rei, a Rainha e a Princesa Festeira Velhos, as rezadeiras, o Capitão da Banda, o Rei do Meio, um dos “bambas”, o coordenador da comunidade de São José do Triunfo e duas pessoas ligadas aos atos litúrgicos da Igreja Católica. Todos ficaram sentados em volta da mesa principal na copa, na parte da casa onde, comumente, se recebem visitas.

Antes que a reunião começasse algumas pessoas conversavam sobre diversos assuntos. Falavam sobre o uso de bonés e bermudas para ir à igreja, reprovando a utilização dos mesmos. Diziam que usar essas roupas os incomodavam. Sendo que essa conversa foi iniciada pelo Rei e Rainha Velhos. Nesse momento ainda estávamos sentados em cadeiras espalhadas pela copa, depois o Rei do Meio e o Rei Congo nos chamaram para nos aproximar e nos sentarmos ao redor da mesa.

A dinâmica da reunião seguiu da seguinte forma: foram distribuídos os cartazes da Festa anterior e a partir deles foram sendo feitas atualizações das datas. Como a Festa acontece algum tempo no terceiro domingo de outubro, basta apenas trocar as datas e alterar o nome e o endereço do Reinado. Antes que realmente iniciasse a reunião o Rei do Meio ligou para algumas pessoas que estavam atrasadas. O Rei, a Rainha e a Princesa Festeiros comentavam sobre os enfeites da rua e diziam que já estavam fazendo as bandeirinhas.

Para iniciar a reunião a Rainha Festeira pediu para que se rezasse o “Pai Nosso” e “Ave Maria”. Nós nos levantamos e demos as mãos, formando um círculo ao redor da mesa. Ela mesma foi quem conduziu a reza, induzida pelas falas das pessoas: “é a Rainha que manda”. A sensação era de que qualquer “palavra” da Rainha poderia ser facilmente aceita, pois o “mandar” assume o sentido de poder por estar participando do Reinado. A Rainha pediu em oração para que o “Divino Espírito Santo iluminasse a reunião para decidir o destino da Festa”. No final, pediu à “Nossa Senhora do Rosário”, e o restante, em coro, respondeu “rogai por nós”, e depois a Rainha pediu ao “Divino Espírito Santo” e em coro “iluminai e dai-nos a paz”. Todos nós nos sentamos novamente para abordar os temas da Festa.

O Rei do Meio iniciou as falas dizendo “estamos juntos mais uma vez para montar a programação da nossa Festa”. Em sua fala inicial, existe um tom de coletividade, apontando que as decisões seriam tomadas em grupo. Em seus próprios termos, utiliza a palavra “conjunto” para se referir ao fato de que a programação seria montada com a colaboração de todos. O Rei Congo o interrompeu para me apresentar. Ele disse que eu os acompanho e brincou dizendo que “antes a gente tinha uma Ananda e agora uma Amanda, só o m que é diferente. A outra terminou o tempo e ela tá no lugar da outra”. Todos riam e me olharam. Apesar da timidez, me senti mais à vontade para estar neste espaço, pois as pessoas entendiam o que eu estava fazendo ali. Acredito que mesmo criando uma rede de afetos, O Rei Congo compreendia meu lugar de estar os acompanhando enquanto pesquisadora. Ele continuou dizendo “a gente explica as coisas pra ela”.

O Rei do Meio, Victor, retomou sua fala. Pediu que alguém lesse o cartaz do ano passado para que as alterações fossem feitas. Eliseu, representante da Igreja, iniciou a leitura. Raquel, também representante da Igreja, e Victor ficaram responsáveis por riscar as datas e nomes antigos e substituir pelos novos. Eliseu começou lendo o título: “Festa de Nossa Senhora do Rosário, 2019” e disse “é isso mesmo, né?”. O subtítulo: “A comunidade juntamente com o Rei Gildeon e Rainha Zilda pretendem homenagear Nossa Senhora promovendo a tradicional Festa do Rosário no dia 20 de outubro de 2019”. Continuando no subtítulo: “Por isso, convidam você e sua família para tomarem partes dos festejos e ao mesmo tempo pedir as bênçãos da nossa Querida Mãe de Deus”.

Para cada Festa do Rosário, existe um tema que o norteia. No ano passado foi “Maria, no rosário és fontes de bênçãos, fortalecendo nossa fé”. Neste ano, Raquel trouxe a sugestão do tema: “Nossa Senhora és bendita e poderosa no rosário, fortificai-nos...”, e deixou que as pessoas decidissem a especificidade da “benção”. Perguntou se eles tinham alguma sugestão. O Rei do Meio devolveu a pergunta querendo entender quais tipos de “benções” poderia ser. Raquel explicou que os temas escolhidos para outras Festas são pensados a partir da Arquidiocese. Exemplifica que cada Festa tem abordado uma temática: São Sebastião foi Piedade, São José foi Família, Bom Jesus foi pelos Jovens. Então, ela sugeriu que colocasse uma “benção específica” ou que poderiam utilizar alguns dos temas das outras Festas. A decisão do grupo foi pela temática da família, pois esta reunia todos os grupos, desde os jovens até a “comunidade” inteira.

Raquel novamente disse que o tema pode ser mudado, entendendo que foi uma sugestão. Eles discutiram sobre a eficácia de ter temas pequenos. Alteraram “fortificai-nos” para

“fortalecei”. Matheus, o chefe da comunidade, sugeriu que a frase do tema fosse invertida e disse “Senhora do Rosário és bendita e poderosa, fortalecei as nossas famílias”. O restante das pessoas concordou com a mudança. Eliseu pausou a leitura para que o Rei do Meio e Raquel pudessem anotar as alterações com mais calma.

Eliseu retomou a leitura falando especificamente sobre a programação. A novena teria início na sexta, às 19 horas. Haveria “apresentação da Banda de Congado”. Esta apresentação seria em cortejo que sairia da casa do Rei Congo e do antigo Capitão até a Igreja. Colocou em discussão a questão sobre a “celebração da palavra”. Preferiram deixar implícito se haveria ou não missa, pois na Igreja de São José do Triunfo não tem Padre fixo, por isso, apenas indicaram a “Abertura da Novena”. A Rainha Festeira foi a que mais falou sobre esse ponto, mostrando sua preferência por colocar no cartaz que acontecerá a “Abertura da Novena”. A realização da missa dependia de conseguir solicitar a vinda do padre no dia inicial da novena.

Após acordos, Eliseu continuou a leitura. Na sexta, às 19h30, haveria o “encerramento da Novena com celebração, em seguida o Congado fará os ritos da Festa em frente à Igreja com o levantamento do mastro com a participação do mordomo do Mastro e alferes da bandeira. Em seguida terá a caminhada até a residência da Rainha”. No domingo, o dia da Festa, aconteceria a “Alvorada Festiva” às 4 horas da manhã, com a “apresentação” da Banda do Congado “percorrendo as ruas da comunidade”. Às 11 horas, saída da Banda de Congado e do Reinado para a casa do Rei e Rainha. Às 14 horas, caminhada saindo da residência do Rei e Rainha. Nesse momento, a Rainha perguntou se realmente a Banda ia buscá-los em casa para levá-los ao almoço, mas eles disseram que não, que esta informação “fica apenas no papel”.

Entre os comentários, Eliseu perguntou se teria a Banda Sinfônica acompanhando a caminhada. O Rei do Meio falou que não, sem grandes justificativas. Eliseu brincou dizendo “prepara o gogó, toma bastante gengibre e maçã”. Ele continuou a leitura da programação, perguntou se a “Missa Festiva” seria às 16 horas. A partir disso, eles começaram a debater o trajeto da caminhada com base no endereço das casas para entenderem qual caminho era mais perto. Como o Rei, a Rainha e a Princesa Novos e Velhos moram na mesma casa, concluíram que o caminho seria mais perto que o ano passado, pois de acordo com o Rei do Meio, no último cortejo “cortou os quatros cantos do Fundão”. Por serem também da mesma família, Matheus comentou “esse é o verdadeiro Reinado”. Nesse sentido, o Congado remete à uma questão antropológica interessante que é a noção do parentesco.

Decidiram que a “Missa Festiva” aconteceria às 15 horas, pois calcularam 15 minutos de caminhada até a Igreja e ainda acrescentaram que não teria problemas se houvesse atraso,

pois o Padre que celebraria a Missa seria mais tolerante. Lucas, um dos “bambas”, reforçou que não haveria problemas de demora no trajeto, porque, utilizando um verbete popular, “pra descer todo Santo ajuda”. Estava se referindo à rua da casa do Rei, Rainha e Princesa Velhos, que tem uma longa descida.

Eliseu continuava lendo. No cartaz, estava escrito que a “Missa Festiva é para a coroação do Reinado. Após a celebração eucarística, haverá dança do Congado em homenagem ao Novo Reinado, percorrendo as principais ruas da comunidade”. No final da leitura, perguntou o nome de todas as pessoas que compõe o Reinado para colocá-los no cartaz. Foi interessante perceber que, durante as pausas para que fossem anotadas as informações atuais, ficava um tom sugestivo, isto é, que as pessoas ali presentes poderiam se manifestar para dar sua opinião sobre a escrita do cartaz.

O Rei do Meio levou um questionamento dos patrocinadores da Festa do Rosário sobre a cor do cartaz utilizado para divulgar a Festa. O cartaz era feito em duas cores: azul e rosa, sendo que alternava as cores por ano. Mas ultimamente a cor tem sido apenas rosa, pois a cor azul estava dificultando a leitura das informações contidas no cartaz. A escolha das cores diz respeito às vestes de Nossa Senhora do Rosário. As cores podem ser compreendidas como “signo”, assim como “pragmatismo” (LIMA, 2014).

Os patrocinadores, segundo o Rei do Meio, perguntaram sobre a possibilidade de colocar as “cores reais” no cartaz. Victor afirmou na reunião que disse que “como não depende só de mim” levaria a proposta para conversar com o grupo reunido. Mais uma vez, algumas características democráticas apareciam na reunião para organizar a Festa: as propostas seriam discutidas para, a partir disso, definir a decisão. Nesse sentido, eles conversaram e decidiram que fariam o orçamento primeiro, e o que ficasse mais barato seria feito pela gráfica.

O preço dos cartazes depende da qualidade do papel, das cores, quantidade e edição da gráfica. A discussão girou em torno da quantidade e do tipo de papel para a impressão dos cartazes. Além disso, debateu-se o modo como os slogans dos patrocinadores iriam ficar dispostos no cartaz, pois o número de patrocinadores aumentou e eles discutiram mudanças na posição das informações, por exemplo, subir a “Oração de Nossa Senhora do Rosário”, deslocar para cima o “tema da Festa” e/ou a programação para o lado. Tudo isso para acrescentar mais três patrocínios. Todos os patrocinadores são donos de estabelecimentos em São José do Triunfo e doam o mesmo valor para contribuir com a Festa. Atualmente, donos/as de estabelecimentos pedem para ajudar no festejo.

Hugo chegou atrasado, mas, mesmo assim participou da reunião. Ele também é umas das pessoas organizadoras dos atos litúrgicos da Igreja. Hugo disse que, em algum ano atrás, alguém já tinha dado a ideia de fazer o cartaz colorido, mas não deu certo porque as informações não ficavam legíveis. O Rei do Meio reclamou sobre o atraso no pagamento do patrocínio. Disse que teve que tirar do seu próprio bolso para depois cobrar as pessoas.

Na discussão sobre em qual gráfica fazer o pedido, Matheus indicou que a Paróquia tem uma gráfica que faz preços mais baratos pelo fato de ser a Igreja, demonstrando as relações que se desdobram para além do círculo festivo da “comunidade” de São José do Triunfo. Estas ramificações perpassam outros espaços, como dos negócios, visto que teriam a possibilidade de deixar algo mais barato por ser ligado à Festa e à Igreja. O Rei do Meio informou que Isabel queria ajudar na decoração da Festa fazendo enfeites para três portas da Igreja. Ele explicou que os enfeites seriam em três cores: azul, rosa e branco. Além disso, decidiram o dia para enfeitar as ruas, que seria na sexta ou no sábado de manhã. Nesse momento, reclamaram da falta de pessoas dispostas a ajudar, o que sobrecarregaria algumas pessoas, como Rei do Meio e os “bambas”.

Como a reunião já estava encaminhando para o final, aquele grande grupo que voltava sua atenção para o centro da mesa, levemente, se dissolveu e se transformou, mesmo que em tom baixo, em alguns grupos conversando entre si. Enquanto uns diziam sobre a comida, outros falavam sobre a decoração. Sobre a comida, Hugo, Eliseu e as rezadeiras contavam sobre algumas experiências que tiveram no ano passado, se referindo à pouca ajuda e pouca organização. Disseram que até já se dividiram em grupos: comida, enfeites, reza e outros, mas não tiveram sucesso, indicando a sobrecarga de algumas pessoas. Nesse sentido, o caráter conflituoso que perpassa a Festa é evidenciado, apontando que os festejos nem sempre indicam apenas coesão e união, pois ao longo do processo festivo pode adquirir características de desacordos e de oposição. Já o Capitão da Banda, o líder da comunidade e o Rei do Meio estavam conversando sobre como iriam enfeitar em frente à Igreja para colocar as bandeirinhas em linha reta.

Houve alteração no local do almoço, que este ano seria na “Casa São José”. Eliseu perguntou para eles sobre a coroa. Eles responderam que mandaram fazer as coroas ajustáveis e de cobre. Matheus falou que “não empresta sua coroa pra ninguém, ela tá guardada”. Depois, o Capitão da Banda fez o foco da conversa mudar para as rezadeiras, ao perguntar: “nós já tamo resolvendo aqui e as rezadeiras?”. Dona Augusta respondeu que a Novena iria começar às

19h30, e ressaltou que neste horário já estaria iniciando a reza, e não saindo da casa do Rei Congo para a Igreja.

Matheus deu voz para que a reunião encerrasse e puxou os agradecimentos. Agradeceu a Deus pela reunião, pois foi importante para “abrilhantar” a Festa do Rosário. Terminaram de pé e de mãos dadas com a oração “Ave Maria”. No final, Dona Augusta, uma das rezadeiras, disse “Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo”, e em coro, os outros responderam “louvado seja”. O Rei Congo pediu para esperar, pois um “cafezinho” seria servido. Algumas brincadeiras surgiram, como a de que “se não tiver esse café a reunião não acaba” e “esse café é de lei”.

Dona Luiza, esposa do Rei Congo, colocou a mesa para o “cafezinho” com garrafas de leite e café, “leite branco”, biscoito e queijo. Comemos e, logo depois, algumas pessoas foram embora, ficaram apenas o Rei, Rainha e Princesa Festeira, o Rei Congo, Rei do Meio, Dona Luiza e eu. Nesse momento, falaram bastante sobre a organização da comida para este ano. O Reinado citou algumas pessoas que iam convidar para ajudar na preparação da comida. O Capitão alertou sobre pessoas bêbadas ajudarem na Festa, indicando que “é bom ter cuidado”. É interessante perceber esse trânsito da bebida alcoólica na Festa, pois, em vários “lanches” oferecidos pelas pessoas do Reinado, existe a presença de vinho sendo oferecido para o público que acompanha a Festa.

Outro ponto em que tocaram foi sobre o mito de que ser Rei e Rainha gasta muito dinheiro. Com vozes de imitação, lembraram de alguns Reis que diziam que gastaram mais de onze mil reais em uma Festa. O Rei Congo disse que a Festa sempre recebia muita doação e isso diminuía as despesas das pessoas do Reinado. Fato que pude perceber durante as visitas nos dias que se aproximavam da Festa, pois era comum ter alguma sacola com mantimentos em cima da mesa ou na área. Nesse sentido, mesmo que a Festa não recebesse tanta ajuda, é interessante pensar que no caso das festas religiosas o dispêndio financeiro é marcante, isto é, o valor religioso é incomparável ao valor econômico, visto que o primeiro é mais valorizado em detrimento do segundo.

A partir da descrição desses detalhes sobre a reunião para organizar a Festa do Rosário, é possível compreender que a concepção, o entendimento e a expectativa do festejo não é o mesmo para as pessoas que organizam e para as pessoas que acompanham o cortejo. Porque quem organiza a Festa pauta e se preocupa com diversos detalhes que quem apenas a acompanha não se envolve. Apesar de estarem vivendo o mesmo espaço e o tempo festivo, as

intenções são diferentes, o que se desdobra em percepções e criação de imaginários diferenciados da Festa.

Além disso, como ressaltou Lima (2019) em suas análises sobre a Festa de Santa Rita no Rio de Janeiro, os momentos da Festas tidos como importantes na reunião, isto é, quem pensa e organiza a Festa, podem se diferenciar dos momentos tidos como mais importantes para o restante das pessoas. Um exemplo foi que em nenhum momento da reunião foi falado sobre os “altares” colocados nas ruas em que a Banda iria cortejar. O que me chamou a atenção foi a quantidade de “altares” montados, principalmente na “Alvorada Festiva”.

3.2 – Ensaio: contexto de aprendizagens

No dia do ensaio da Banda acontecia o “bingo” no distrito. Havia uma fila de carros e motos já na entrada e muitas pessoas circulando pelas ruas. Tinham pessoas com barracas vendendo pasteis e caldo de cana, assim como oferecendo estacionamento para carros e motos. Havia uma agitação que não é muito comum nos dias da semana, quando eram mais frequentes minhas visitas de campo.

O ensaio aconteceu à tarde, na casa do antigo Capitão da Banda. Na porta dessa casa, tinham muitas pessoas esperando para começar o ensaio. Estavam as pessoas que compunham o Reinado e a Banda. Havia as mães das crianças que dançam na Banda para os acompanhar e, também, algumas pessoas que estavam apenas para apreciar o ensaio.

Antes de se iniciar o ensaio, as pessoas foram chamadas para entrar e se deslocaram da rua para as varandas da casa. Estavam em grupos conversando entre si. Os “congadeiros” mais velhos estavam próximos à varanda do fundo enquanto os mais novos ficavam perto do portão de entrada. As pessoas do Reinado estavam próximas às janelas. O Rei do Meio terminava de afinar algumas “caixas” (ou tambores) e conversava sobre o tipo de couro para os tambores com alguém que estava próximo. Uma criança de aproximadamente cinco anos estava ao seu lado e fazia perguntas sobre a afinação dos instrumentos. Depois, o Rei do Meio distribuiu os instrumentos para os “congadeiros” que estavam em à sua volta, principalmente, para as crianças e os adolescentes.

Para o ensaio, os “congadeiros” usavam apenas o “casquete” branco, os instrumentos, o apito e bastões de madeira, substituindo o que seria a espada no dia do festejo. A bandeira de Nossa Senhora do Rosário e as bandeireiras também estavam presentes. Para além do ensaio da Banda, também iria acontecer a reunião do Reinado com os/as jovens da Corte.

O Rei do Meio apitou para iniciar o ensaio, porém foi necessário que apitasse mais uma vez para que os “congadeiros” se reunissem. Os tambores rufaram e os “congadeiros” formaram duas filas, ao centro estavam o Rei Congo, o Rei do Meio e seu Assistente e o Capitão, à frente a bandeira, e ao lado dela o “secretário” e o “vassalo” com suas espadas para protegê-la.

O Capitão começou com as orações do “Pai Nosso” e “Ave Maria”. O Rei Congo pedia que Nossa Senhora do Rosário “seja a guia e companhia”. O Rei do Meio apitou mais uma vez e os tambores rufaram novamente, todos os instrumentos tocavam. O Rei do Meio cantou a música “dá licença/ dá licença/ ô, virgem do Rosário dá licença” e o coro repetia a mesma letra. Nesse momento, o Rei Congo, Rei do Meio e Capitão caminharam juntos em direção à bandeira, a beijaram e fizeram o sinal da cruz. Para se afastar, não deram as costas para a bandeira, o que foi feito apenas quando estavam mais distantes. O restante dos “congadeiros” fizeram a mesma coisa. Apenas os “puxadores de guia”¹⁷, normalmente os violeiros, não deram as costas para a bandeira. As bandeireiras também a beijaram, mas fizeram revezamento: enquanto uma beijava a outra segurava a bandeira. Os “bambas” passaram suas “espadas” cruzadas em cima das filas de “dançadores”, ação que é nomeada de “reinar” e, de acordo com o Rei Congo é o momento de coroação dos “congadeiros”. Os que chegaram atrasados também precisaram beijar a bandeira. Depois disso, a bandeira foi dobrada e só retornou no final do ensaio.

O movimento dos pés que predominou foi: um pé para frente e depois para trás. E repetiu-se com o outro pé. Um menino muito pequeno, que se chamava Carlos, entrou no meio dos “congadeiros” e permaneceu até o final do ensaio. Foi nítido que o menino estava observando os pés dos “congadeiros” e tentava reproduzir os passos, mas, como era muito pequeno não conseguia repetir com exatidão os movimentos da dança. Porém, a criança surpreendeu todas as pessoas presentes com suas habilidades para a dança do Congado.

O ritmo da música permaneceu constante, mas, em alguns momentos, todos os instrumentos eram tocados com mais força e um pouco mais rápido. Foi possível perceber essa variação de ritmo ao longo do ensaio. Inclusive, a própria mudança no ritmo levava a uma certa constância, pois repetiam as mesmas variações praticamente no mesmo espaço de tempo. Além disso, o ritmo dos toques mudava em certos momentos, como o de beijar a bandeira, ficando mais lento ou até mesmo ausente.

O Rei do Meio cantou músicas que marcaram o começo do ensaio e conseqüentemente seria umas das músicas que também iniciaria a Festa ou qualquer apresentação da Banda na rua: “Virgem do Rosário/ essa banda é sua/ Virgem do Rosário/ essa banda é sua/ ó, me dá

¹⁷ O puxador de guia é o primeiro “dançador” de cada fila, normalmente, é o violeiro, mas pode ser outro.

licença pra eu sair na rua” e o restante responde em coro. Como a casa tinha uma varanda no fundo e um corredor largo na lateral, os “congadeiros” transitavam em dança de um espaço para o outro. O apito marcou o começo e o encerramento das músicas. Atualmente, quem tem o poder do apito é o Rei do Meio e o Capitão, apesar do Rei Congo ter seu próprio apito.

O Rei do Meio começou mais uma música: “Ela é guia minha/ Ela é guia minha/ ó, Senhora do Rosário/ Ela guia minha”. Na varanda coberta, estavam algumas mulheres observando o ensaio, entre elas, a Dona Luiza, esposa do Rei Congo, e Dona Laura, esposa do antigo Capitão. Houve mudança da música para: “Minha bandeira, ó minha bandeirinha/ Minha bandeira, ó minha bandeirinha/ Ela é sagrada/Salva a rainha”. Outra música cantada foi “para ver, para ver/ para ver a mãe de Deus/ ó, nós viemos de tão longe para ver a mãe de Deus”. Todas essas músicas indicavam que seria o início da apresentação do Congado. No conteúdo das letras estão presentes o nome da Santa à qual dedicam a Festa e alguns elementos fundamentais do cortejo, como a bandeira.

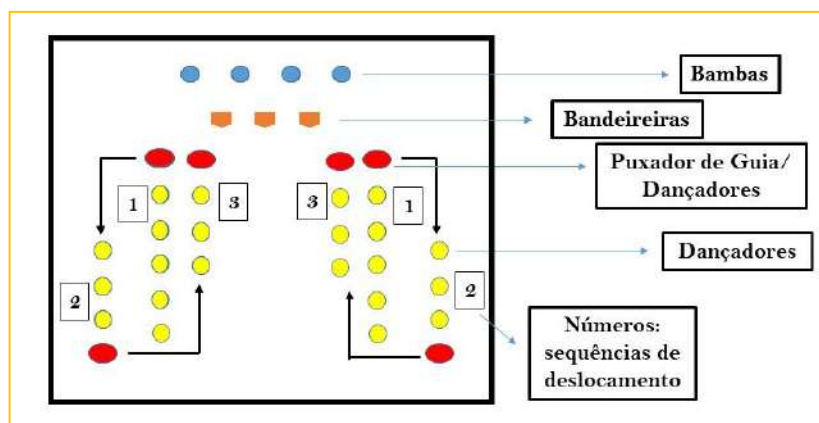
Dona Augusta, uma das rezadeiras, iniciou a reunião com a Corte do Reinado. A reunião aconteceu no interior da casa, enquanto o ensaio era na parte de fora. Ela trouxe alguns vestidos para que as pessoas da Corte experimentassem. Os vestidos deste ano estavam sendo feitos pela costureira por um preço abaixo da média por ser para o Congado. Dona Augusta ressaltou que, mesmo a costureira sendo evangélica, ela estava colaborando com a Festa do Rosário. Os vestidos desse ano foram rosas e azuis, juntamente, com as sombrinhas das mesmas cores, para combinar com as cores dos “saiotes” dos “congadeiros”, que remetem às vestes de Nossa Senhora do Rosário. As cores, como aponta o antropólogo Rubens Alves da Silva (2010a), além de ter a função estética também se apresentam enquanto função simbólica que marca a distinção dos objetos simbólicos, que normalmente são utilizados como objetos sagrados. As cores, segundo Silva (2010a, p. 168), “tendem a influir de maneira eficaz sobre o sentido e a razão, a desencadear emoções, estimular prazeres, ativar memórias e instigar reflexões”.

As filas estavam organizadas em ordem de tamanho e, por consequência os mais velhos estavam na frente e os mais novos atrás. Por isso, o Rei do Meio, o Capitão, o Rei Congo, os “bambas”, o “vassalo” e o “secretário” permaneciam mais na parte de trás para observar e ouvir as crianças e adolescentes dançarem, tocarem e cantarem. Além disso, principalmente, as crianças tinham os olhos atentos aos pés deles.

As duas filas se movimentavam. Na ponta de cada fila tinha um “puxador de guia” e era ele quem iniciava o deslocamento. O violeiro puxava a fila para se deslocarem. A movimentação era: o violeiro começou virando para a direita e voltava, o restante dos

“dançadores” o seguiam. Ele andava em linha reta até determinado ponto, depois virava à esquerda e caminhava para frente, onde estaria a bandeira.

Figura 4: *Desenho da Composição da banda durante os deslocamentos*



Um acontecimento interessante foi que a sobrinha do Rei do Meio estava a todo custo querendo ir até ele, mas as mulheres não podem dançar nesta Banda. Como menina havia começado a chorar, as pessoas deixaram que ela fosse. Enquanto ele dançava e cantava, Ana caminhava ao seu lado de mãos dadas. A presença da criança destoou e, de alguma maneira, desorientou a organização da Banda, mesmo que por alguns minutos. A presença da menina não foi recebida com elogios como fora a ao contrário do outro menino, Carlos, que, com a mesma idade, arrancou elogios das pessoas que estavam vendo o ensaio.

O Rei Congo iniciou uma conversa sobre a Novena e a Festa, os “congadeiros” se posicionaram em semicírculo para ouvi-lo. O Violeiro deu continuidade à conversa e perguntou sobre os convites aos “dançadores de congo”. Logo, emendou e iniciou uma crítica aos “dançadores” que não iam ao Ensaio e nas Reuniões, mas que no dia da Festa estão presentes “mandando igual não sei o que”. O Rei do Meio também prorrogou as críticas, dizendo sobre a posição nas filas ao alertar os “dançadores” presentes para que não cedessem seus lugares aos “dançadores” ausentes. Apontando com o dedo, continuou e acrescentou que os “congadeiros” que estavam no ensaio em terceiro ou quarto lugar normalmente ficam na parte de final no dia da Festa. Nesse momento, começaram a evocar a importância da presença nos ensaios, pois é no ensaio os principais momentos de aprender e ensinar as músicas, a dança e os toques da Banda de Congado.

O Violeiro lembrou os “tempos dos antigos” na Banda e o Rei Congo concordou, pois antigamente os “congadeiros” não podiam ir no dia da Festa sem ter participado do ensaio ou

das reuniões. Isso comprometia o “dançar direito”. Perguntou aos meninos mais novos com quem eles aprendem a dançar e respondeu, apontando para os “dançadores” mais velhos: “tem que aprender a dançar com nós que somos dançador de congo antigo”. Interessante notar a dimensão da falta ressaltada pelos “congadeiros”. Pois, nesse sentido, não estar presente indica que a pessoa não está recebendo, para os mais novos, e atualizando, para os mais velhos, os ensinamentos. A ausência dos “congadeiros” nesses espaços de ensaio provoca certo distanciamento das tradições congadeiras, pois os ausentes não aprendem e/ou não compartilham seus conhecimentos sobre a Festa e suas histórias.

Depois da conversa, eles se posicionaram novamente em filas. O Rei do Meio apitou e os tambores rufaram. Se deslocaram da área para o corredor, como fizeram outras vezes. O Rei do Meio estava atrás e dançava de maneira diferente: pulou com os dois pés para frente, para a direita e para a esquerda, e o desenho que a dança formava parecia uma cruz¹⁸.

Figura 5: Foto do deslocamento dos "congadeiros" no Ensaio



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Ora os “bambas” conversavam com o Capitão, ora o Capitão conversava com o Rei do Meio. Falavam e observam as crianças dançarem. A partir disso, decidiram que, para as crianças “pegarem o ritmo”, elas não iam tocar e nem cantar, iam apenas dançar. Segundo eles, fazer tudo ao mesmo tempo poderia desconcentrar e atrapalhar as crianças. O Rei do Meio estava ao lado das filas e dançava para as crianças verem e dizia: “olha aqui, ó”, “pra frente, ó”, “levanta

¹⁸ Segundo a antropóloga Susan Reed (2012), a dança é importante para se ressaltar os aspectos políticos, culturais e estéticos presentes nas sociedades. Aprender a dança no contexto da Festa do Rosário é interessante para se compreender a organização social, os acessos ao mundo do sagrado e, principalmente a associação entre corpo e oralidade, como analiso em seguida.

o pé, ó”, “nós vamos dançar aqui atrás e vocês acompanham nós”. As crianças tentavam acompanhar os passos.

O tom educativo de assimilar os passos da dança, bem como aprender a tocar e a cantar permeou o ensaio todo. Nessa perspectiva de educar os “congadeiros” mais novos para aprenderem os movimentos, os toques e os cantos do Congado, é interessante acionar a noção de técnicas corporais do antropólogo Marcel Mauss (2003). O autor entende que, para toda técnica, há um processo de ensino e de aprendizagem, por exemplo, existe a “educação do andar”. À luz desta teoria, é interessante relacionar os aspectos e as características da dança, das músicas e dos toques presentes no Congado enquanto técnicas corporais. Pois, assim como se aprende a comer, dormir, sentar, entre outros, é possível se aprender a dançar como um “dançador de congo” e o ensaio se mostrou como sendo o espaço de aprendizagem e de se instrução a respeito das técnicas corporais do Congado. Além disso, o ensaio ressalta a dimensão do treinar, pois para se aprender algo é importante a repetição das sequências. Nesse sentido, o ensaio é o mais apropriado para se treinar as danças, os toques e as músicas, visto que a vida desses “congadeiros” é perpassada por outras atividades, como estudo e trabalho.

O Rei do Meio cantou diversas músicas, mas iam alternando os cantadores. Um dos tocadores de instrumentos que tem síndrome de Down começou a cantar. As pessoas que estavam assistindo gostaram e não paravam de comentar sobre Carlos, o menino muito pequeno entre os “dançadores”. Logo depois o Rei do Meio começou a cantar novamente “ô rosário ô rosário/ ô rosário de Maria/ ô rosário”.

Houve mais uma pausa nas músicas. Os “congadeiros” foram beber água, mas estavam conversando entre si. O Rei do Meio ajudava os meninos mais novos a se organizarem nas filas e os auxiliavam nos passos e no ritmo da música. Logo, cantaram diversas músicas, como, “Ela é guia minha/ ela é guia minha/ ó, Senhora do Rosário ela é guia minha” e “eu tenho banda lá, meu carumgueiro/ eu tenho banda lá, meu carumgueiro/ eu tenho banda lá”.

Os mais velhos decidiram que fariam alguns passos da dança na frente e, de dois em dois, os “congadeiros” mais novos iriam imitar. Começavam a dançar na área dos fundos e seguiam até o corredor lateral e depois voltavam em um clima totalmente descontraído com risadas altas e vários comentários. Apenas os instrumentos com os “dançadores” mais velhos estavam sendo tocados e ninguém cantou.

O passo que ensinavam era um salto com os dois pés para frente e três pequenos saltos para trás por três vezes e em seguida levantava a perna direita, depois repetia-se os três saltos e levantava a perna esquerda. Dona Andreza, integrante da Irmandade e “congadeira”, dizia para

os meninos corrigirem seus passos: “não é com a bunda não, é com o pé, não é com a bunda igual tanajura”. Outro passo que ensinado foi colocar o pé direito para o lado direito, seguido do pé esquerdo e dar uma pequena pausa, depois colocar o pé esquerdo para o lado esquerdo e repetir o passo. O mais simples era colocar um pé para frente fazer uma pausa voltar com ele para trás, e iniciar com o outro pé. O passo que se desdobra desse, ao invés de fazer apenas uma pausa, tinha que levantar o pé em um pequeno salto.

Cantaram e tocaram a música “mamãe, mamãe, olha seu filho, papai/ sou filho de mamãe, balança mas não caí/ sou filho de mamãe, balança mas não caí”. Ao final das músicas, o ritmo dos toques aumentava e os toques eram mais fortes, logo iniciaram outra canção “Foi, foi, foi/ Foi a Rainha do mar/ Foi São Benedito que me ensinou a nadar/ Foi, foi, foi/ Foi a Virgem Maria/ Ela é que guia nossos passos/ Nossa Senhora da Guia (...)”

Dona Andreza estava muito emocionada vendo seu sobrinho-neto Carlos dançar. Era ele o garotinho pequeno que todos estavam admirando, pois ele, apesar de não ter dois anos, também tentava dançar observando os “dançadores” mais velhos. Era uma espécie de contraste de altura: o menininho muito pequeno perto dos adultos. Ao conversar com Dona Andreza enquanto o ensaio acontecia, reparei que ela estava comparando o seu sobrinho com seu pai e os “dançadores” mais velhos da Banda, que já haviam falecido. Dona Andreza disse que seu sobrinho estava dançando como seu pai, que ela se emocionava por isso, pois ela acompanhou o Congado a vida inteira e ver sobrinhos interessados, desde tão pequeno “era muita alegria”.

Dona Andreza, do lado de fora, incentivada os outros meninos a dançar e às vezes ria de alguns que não estavam conseguindo muito bem. Comentava que esses meninos tinham a “perna dura”. Ao ver seu sobrinho-neto se destacando, dizia que “dançar bonito” no Congado é questão de sangue e raça, “não é para qualquer um” e afirmava que ele havia herdado dos seus antepassados. Relembrou que seu pai tocava viola e mesmo assim descia “rodopiando até o chão”, e disse que o seu sobrinho vai ficar igual a ele. Nesse sentido, Dona Andreza indica nas entrelinhas que existe uma preocupação estética com a dança no Congado.

Dona Andreza, às vezes, ficava brava de ver os meninos caminhando, pois segundo ela o Congado é “dançado”, não seria andando e muito menos pulando. Enfatizou que dizer “vou pular Congado” e “vou dançar Congado” é diferente, reforçando que o último que estaria certo porque segundo ela “Congado é uma dança”. Conversando um pouco mais com Dona Andreza, ela demonstrava muito orgulho em fazer parte do Congado e de seus parentes terem continuado com a Festa: “é a nossa raiz, faz parte do nosso dia a dia, faz parte da nossa família”. Ressaltava que o Congado é uma “tradição dos negros”, assim como a dança em homenagem à Nossa

Senhora do Rosário é “dança dos negros”. Disse que, ao longo do tempo, foi entrando pessoas brancas por acharem interessante, porém, lembrou que o antigo Rei Congo, pai do atual Rei, não permitia que pessoas brancas entrassem no Congado. Perguntei se o sentido é diminuído com a entrada de pessoas brancas, ela disse “pra não deixar parar a gente deixa”. É isso demonstra que as questões raciais são marcantes no Congado.

Como Dona Andreza é uma referência de participação na Irmandade, já que participa desde que nasceu, o Capitão olhava para os meninos que estavam aprendendo e ria para ela. Dona Andreza até tentava mostrar o movimento para os meninos e jogava seu pé para frente e dizia “é pra frente, é pra frente”. Outras mulheres, principalmente, mães das crianças, também tentavam os incentivar e ensinar. Mesmo as mulheres não podendo dançar na Banda de Congado, elas criam “fissuras”, como aponta o geógrafo Sousa (2011), e reinventam sua participação, mesmo que na marginalidade, na dança. A antropóloga Marilyn Strathern (2006) indica a não dualidade na compreensão das relações de gênero, pois se analisarmos os locais onde as mulheres estão localizadas podem gerar poder. No contexto do Congado de São José do Triunfo, mesmo estando em posições periféricas em relação aos “dançadores”, elas utilizam de mecanismos para burlar a regra e a ordem de não poder dançar.

Enquanto eu e Dona Andreza conversávamos foi formado novamente um semicírculo e o Rei Congo começou a cantar músicas e dizia em quais momentos seria cantada, por exemplo, na procissão “Ó, que Santo e que que vem no andor/ São Benedito sarauê/ Pai dos pecador/ Ó que Santa aquela que vem na chárola/ É Santa Efigênia, sarauê, que lá vai pra glória”. Logo, começou a cantar “agradeço e agradeço/ muitas vezes agradecido” e indicava que eram músicas que são cantadas depois das refeições oferecidas nas casas do Reinado.

Muitas músicas estavam sendo cantadas. Havia uma alternância de cantadores. As músicas eram “trabalho, trabalho, hoje é dia de trabalha/ trabalho, trabalho pra Senhora do Rosário”. Algumas pausas nas canções, mas os instrumentos permaneciam tocando. Voltavam a cantar “estrela do céu tá na terra pra nos guia/ estrela do céu na terra pra nos guiar”. Outras músicas cantadas foram “Senhora do Rosário, chegou, chegou/ O Rosário de Maria adorado” e “Ave Maria, Nossa Senhora/ Ave Maria, Nossa Senhora/ No trono de Deus, reino da glória”. Todas elas com centralidade à devoção de Nossa Senhora do Rosário.

O Rei do Meio iniciou a música “a coquinda/ a coquinda/ acoquindá, acoquindá, ó lêlê, acoquinda/ olha abaixa a coquinda coquindá/ a coquinda/ a coquinda/ acoquindá, acoquindá, ó lêlê, acoquinda/ olha, levanta a coquinda coquindá”. Os “congadeiros” começaram a dançar de um jeito diferente: cantando e tocando, eles desciam até ficarem de cócoras, porém

continuavam caminhando. Subiam novamente e depois desciam todos ao mesmo tempo de acordo com o que era cantado na música, por exemplo, se falasse em subir eles subiam, se falasse descer eles desciam.

Os termos como “coquinda”, “ôlê, bamba aiá”, “sarauê”, “carumgueiro”, dentre outros, estão presentes em várias músicas do Congado tanto em São José do Triunfo quanto em outros lugares que se comemoram o festejo. Segundo Leda Martins (1997), esses dialetos são originários de línguas nativas africanas, mas que são comuns em comunidades negras mesmo depois de tamanhas travessias transatlânticas. Normalmente, de acordo com a autora, são os mais velhos que detêm os conhecimentos desses dialetos.

Caminhando para finalizar o ensaio, as duas filas foram formadas na área do fundo. Apenas o Rei do Meio, o Capitão, o Rei Congo e seu Assistente permaneciam entre as filas. A bandeira que havia sido guardada foi estendida e o “vassalo” e “secretário” eram os mais próximos dela, além das bandeireiras.

O Rei do Meio cantou a música “a nossa Banda vai recolher/ A nossa Banda vai recolher/ Com muita alegria, ó lêlê, com muito prazer/ Com muita alegria, ó lêlê, com grande prazer/ (...)”. Os “bambas” estavam dois de cada lado das filas e começaram a “reinar” novamente os “congadeiros”. O Rei do Meio apitou para encerrar a música.

Fizeram a oração do “Pai Nosso” e “Ave Maria”. O Capitão pronunciou palavras para abençoar os “congadeiros” presentes no ensaio e desejou que Nossa Senhora fosse “a guia e companhia”. O Rei Congo deu alguns recados sobre o início da novena e pediu ajuda para enfeitar as ruas para a Festa.

Para reverenciar a bandeira o Rei Congo cantou “ó, Virgem do Rosário/ Deus fez uma rosa/ entre as outras flores foi a mais formosa/ entre as outras flores foi a mais formosa/ Ó, Virgem do Rosário aceitai o amor desses filhos seus/ Ó, Senhora do Rosário os anjos do céu te veja/ nós vamos havemos de te levar do mato para a Igreja”. Nesse momento, os instrumentos não tocaram. Ao som dessa música, o Rei Congo, o Rei do Meio e Capitão beijaram a bandeira e fizeram o sinal da cruz. Depois os violeiros puxaram a fila para também reverenciaram a bandeira. A única diferente foi que apenas os Violeiros não deram as costas para a bandeira como fizeram no início. As bandeireiras também beijaram a bandeira e por últimos o “vassalo” e o “secretário”.

O encerramento não teve instrumentos tocando e cantaram a música “ó, puê puê/ nosso ensaio terminou/ recolhei nossa bandeira, Jesus Cristo que mandou/ (...)” apenas na voz. O Rei Congo disse “Louvado seja nosso senhor jesus cristo!” e em coro respondem “para sempre seja

louvado”. Também disse “Nossa senhora do rosário seja guia de todos”. A finalização do ensaio foi com os “bambas” cruzando as duas “espadas” em cima da bandeira e depois deram três toques. A bandeira foi recolhida.

O Rei Congo, antes que todos fossem embora fez a chamada de presença em uma lista. Principalmente, as crianças e adolescentes ficaram em sua volta para ouvi-lo falar o seu nome. A falta é oficializada neste momento.

Figura 6: Foto do Rei Congo fazendo chamada no Ensaio



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

3.3 – *Novena do Rosário*

“nós viemos de tão longe para ver a mãe de Deus/
para ver, para ver/ para ver a mãe de Deus”

Canto da Irmandade de
Nossa Senhora do Rosário
de São José do Triunfo

As “novenas do Rosário” são feitas nove dias antes da Festa do Rosário na Igreja Católica. Segundo a rezadeira, Dona Tereza, o terço “de Nossa Senhora do Rosário é que sai toda força, porque é Nossa Senhora que comanda, é o começo de tudo. Nós começamos com o terço. [...] acho que Nossa Senhora tá a frente de tudo. Sem Ela não tem nada. Sem Ela e sem Jesus não tem nada feito”. Dessa maneira, o terço tem sentido poderoso para a Festa do Rosário, ele indica que Jesus Cristo, Nossa Senhora do Rosário e Deus estão caminhando junto com a

realização da Festa. A partir disso, pode-se pensar que a reza do terço traz segurança aos devotos, mostrando que a Trindade do Espírito Santo está presente e apreciando a Festa.

Além do mais, Nossa Senhora do Rosário auxilia, segundo Dona Tereza, na conexão com Jesus Cristo, em outras palavras, é Ela que intercede na comunicação entre Jesus Cristo e os “leigos”. As palavras de Dona Tereza indicam que “toda interseção é através dela, pra chegar até Jesus. Se não for por ela não chegamos. Ela é nossa intercessora, por isso a gente tem ela como nossa predileta, a nossa principal de tudo é ela”. Nesse sentido, as rezadeiras apontam para o caráter de mediadora de Nossa Senhora do Rosário exerce entre os/as devotos/as e as outras divindades. Os antropólogos Oscar Calvaria Sáes (2009) e Renata Menezes (2004) salientam que os santos, de maneira geral, são personagens que agem entre as divindades e os fiéis através das mediações e interseções.

O começo e o final da Novena são marcados por cortejos nas ruas de São José do Triunfo em que os “congadeiros” vão até a Igreja. O primeiro cortejo refere-se à abertura da Novena e o segundo desdobra-se no cortejo de encerramento da Novena e, em seguida, ao “levantamento do mastro”.

Os “congadeiros” se reuniram em frente à casa do antigo Capitão da Banda para iniciar o cortejo. Eles usavam “casquetes” brancos, bastões, substituindo as espadas, e tinham seus instrumentos em mãos. Em comparação com outros cortejos que ocorrem ao longo da Festa de Nossa Senhora do Rosário, esse não compreende um grande número de “congadeiros”.

A composição desse cortejo se assemelha aos demais cortejos que serão descritos. O “vassalo” e “secretário” estavam posicionados na porta da casa do antigo Capitão para que a bandeira passasse por baixo de suas espadas, que se encontravam cruzadas. A bandeira carregada pelas bandeireiras foi colocada como referência, por isso em sua frente estavam duas filas de “dançadores”, entre eles o Rei do Meio, o Capitão, o Assistente e o Rei Congo, atrás dela estavam a Reinado Velho.

Figura 7: Fotos da Composição da Banda antes de sair em cortejo na Novena



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O Rei do Meio apitou para iniciar e eles fizeram a oração do “Pai Nosso” e “Ave Maria”. O Capitão pediu em nome de alguns Santos, incluindo Nossa Senhora do Rosário, para que eles fossem “guia e companhia” durante o cortejo. O Rei do Meio apitou novamente e a música cantada, tocada e dançada foi “dá licença, dá licença/ ó, Virgem do Rosário, dá licença”, “virgem do Rosário essa Banda é sua/ ó, me dá licença pra eu sair na rua” e “olha vamos, olha vamos, ôlêlê/ vamos lá pro rosário da Virgem Maria”. Os “bambas” começaram a “reinar” as filas, o Reinado Permanente e o Reinado Festeiro. Para isso, eles cruzavam suas espadas para cima, para baixo e para cima em frente à bandeira e iniciam a ação de “reinar”. Neste momento inicial eles também beijavam a bandeira enquanto cantavam a música “ó, Virgem do Rosário/ Deus fez uma rosa/ dentre as outras flores és a mais formosa/ (...)”.

Seguiram cortejando as ruas e cantando músicas que indicavam que estavam indo para a Igreja: “nós viemos de tão longe para ver a mãe de Deus/ para ver, para ver/ para ver a mãe de Deus” e “vamos embora pra igreja onde Deus fez a morada/ vamos embora pra Igreja onde Deus fez a morada/ onde mora o cálix bento e a hóstia consagrada”. Quando chegaram na porta da Igreja dançaram e cantaram. Para entrar, a bandeira foi na frente e, ao lado dela estavam o “vassalo” e o “secretário”, o Reinado e os “dançadores” vinham atrás. Por último, entraram os “bambas” que estavam com suas espadas cruzadas para que todos passassem por baixo.

Os “congadeiros” entraram cantando, dançando e tocando na Igreja, mas sob o apito do Rei do Meio pararam a música para dar início à abertura da novena. O ministro da palavra foi quem realizou a celebração com os ritos: cantos iniciais, primeira e segunda leitura da palavra,

reflexão da palavra, comunhão e ritos finais, acrescida da Oração de Nossa Senhora do Rosário. Os “congadeiros” permaneceram o tempo todo da celebração em pé.

Ao final da celebração, o Reinado Velho foi chamado no altar para serem apresentados para a Igreja. O Rei e Rainha Velhos passaram pelo corredor principal para pegar a imagem tridimensional de Nossa Senhora do Rosário e levá-la até o altar. Os “congadeiros” e devotos fizeram fila para beijar a bandeira. Os “puxadores de guia”, normalmente os violeiros, depois que beijavam a bandeira, não viravam de costas para ela até sair da Igreja.

Encerram o cortejo de abertura da Novena em frente à casa do antigo Capitão. Nos outros dias seguintes à realização da Novena não acontecia por meio de celebração mediada pela presença dos ministros, pois eram as rezadeiras que conduziam o espaço. Toda a Novena foi realizada dentro da Igreja, apenas no terceiro dia, domingo, que o local foi deslocado para a “capela” localizada em uma casa próxima a Igreja. Segundo o Rei Congo, a dona da casa oferece há alguns anos para que a “reza” seja realizada lá.

Figura 8: Foto da Capela - local de realização da Novena no Domingo



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A novena é realizada de modo diferente, pois apenas no primeiro e no último dia é feita com os ritos litúrgicos. Nos demais dias a novena seguiu da seguinte maneira. Na primeira, etapa inicia-se cantando a música “Vai descer” que tem como função invocar o Espírito Santo, por isso é conhecido como “hino do Espírito Santo”. Esse momento revela-se importante, pois, segundo Dona Tereza, não se faz “nada sem o Espírito Santo, é Ele que nos conduz, nos guia. É a trindade: Deus Pais, Deus Filho e Deus Espírito Santo”. Na segunda etapa, foi rezado o “Oferecimento”. Nesse momento, foi aberto para pedir em intenções. Dona Augusta pediu pela saúde de todos presentes, pela paz no mundo, por cada membro do congado, pelo Rei Congo e

Rainha Conga e Reinado Festeiros. Dona Andreza pediu por seu sobrinho, muito novo, que já estava dançando no Congado. O “congadeiros” violeiro pediu para que os mais novos tivessem compromisso com o Congado.

Na terceira etapa, o “Creio” foi rezado. Ele funciona como uma confissão de fé, de acordo com as rezadeiras. Na quarta etapa, ora-se o um “Pai Nosso”, três “Ave Maria”, o “Glória” e Oração. Na quinta etapa cantaram os cinco Mistérios. Entre eles reza-se um “Pai Nosso”, dez “Ave Maria”, “Glória” e Oração, totalizando cinquenta “Ave Maria”. Na quinta etapa, acontece o “Agradecimento”. Na sexta etapa, o “Salve a Rainha”. Na sétima etapa, a “Ladainha de todos os Santos”. Segundo Dona Augusta, “é nesse momento a interseção deles que leva lá pra Jesus a nossa necessidade [...] Tanto é que se você rezou um terço pra Nossa Senhora, Ela espera a ladainha de todos os santos”. Por último, fizeram a Oração de Nossa Senhora do Rosário. Uma fita azul colocada embaixo da Santa era beijada e tocada pelos devotos. Dessa maneira, seguiu todos os dias da Novena.

Figura 9: Foto dos devotos na Novena do Rosário



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Na Novena do Rosário foi possível perceber as interações entre a Santa, tanto na imagem tridimensional quanto na bandeira, e os/as devotos/as. Essas relações extrapolam o acontecimento da Novena, principalmente as interações com a bandeira que são realizadas em todos os percursos festivos. Os/as devotos/as beijam, contemplam, tocam e carregam Senhora do Rosário. Esses atos são precedidos ou finalizados com o sinal da cruz.

A antropóloga Raquel Lima (2015) aponta para uma certa complexidade nas relações entre santos e devotos através das análises de devoção à Santa Rita. A autora indica que os/as devotos de Santa Rita a enxergam como uma mulher, não como uma imagem tridimensional. Essa análise foi possível por meio de observação de como os/as devotos/as tratam Santa Rita,

salientando que ela “tem características de uma pessoa, posto que dotada de sentidos humanos: ela ouve, vê, sente, expressa-se, ao mesmo tempo em que é ambivalente, já que também é considerada sagrada” (LIMA, 2015, p. 157). Nesse sentido, pude observar algumas interações, como as descritas anteriormente, que se aproximam do entendimento de Nossa Senhora do Rosário enquanto uma mulher e não apenas como objeto imagético¹⁹.

CAPÍTULO 4 – “HOJE É DIA DE FESTA MAIOR”: DESCRIÇÕES E ANÁLISES DA FESTA DO ROSÁRIO

A Festa do Rosário em São José do Triunfo acontece há alguns anos no terceiro domingo do mês de outubro. Ao conversar com Dona Andreza, uma das integrantes mais velhas da Irmandade, ela se refere à festa como “tudo pra mim”. Essa afirmação remete ao entendimento das festas a partir da socióloga Lea Freitas Perez (2012; 2015). A autora, baseada em Duvignaud, se dispõe a compreender a festa para além da festa. A festa, então, passa a ser apreendida não como “fato festivo”, mas como “mecanismo festivo”. A festa, dessa maneira, “pode agir/operar fora e para além daquilo que convencionalmente chamamos festa” (PEREZ, 2015, p. 60). Ao dizer que a “festa é tudo pra mim”, Dona Andreza remete aos aspectos que atravessam não apenas o dia festivo, mas que sustentam e dão sentido para viver sua vida.

Segundo Dona Andreza, a Festa de Nossa Senhora do Rosário “é uma coisa que tem a ver com o ser humano, tem a ver com todos nós... não é só comigo, com você, com outro... ela tem a ver com a humanidade...”. Nesta afirmação, é possível perceber o caráter coletivo da festividade. Perez (2012) reconhece a festa como uma manifestação coletiva, porém, a coletividade não reproduz apenas o social. Na festa e para além dela, acontece a produção da vida. Por isso, “na festa a coletividade pode experimentar, e experimenta, uma existência outra que a do real socializado, uma existência que é própria da festa” (PEREZ, 2012, p. 39). Na Festa do Rosário os “congadeiros”, majoritariamente negros, experimentam lugares destinados ao prestígio e à honra.

Dona Andreza também afirma que o “congado nos movimenta”. Nesse sentido, a própria integrante da Irmandade ao indicar o Congado como movimento não permite que o entendimento de festa seja na chave estática. Perez (2012) compreende a festa permeada por

¹⁹ Cabe ressaltar que para uma melhor análise dessa transformação da imagem tridimensional de Nossa Senhora do Rosário em uma pessoa/mulher, serão necessários mais trabalhos de campo. Porém, a partir das observações realizadas pude estabelecer algumas relações.

dinamismo, pois “a festa não morreu e não se mantém como um fóssil; ela está viva porque é mais do que ela mesma; é a própria vida” (PEREZ, 2012, p. 29). Nesse sentido, o antropólogo Rubens Alves da Silva (1997) concebe o Congado como uma “tradição reinventada” mediante as possíveis variações que esse fenômeno religioso pode assumir a depender dos sentidos e interesses produzidos pelo próprio dinamismo presente na sociedade.

4.1 - Levantamento do Mastro

“já chegou o dia, já chegou a hora/
de botar o mastro pra Nossa Senhora”

Canto da Irmandade de
Nossa Senhora do Rosário de
São José do Triunfo

No sábado à noite, é realizada a missa de encerramento da “Novena” e, logo após, ocorre o “levantamento do mastro”, que anuncia a “Festa Maior”, isto é, a Festa de devoção à Nossa Senhora do Rosário, no domingo. Antes da missa, é feito um cortejo para buscar o mastro e a bandeira do mastro para levá-los para a Igreja.

O mastro é de madeira e tem aproximadamente dois metros de altura. Ele é todo enfeitado de fitas azuis, rosas e brancas, pois as cores representam o conjunto de paletas presentes nas vestes da Santa do Rosário. Na ponta do mastro, tem uma bandeira envolta pelas mesmas fitas com a imagem de “Nossa Senhora do Rosário”.

Existem pessoas responsáveis por enfeitar o mastro e a sua bandeira. Elas são chamadas de “Mordomo do Mastro” e “Alferes da Bandeira”, respectivamente. As mulheres cuidam da bandeira e os homens do mastro. Suas funções são renovar os enfeites e carregá-los até a Igreja no encerramento da Novena. Mas é apenas quando a Festa se aproxima que o mastro e a bandeira vão para suas casas, ficando guardados a maior parte do ano na Igreja.

Em diálogo com o Rei do Meio, soube que todos os anos se trocam os “Mordomos do Mastro” e “Alferes da Bandeira”. A pessoa que ajudou a carregar o mastro e a bandeira é responsável por enfeitá-los no ano seguinte e de conseguir outro/a ajudante. Caso não consiga, outras pessoas podem se oferecer ou indicar alguém. Para receber esta responsabilidade, segundo ele “basta querer”, perguntei se era necessário ser católico praticante, ele me respondeu dizendo que “arrumar praticante é difícil”. É comum os próprios “dançadores” que já acompanham a Festa pegarem esta responsabilidade.

No dia do encerramento da Novena, os “dançadores” da Banda de Congado se reúnem com seus “casquetes” e instrumentos, pois fazem cortejo para levar o mastro e a bandeira para a Igreja e logo depois da missa acontece o “levantamento do mastro”.

Iniciam o trajeto em frente à casa do antigo Capitão, pois a bandeira e outros objetos elementares para a Festa permanecem em sua casa. As bandeireiras retiram a bandeira da casa do antigo Capitão, e na soleira da porta o “vassalo” e o “secretário” cruzaram suas espadas para que ela passasse por baixo. Eram três bandeireiras, uma segurava no arco e ficava centralizada atrás da bandeira e as outras duas seguravam as fitas nas laterais da bandeira e, também, as velas.

A soleira, para Van Genep (2011, p. 37) é compreendida com bastante simbolismo, pois o ato de “atravessar a soleira significa ingressar em um novo mundo”. Nesse sentido, atravessar pode indicar, no contexto dos “congadeiros”, como forma de adentrar e sair do mundo sagrado, visto que essas ações, de cruzar as espadas para que a bandeira passe por baixo, permeiam os momentos iniciais e finais de todo o cortejo.

As bandeireiras se posicionavam de frente para os “congadeiros”, que estavam divididos em duas filas e, ao centro, permaneciam o Capitão, o Rei Congo, o Rei do Meio e Assistentes. Atrás da bandeira, estavam o “Reinado Velho” e o “Reinado Novo”. Alguns foguetes foram soltados e logo começaram com a oração do “Pai Nosso” e “Ave Maria”. O Capitão pediu que Nossa Senhora fosse a “guia e a companhia” e fez novamente a oração da “Ave Maria” para Nossa Senhora porque, segundo ele, ela é a “mãe”. Pediu para fazer o “Pai Nosso” mais uma vez para os antigos Capitães da Banda, sendo um deles o seu pai.

Os tambores foram rufados após o apito e a música “virgem do Rosário essa Banda é sua/ ô dá licença pra eu sair na rua” foi cantada pelo Rei do Meio. As filas de “dançadores” beijavam a bandeira iniciadas pelos violeiros, apenas eles permaneciam de frente para a bandeira até que o último a beijasse. Ao lado da bandeira, estavam os “vassalo” e “secretário” com suas espadas. O Reinado Festeiro, o Reinado Permanente, as bandeireiras e os “bambas” também beijaram a bandeira. Todos faziam o sinal da cruz após beijá-la. Alguns se ajoelhavam em frente à bandeira.

Os “bambas”, de frente para a bandeira, cruzaram as suas espadas três vezes, para cima, para baixo e para cima, e começaram a “reinar” a Banda de Congado, isto é, cruzavam as espadas para cima e, em dança, passaram pelas filas de “dançadores”, no Reinado Permanente, no Reinado Festeiro e na bandeira. Seguiram em cortejo dançante, tocante e cantante para buscar o mastro e sua bandeira.

Os “bambas” tomaram a frente do cortejo pelas ruas rodando suas espadas ao som das vozes e instrumentos cantando e tocando a música “trabalho, trabalho/hoje é dia de trabalhar/trabalho, trabalho pra Senhora do Rosário” e “hoje é dia do Rosário de Maria/hoje é dia do Rosário de Maria”. Os fogos de artifícios foram sendo soltos ao longo do caminho.

As ruas cortejadas foram enfeitadas com fitas e bandeirinhas coloridas, destoando ao serem comparadas aos dias comuns, nos quais os enfeites não estão presentes. Nesse sentido, é possível pensar em uma determinada transformação do imaginário das ruas do distrito de São José do Triunfo. A rua não seria apenas o lugar onde as pessoas ou os carros circulam, mas, no dia da Festa do Rosário, as ruas enfatizam outros significados através tanto de objetos simbólicos que circulam por elas, como a bandeira, o mastro e espadas, quanto de ações que inscrevem a devoção a Nossa Senhora do Rosário por meio de “tradição ritual e cosmovisão legados pelos africanos”, nos quais cantos, danças e toques estão presentes (MARTINS, 2010, p. 76).

Nesse sentido, as ruas se tornam palco dos atos de fé e devoção à Santa do Rosário. A partir de DaMata (1977), Martins (1997; 2006) e Perez (2015), é interessante perceber como os papéis sociais são transformados durante o ato festivo reverberando na vida cotidiana dos “congadeiros”. O cortejo pode indicar inúmeros significados para a rua, em outras palavras, a rua passa a ser polissêmica. Por um lado, nos dias cotidianos, a rua se apresenta como local de racismo, violência e segregação para a população negra. Por outro, no dia festivo, a rua demonstra que é lugar de evidenciar as potencialidades negras através da figura do “congadeiro” (SOUTO e FREITAS, 2018).

As transformações que acontecem nas ruas em que sediam o cortejo podem ser pensadas a partir da concepção do “rito de passagem” de Van Gennep (2011). Segundo esse autor, toda mudança de estágio, principalmente, entre o mundo profano e sagrado requer um rito que faça essa intermediação. Nesse sentido, as transformações nas ruas podem ser compreendidas como o rito de passagem. As mudanças acontecem tanto pelos enfeites quanto pelo descentramento das relações de poder que predominam nas ruas. Assim, “as ruas mais importantes não são aquelas de onde emana o poder político, mas aquelas onde residem os reis, as rainhas, os príncipes e as princesas do Congado. (SOUZA, 2014, p. 28)

Ao longo do caminho para buscar o mastro e sua bandeira, as pessoas saíam de suas casas ou ficavam nas janelas vendo a Banda de Congo passar, muitas vezes, fazendo registro com seus celulares. As pessoas que estavam nos bares também saíam com seus copos para ver a Banda. Algumas pessoas esperavam nas esquinas para acompanhar o cortejo.

O cortejo seguia para a casa do “Mordomo do Mastro”. Os “bambas”, como estavam sempre à frente, foram os primeiros a entrarem na casa. Eles entravam dançando, saltando e voltavam para perto da bandeira. Eles “reinavam” o mastro com suas espadas e as bandeireiras posicionavam a bandeira de frente para o mastro. Os/as donos/as da casa beijavam a bandeira, saíam os “bambas” e logo depois o mastro foi sendo carregado pelos “Mordomos do Mastro”. Para sair o “vassalo” e o “secretário” colocavam suas espadas cruzadas na soleira da porta para que o mastro e a bandeira passassem por baixo (Van Gennepe, 2011). Os fogos de artifício eram soltos enquanto o mastro era colocado entre as filas da Banda de Congo.

Figura 10: Foto dos Mordomos carregando o Mastro no Cortejo de Encerramento da Novena



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Nesse trajeto, a música cantada era “vamos ver nosso mastro onde está/ ele tá a coroperia”. As músicas cantadas durante todo o cortejo sempre indicavam quais seriam os próximos passos, por exemplo, entrar na Igreja, buscar o mastro, buscar a bandeira, buscar o Reinado, coroação do Reinado.

Logo seguiam em direção à casa da “Alferes da Bandeira”. No mesmo esquema ritualístico, os “bambas” caminhavam dançando na frente e davam voltas em torno dos “dançadores”. Algumas vezes dançavam juntos a partir de passos combinados no momento e outras saltavam com suas espadas nas mãos em movimentos circulares. Os “bambas” estavam abrindo os caminhos para a Banda passar durante o cortejo. Em todas as “encruzilhadas”, os “bambas” dançavam em círculo, cruzando suas espadas para cima, para baixo, para cima e davam voltas nas filas dos “dançadores” dançando. Depois, tomavam sua posição de estarem na frente da Banda de Congado e seguiam.

Os “bambas” entraram na casa da “Alferes da Bandeira e “reinaram” a Bandeira do Mastro em círculo com giros e saltos. Na saída, a bandeira do mastro e a bandeira passavam por baixa das espadas cruzadas do “vassalo” e do “secretário”. A música cantada e tocada era “vamos ver nossa bandeira onde está/ ela tá a coroperia”. O cortejo seguia até a Igreja para a celebração do encerramento da “Novena” e o “Levantamento do Mastro”.

A composição da Banda de Congado neste momento do cortejo era os “bambas” à frente, ao centro as bandeiras e a bandeira, ao lado as filas de “dançadores” e seus instrumentos, entre as filas a bandeira do mastro e as “Alferes da Bandeira”, o Reinado Festeiro, Reinado Permanente, o mastro e os “Mordomos do Mastro”.

Em frente à Igreja os “congadeiros” cantaram diversas músicas e o Rei do Meio as encerrou com o apito. Depois os “congadeiros” se ajoelharam de frente para a Igreja e para a bandeira. Iniciaram um toque e um canto melancólico chamado de “Casa Santa” que cantaram na porta da Igreja para reverenciar a sacristia cristã, a hóstia e o cálice sagrado. Parte da música era “Deus salve, ó casa Santa, aê/ onde Deus fez a morada, aê/ onde mora o cálix bento, aê/ e a hóstia consagrada/ (...)”.

Dançaram, cantaram e tocaram com bastante intensidade a música “ó, virgem do Rosário/o seu Rosário clareia”. Entraram na Igreja para a celebração da missa os “bambas”, a bandeira, a bandeira do mastro, o Reinado Festeiro, o Reinado Permanente, o mastro, os “dançadores” e por último os “vassalo” e “secretários”, que permaneceram com suas espadas cruzadas no portal, até que o derradeiro passasse (Van Genep, 2011).

Quando entraram na Igreja, estavam cantando, dançando e tocando. O Padre incentivava os fiéis a cantarem com a Banda. A “Alferes da Bandeira” colocou a bandeira no altar de Nossa Senhora do Rosário junto com o “Mordomo do Mastro”, que colocou o mastro. As bandeiras também colocaram a bandeira no altar da Santa do Rosário, que estava enfeitado com arco de flores brancas, rosas e azuis.

Os “congadeiros” permaneceram de pé em frente ao altar da Igreja para assistirem à celebração da missa. O Padre iniciou a missa em um estilo diferente dos anos anteriores, pois a data do encerramento da Novena de Nossa Senhora do Rosário caiu justamente no dia que em começava a Novena Missionária, cujo tema era “Batizados e enviados: A Igreja de Cristo em missão no mundo”, recomendada pelo Papa Francisco.

A missa²⁰ foi iniciada com a “Acolhida”, que convidava a todos os presentes a refletirem sobre a importância de anunciar o evangelho de Cristo. O “Rito Inicial” começava com o sinal da cruz e como estavam sendo distribuídas velas na entrada da igreja, a maioria das pessoas tinham uma em mãos, enquanto se cantava a música “O Senhor vai acendendo luzes/ quando vamos precisando delas/ Deixa a luz do céu entrar” as velas eram acesas e as luzes da Igreja eram desligadas. A partir daí, a missa foi feita à luz das velas. O Padre fez a oração do “Mês Missionário Extraordinário” em que rogava ao Espírito Santo o dom de ser testemunha e de levar o amor de Deus ao mundo.

Figura 11: Foto da Missa de Encerramento da Novena



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

O Padre Celebrante auxiliado pelo ministro colocou a cruz missionária no altar e quem quisesse poderia encostar nela. Ele também benzeu a Igreja toda, iniciando pelo lado esquerdo, meio, fundo e lado direito. Esse ato remeteu à minha percepção de que a intenção do Padre a tornar a Igreja um espaço ainda mais sagrado. Ele subiu no altar novamente e prosseguiu com a celebração através do “Testemunho Missionário”. Fez o canto pela palavra, leitura bíblica e reflexão.

Realizado o “Credo Missionário” e a “Prece da Comunidade”, encerrou com a Oração Final com pedidos de bênçãos e pedindo o dom de anunciar a graça de Deus. As luzes foram acesas e aconteceu a “Celebração Eucarística”. O Padre foi o responsável por dar a “comunhão” aos “congrados” no corredor central e o restante das pessoas fazia filas nas laterais da Igreja.

²⁰ Trechos retirados do livro “Mês Missionário Extraordinário Batizados e enviados - A Igreja de Cristo em missão no mundo – Novena Missionária”.

O Padre Celebrante benzeu o mastro. A comentarista leu a história dos santos que são adorados nas Festas de Nossa Senhora do Rosário, que representam os santos que perpassam a devoção do Congado, como São Benedito e Santa Efigênia. Ela também leu a história de alguns santos que se relacionam com a devoção à Santa do Rosário, como, São Domingos, Santa Catarina, Santa Isabel e Nossa Senhora da Guia. Enquanto acontecia a leitura pessoas vestidas desses/as Santos/as entravam na Igreja e se posicionavam no altar. Por último, entrou Nossa Senhora do Rosário e à sua frente, um homem negro vestido de “escravo”. Os “congadeiros” cantaram e tocaram neste momento músicas que remetiam ao tempo da escravidão e o apoio concedido por Nossa Senhora: “no tempo do cativo, quando o senhor me batia/ eu gritava por Nossa Senhora, ai meu Deus, quando a pancada doía” e “quem é a Mãe que não sofre vendo seu filho apanhar”.

Em vários momentos da missa, como da reflexão palavra, o Padre Celebrante contextualizava as pessoas presentes na Igreja sobre as origens históricas do Congado. Ele pedia que a “memória da Mãe África” fosse reativada em cada uma das pessoas, assim como explica que ninguém nasceu como “escravos” e nem para “apanhar nos cativos”, mas que nasceram livres, “homens e mulheres negras”, apontando, dessa maneira, que ser escravizado remetia a uma condição e uma circunstância.

O Rei e a Rainha Festeiros foram chamados no altar para colocar a coroa em Nossa Senhora do Rosário. Colocando-se ao lado do altar, ambos estenderam as mãos com a coroa, a beijaram e a colocaram na cabeça da Santa. Esse acontecimento é interessante para se apreender o poder e o prestígio do Reinado, pois eles puderam coroar Nossa Senhora do Rosário (Ribeiro, 1998). O antropólogo Leach (2000) observou o ritual de receber títulos da realeza inglesa e percebeu a possibilidade desta honraria gerar alguns benefícios na vida dos “cavaleiros”. Com base nesta reflexão, pode-se dizer que estar com os títulos de Rei e Rainha transforma as relações postas no cotidiano, pois foi por meio da narrativa mítica da Festa do Rosário que pessoas comuns receberam a permissão de coroar Nossa Senhora do Rosário.

Para sinalizar que iam sair da Igreja, os “congadeiros” cantaram “choro, choro/piriquitinho da Angola/pega a bandeira e vamos embora”. As bandeireiras pegaram a bandeira no altar e seguiram em direção à porta da Igreja. O “vassalo” e o “secretário” ao lado com suas espadas, o Reinado Velho e Novo, no qual o Rei Festeiro Velho estava com Nossa Senhora do Rosário em seus braços, os “mordomos do mastro” com o mastro e os “dançadores” saíram para levantar o mastro. O detalhe é que os violeiros não davam as costas para o crucifixo, como em outros momentos, e todos que saíam faziam o sinal da cruz.

Ao chegarem do lado de fora da Igreja, o Rei do Meio e os “dançadores” estavam cantando “já chegou o dia, já chegou a hora/ de botar o mastro pra Nossa Senhora”. A bandeira ficou posicionada na porta da Igreja e de frente para o local onde o mastro seria colocado, ao seu lado os “vassalo” e “secretário” com as espadas e atrás o Reinado Novo e Velho.

Os “dançadores” em suas filas se distanciavam e se aproximavam da bandeira. Os “bambas” “reinavam” a bandeira, as filas de “dançadores”, o Reinado Festeiro e o Reinado Permanente. A dança tinha maior intensidade, portanto havia mais saltos e rodopios.

O mastro foi levantado pelos “mordomos” com a ajuda dos “dançadores” ao som de muitos fogos de artifício o que deixou o céu em um emaranhado de fumaça. O mastro ficou envolto por duas rodas e ao lado dele o Rei Congo e a Rainha Conga. Uma roda pequena foi feita pelo “vassalo”, pelo “secretário” e pelos “bambas” que giravam e rodopiavam batendo suas espadas em volta do mastro, e uma grande roda feita pelos “dançadores”, que ao se movimentar da calçada da Igreja até a bandeira, cruzavam as filas. Ao redor um considerável público assistindo a dança e ouvindo as músicas.

Figura 12: Fotos do momento do Levantamento do Mastro



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Na missa, o Padre dizia que as pessoas “devem ser como o mastro: com os pés fincados no chão e a cabeça para o alto”. O rito, como indica no cartaz de divulgação, do “levantamento do mastro” simboliza o “anúncio de festa”.

Os “bambas”, depois de reinar o mastro, dançavam em torno das filas. Ao meio o Rei Congo, o Capitão, o Rei do Meio e o Assistente também dançavam, ora próximos da bandeira, ora distantes. Os “bambas” entraram entre as filas e reinavam o Reinado Permanente. Em um dado momento, todos que estavam no meio cantavam e dançavam de frente para a bandeira.

Os “bambas” “reinavam” a Banda de Congado e o Capitão enquanto se cantava “ai, meu Deus, os anjos cantam na glória/ guardai esse povo, hoje, amanhã e toda hora” e “adeus, adeus, eu agora vou embora/ nesta nossa despedida muita gente boa foi embora/ e vocês ficam com Deus que vou com Nossa Senhora”, indicando que iam sair para cortejar nas ruas da comunidade. O Rei Festeiro Velho estava segurando em suas mãos a imagem tridimensional de Nossa Senhora do Rosário. O Capitão deu alguns avisos sobre os horários da Alvorada e do início da Festa. Os “bambas” puxavam a saída da Igreja saltando e rodopiando suas espadas. A bandeira, o “vassalo” e o “secretário”, o restante dos “dançadores” e o Reinado iam atrás deles. Antes de sair, se despediam do mastro hasteado com danças e reverenciando o crucifixo de fora da Igreja com o sinal da cruz. Ao som de “galo cantou foi fora de hora/ galo cantou foi fora de

hora/ dá licença meu povo que eu já vou embora/ Vocês ficam com Deus/e vou com Nossa Senhora”, a Banda seguia para a casa da Rainha que “entregou a coroa” no ano passado.

Ao passar nas ruas enfeitadas, os “congadeiros” paravam em casas nas quais as pessoas estavam doentes e, também, em casas onde eram colocados altares na calçada. Na casa de pessoas doentes, os “bambas” “reinavam” com suas espadas e a bandeira era beijada pelo enfermo/a. No caso dos altares colocados na rua, o/os Santo/os e Santa/as eram “reinados”, tocados, beijados, contemplados e depois reverenciados com o sinal da cruz. Se em baixo do/a Santo/a tivessem fitas os “dançadores” a beijavam. A Banda de Congado também parava na frente de casas das pessoas que já fizeram parte do Reinado e cantavam “Quem já foi Rei não perde a majestade/ Eu sou congueiro/ eu sou congado/”.

As antropólogas Raquel Lima (2015) e Renata Menezes (2004) indicam várias possibilidades dos devotos se relacionarem e interagirem com os/as Santos/as. Nesse sentido, “as diferentes maneiras que os fiéis têm de se relacionar com as imagens revelam que se comunicar com a santa, interagindo com suas imagens, é parte essencial da devoção” (LIMA, 2015). No contexto do Congado, a relação estabelecida entre Nossa Senhora do Rosário e os “congadeiros” giram em torno de beijá-la, tocá-la, contemplá-la e coroá-la. Além disso, a bandeira com Nossa Senhora do Rosário, durante os cortejos, realiza maiores intermediações e interações entre os “congadeiros” e a santa, pois ela está em todos os cortejos, menos na “Alvorada Festiva”.

É interessante perceber as semelhanças dos usos atribuídos à bandeira nos diversos festejos populares, como nos estudos do antropólogo Daniel Bitter (2008) sobre as Folias de Reis. O autor observou que a bandeira também era acionada para mediar os pedidos de cura, isto é, a bandeira podia tornar possível “a comunicação com o plano supramundano para que se possa solicitar a intervenção divina, com a possibilidade de concessão de graças” (BITTER, 2008, p. 111).

Nesse sentido, agrega-se pensar os usos da bandeira, assim como de outros objetos simbólicos “a partir de um conjunto de categorias e idéias e de sistemas classificatórios, enfim em seus contextos culturais, sociais e cosmológicos” (BITTER, 2008, p. 106). No caso do Congado, a bandeira foi acionada nesse momento na tentativa de curar as pessoas doentes. É indispensável compreender que os objetos também “constituem as pessoas que se encontram em seu entorno, agindo e produzindo efeitos sobre elas” (BITTER, 2008, p. 106).

Os “bambas”, ao chegarem à casa da Rainha se posicionaram no portal (Van Gennep, 2011), cruzaram suas espadas para que a bandeira, a Banda e o Reinado passassem por baixo.

Na mesa cheia de comida, os “bambas” “reinaram” os alimentos e os “dançadores” dançaram, tocaram e cantaram em torno dela. A imagem tridimensional de Nossa Senhora do Rosário foi colocada em um altar junto com a bandeira da Santa do Rosário enquanto os “congadeiros” comiam e bebiam. Entraram para comer as pessoas que eram ligadas à Banda, por exemplo, as esposas, as mães e os parentes de maneira geral. O restante das pessoas que acompanhavam ficava esperando do lado de fora. Os/As moradores/as da casa começaram a servir as pessoas que estavam na rua. Grandes bacias de comida eram levadas para fora, os copos descartáveis eram distribuídos e o refrigerante servido.

Para sair da casa algumas músicas são cantadas e tocadas para agradecer a mesa de comida. O Rei do Meio puxa “lá do alto vem um anjo/ lá do alto vem descendo um anjo/esse anjo é a nossa grandeza/ quem vem agradecer a mesa, meu irmão, é Senhora do Rosário”. A quantidade de comida era visivelmente maior que a quantidade de pessoas presentes. Pães, bolos, biscoitos, refrigerante, café, leite foram servidos. Tudo pensado na lógica da fartura, do muito, do grande, expresso pelo tamanho das bacias em que as comidas eram colocadas.

As bandeireiras seguiam na frente e o restante dos “dançadores” prosseguiram atrás. O Rei do Meio, o Capitã, o Rei Congo agradecia aos/as donos/as da casa de maneira mais intimista, pegando em suas mãos. O cortejo neste momento já se aproxima do fim, iam apenas levar o Reinado Novo e Velho em suas casas para encerrar.

O Rei, Rainha e Princesa Festeiros Velhos foram deixados em suas casas juntamente com Nossa Senhora do Rosário. Seguiam para as casas do Reinado Novo. As ruas onde moram as pessoas que compõem o Reinado eram as mais enfeitadas de fitinhas e bandeirinhas. Em algumas dessas casas também colocavam enfeites de bambu.

O encerramento do cortejo voltou para o lugar onde havia começado: em frente à casa do antigo Capitão. O Rei do Meio cantava “bole, bole o pé/ bole, bole a mão/ bole, bole o corpo todo”. Nesta música na medida em que citavam as partes do corpo os “dançadores” as mexiam com maior ênfase. Para finalizar o Rei do Meio cantava “a nossa Banda vai se recolher/acabou a Festa/acabou a procissão” enquanto os “bambas” “reinavam” as filas de “dançadores”, o Reinado Permanente, a bandeira e o Reinado Festeiro.

O Rei do Meio apitou para que os cantos e toques parassem e o Capitão agradeceu em nome de vários santos, na “intenção de Nossa Senhora” e ofereceu ao Reinado Festeiro o cortejo. Os “dançadores” beijavam a bandeira cantando “beijemos, beijemos em tão bela hora/ beijemos a Jesus e a Nossa Senhora (...)”, os instrumentos não eram tocados. Este momento é marcado por certa melancolia e o Rei do Meio, Capitão e Rei Congo cantavam olhando

diretamente para a bandeira. Depois que todos beijavam a bandeira, as bandeireiras sopravam as velas para apagá-las. O “vassalo” e o “secretário” foram para a porta da casa e cruzaram as espadas, a bandeira passou e eles bateram três vezes as espadas. O cortejo foi encerrado. Muitos seguiam para suas casas, mas muitos também iam para o “Pagode da Alvorada”²¹.

4. 3 – *Alvorada Festiva*

“galo cantou vem ver que hora é/
Já está clareando, é dia se Deus quiser

Canto da Irmandade de
Nossa Senhora do Rosário
de São José do Triunfo

A Alvorada iniciou às quatro horas da manhã. Sua função, como estava no cartaz de divulgação, é anunciar que acontecerá a Festa de Nossa Senhora do Rosário para a “comunidade”. Por isso, os “congadeiros” percorriam as ruas do distrito. As músicas cantadas, tocadas e dançadas indicavam, em sua maioria, que “é dia de Festa maior”.

É importante ressaltar que entre o término da Novena em que o mastro é levantado, e o início da “Alvorada”, aconteceu o “Pagode da Alvorada”. É muito comum as pessoas passarem a noite acordadas nesse evento e irem diretamente para a Alvorada acompanhar o cortejo da Banda de Congado. O nome do Pagode gera incômodos para alguns “congadeiros”, diante da possibilidade de as pessoas associarem a Banda de Congado à realização deste evento. Isso se deve ao caráter mundano que o “Pagode da Alvorada” se encontra quando comparado ao lugar sagrado da Festa do Rosário. Nesse sentido, é interessante inferir um certo medo por parte dos “congadeiros” da confusão ou mistura entre os mundos sagrados e profanos, nos termos antropológicos.

Os “congadeiros” com seus instrumentos e cantos se juntaram em frente à casa do antigo Capitão e foram até um local chamado “Cruzeiro” para rezar. Para o trajeto eles se vestiam com o “casquete branco”, usavam bastões, substituindo as espadas, e instrumentos. Neste cortejo, é comum a bandeira não estar presente. Começaram soltando três fogos de artifícios. Em filas, os

²¹ O “Pagode da Alvorada” é um evento com música, dança e bebida alcoólica que acontece em alguns bares de São José do Triunfo. Ele é iniciado depois do “levantamento do mastro” e continua até a “alvorada festiva”.

“congadeiros” rezavam o “Pai Nosso”, “Ave Maria” e dedicavam a intenção de cortejar aos diversos santos, incluindo Nossa Senhora do Rosário.

No cortejo, os “bambas” iam à frente rodopiando suas espadas. Paravam nas encruzilhadas e, em círculo batiam as espadas para cima, para baixo e para cima. Algumas pessoas que estavam no “Pagode da Alvorada” esperavam nas esquinas para acompanhar o cortejo. Em danças e cantos, os “dançadores” percorriam o trajeto, a música cantada era “galo cantou vem ver que hora é/já está clareando, é dia se Deus quiser”.

O cruzeiro fica próximo da Igreja em um morro. No cruzeiro tem uma cruz de madeira. Local onde se faz preces, pedidos e agradecimentos. Poderia dizer que é um lugar informal de reza, enquanto a Igreja seria o formal. Para chegar até lá tem uma subida íngreme e não tem iluminação no local. Embaixo da cruz, os “congadeiros” acenderam velas. Rezaram “Pai Nosso” e “Ave Maria”. Ajoelhados fizeram preces para Nossa Senhora do Rosário. As preces são faladas em um tom de súplica.

O Capitão, ajoelhado, fez pedidos emocionados com intenção de proteger a “comunidade”, aos antigos capitães e “dançadores” já falecidos para que eles “recebam um bom lugar”, ao Padre Celebrante da “Missa Festiva”, ao Reinado Velho e ao Reinado Novo, para receberem muita “sabedoria e criatividade”, ao bem da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário, e aos mais novos integrantes da Banda para que “a tradição continue”. A cada intenção era rezado “Pai Nosso” e “Ave Maria”. Ao descerem, as velas permaneceram acesas.

Inspirada na ideia de sacrifício dos antropólogos Marcel Mauss e Henri Hunbert (2005), percebo que, no Congado a dimensão sacrificial está muito enraizada, pois os “congadeiros” dançam, cantam e tocam durante todo o dia festivo, independente se está “debaixo de chuva” ou “debaixo de sol”, inclusive os “dançadores” com idade avançada, além da intensa organização nos dias anteriores para que a Festa do Rosário seja “abrilhantada”. A meu ver, este festejo está emaranhado de momentos de sacrifícios, como a subida e descida no morro íngreme do Cruzeiro, a constância nas danças, cantos e toques, o ato de ficar de pé durante a Missa de encerramento da Novena e a “Missa Festiva”. Nesse sentido, o caráter sacrificial ganha dimensão coletiva/moral.

O cortejo seguiu para a porta da Igreja onde rezaram para a “Casa Santa”. Os “bambas” guiavam o caminho dançando em saltos, giros e “reinavam” com suas espadas. Ajoelhados e de cabeça baixa, cantavam e tocavam. Esse momento, segundo o Rei Congo, é a “saudação da casa santa”. A música era cantada em tom de lamento. A melodia tem sentido crescente, isto é, inicia-se o canto com a voz baixa e, com o passar do tempo, a voz aumenta, gradativamente.

Da mesma maneira aconteceu com os toques nos instrumentos, começando baixo e aumentando ao longo do canto. Ao sair, referenciaram o crucifixo da Igreja e o mastro e seguiram em cortejo nas ruas da comunidade. Nesse sentido, as variações das entonações e até mesmo dos ritmos constituem o que Tambiah (2018) compreende enquanto poder da palavra dentro dos contextos específicos.

Figura 13: Foto dos Congadeiros "Saudando a Casa Santa" na Alvorada Festiva



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Ao percorrerem as ruas, os caminhos escolhidos perpassavam fundamentalmente por casas de “dançadores” falecidos, pessoas que já participaram do Reinado e pessoas idosas que não conseguiam mais acompanhar o cortejo. Além disso, era comum pararem nas casas das pessoas enfermas ou até mesmo devotas. O sinal que marcava as saudações dos “congadeiros” nessas casas era constituído, majoritariamente, pelos altares montados em frente às casas. Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia, São Benedito, bandeiras, flores, fotos, forros coloridos compunham as mesas dos altares. Em outros momentos do cortejo, por exemplo, para buscar o Reinado, os altares eram colocados, porém a quantidade foi muito maior durante a Alvorada.

Figura 14: Fotos dos altares colocados nas ruas



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Quando tem altares nas ruas, os “congadeiros” paravam para “reiná-los”. Dançavam e cantavam em frente a ele. Principalmente, o Capitão e o Rei Congo paravam por mais tempo de frente para os altares, fazendo orações silenciosas e contemplativas, além disso, tocavam os/as santos/as e beijavam as fitas que eram colocadas. Depois, faziam o sinal da cruz. O Rei Congo ainda cumprimentava as pessoas que colocaram esses altares.

Os “congadeiros”, ao passarem na casa do Reinado Novo e Velho, cantavam “rainha nova viemos te visitar/ viemos trazer lembranças rainha velha mandou dar” e apenas trocavam

os nomes para o restante do Reinado, para rei velho, rainha velha, assim por diante. E elas saíam na porta de suas casas para os receber, porém os “congadeiros” não entravam nesse momento.

No caminho, cantavam e tocavam músicas que remetiam ao poder do Reinado e da bandeira de Nossa Senhora “lá na rua de baixo, lá no fundo da horta/ a polícia me prende, ô lêlê, a rainha me solta” e “ó, que Santa é essa que tá bandeira/ é virgem do Rosário a mãe verdadeira/ ó, que Santa é essa que tá no andor/ é Virgem do Rosário, mãe do pecador/ olha na bandeira que santa é essa/ é Virgem do Rosário vai cumprir promessa”.

O café da manhã foi oferecido pelo Rei Festeiro do ano anterior. Os “bambas” eram os primeiros a entrar e, logo depois, o restante dos “dançadores”, pois eles “reinavam” a mesa do café enquanto os outros dançavam em volta dela. O Rei do Meio apitou para a que música encerrasse e eles comeram. Na parte de fora, as pessoas que acompanhavam o cortejo recebiam comidas em grandes bacias. Ao acabarem a refeição os “congadeiros” cantaram e tocaram para agradecer a comida, fizeram a oração do “Pai Nosso” e da “Ave Maria”. As músicas cantadas, dançadas e tocadas em agradecimento ao alimento, além do ato de “reinar”, constituem o que o antropólogo Roger Bastide (2006, p. 155-156) considera como “oração corporal”. Ele aponta para a importância de compreender o próprio corpo como forma de oração, isto é, como “oração corporal”, possibilitando pensar que a “própria palavra é corporal”. Nesse entendimento, a dança, o canto e o toque ressoam como oração. Além disso, nos termos de Van Gennep (2011), essas rezas corporais também instauram o rito de passagem dos alimentos que foram comidos.

O Capitão aproveitou para dar os recados sobre os horários e alertou para que tivessem “olhos bem abertos” e “ouvidos bem limpos”. Seguiram para a casa do antigo Capitão e finalizaram a Alvorada com a oração do “Pai Nosso” e “Ave Maria” e fizeram pedidos de “bênçãos” na Festa.

Figura 15: Foto do Café da Manhã oferecido no Final da Alvorada



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

4.4 - Almoço

É comum, neste intervalo entre a Alvorada e Almoço, os “congadeiros” descansarem. O cortejo foi iniciado às onze horas. Mas, antes disso, existe um processo de arrumação dos objetos e das pessoas, como a vestimenta dos “uniformes”. Os instrumentos, como as caixas e espadas ficavam em cima da mesa da sala do Rei Congo. Como o Padre Celebrante estava em sua casa, ele preparou uma água com algumas ervas para benzer os instrumentos, coroas e espadas.

O ato de benzer esses objetos pode ser entendido como a “contaminação do sagrado”, à luz de Durkheim (2008). O autor, ao compreender que o meio sagrado e meio profano não se misturam e se fecham um para o outro, apreende que o caráter sagrado possui maior grau de contaminação sob os aspectos vulgares. O sagrado não é algo intrínseco aos objetos, por isso as forças religiosas exercem uma emoção especial para que seja atribuído aos objetos o sentido de “valor religioso” (DURKHEIM, 2008, p. 391).

Ao som dos apitos do Rei do Meio, os “congadeiros” foram se reunindo novamente em frente à casa do antigo Capitão. Neste momento, eles se encontravam “fardados”. Usavam o “uniforme”, “casquete”, camisa, calça e tênis brancos, “saiote” rosa ou azul, “capacete” com fitas coloridas, instrumentos, espadas, capas, coroas e bastões. O Reinado Velho não estava vestido, apenas acompanhava o cortejo até o almoço.

Segundo Souza (2011), que realizou estudo com esta Banda de Congado a qual me proponho a pesquisar, em diálogo com “congadeiros”, aponta que eles se identificavam, dentre

a diversidade de grupos de Congado, com os “Congos”. Martins (1997) traça alguns aspectos que compõem as características mais marcantes destes grupos.

Os Congos [...], além dos saiotes, geralmente de cor rosa ou azul, usam vistosos capacetes ornamentados por flores, espelhos e fitas coloridas. Movimentam-se em duas alas, no meio das quais postam-se os capitães (os solistas), e performam coreografias de movimentos rápidos e saltitantes, às vezes de encenação bélica e de ritmo acelerado. Cantam nos ritmos grave e dobrado e representam a vanguarda, os que iniciam o cortejo e abrem os caminhos, rompendo, com suas espadas e/ou longos bastões coloridos, os obstáculos. (MARTINS, 1997, p. 46)

É notório que foi apenas neste momento do cortejo, entre os vários feitos, que os “congadeiros” utilizaram o “uniforme”. É somente no momento oficial de buscar o Reinado Novo e Velho para a coroação que eles usam suas vestimentas, tornando-se “fardados”. É interessante pensar que os “uniformes” indicam de maneira explícita a condição de “congadeiros”, assim como o “casquete” utilizado nos outros cortejos. Usar a “farda” e objetos simbólicos de “congadeiro” (Silva, 2010a) pode ser compreendido como um rito de passagem, nos termos de Van Gennep (2011), pois ocorreu uma transformação, isto é, passa-se de um estágio para outro. A antropóloga Rita Amaral (2012) também salienta a importância da vestimenta e dos objetos simbólicos enquanto elementos que potencializam a transformação e a mudança. Assim sendo, para acessar a condição de “congadeiro” é necessário o “uniforme” ou simplesmente o “casquete”. Essa necessidade, é expressa na regra de que todos devem estar utilizando essa vestimenta nos cortejos ou em outros momentos em que a identidade de “congadeiro” (Silva, 2010b) é mobilizada, como no Ensaio.

Além disso, a importância de estar “fardado” pode se referir ao momento grandioso da coroação do Reinado, que, pela ótica da pesquisadora Leda Martins (1997, p. 62) representa o “símbolo de uma autoridade que descentra, em vários níveis, o poder institucional hegemônico”, pois, amparado pelas ressonâncias do mito fundador de aparecimento de Nossa Senhora do Rosário, o poder hegemônico remete ao tempo em que negros/as foram submetidos ao sistema escravocrata. A coroação e outros elementos que compõem a narrativa “mitopoética” do Congado, como as danças e cantos, instauram a “subversão da ordem e hierarquias escravista” (MARTINS, 1997, 56). Nesse sentido, vestir-se com os “uniformes” ressalta e contribui para a evidência deste importante momento que se aproxima.

É interessante perceber que além da vestimenta e do adorno das ruas, a coroação da realeza expressa e ressoa, através de objetos simbólicos a distância entre o cotidiano e o extra cotidiano. São esses objetos que muitas vezes comunicam sobre a instauração do poder negro no viés proposto por Martins (1997).

A composição da Banda foi organizada de maneira que a bandeira ficasse centralizada: na sua frente as duas filas formadas pelos “dançadores” e a atrás o Reinado Novo e Velho, a Corte do Reinado e os “Mordomos do Toldo”. Quando estavam em movimento cortejando nas ruas, o modo como eles se organizavam foi alterado: os “bambas” iam à frente, a bandeira e as bandeireiras, os “vassalo” e o “secretário” ao seu lado, as duas filas de “dançadores” e o Reinado Permanente, Reinado Novo e Velho e a Corte do Reinado.

Para iniciar, rezaram a oração do “Pai Nosso”, “Ave Maria” e o Capitão pediu graças e ajuda para vários/as Santos/as, incluindo Nossa Senhora do Rosário. Os “congadeiros” beijaram a bandeira e os “bambas” “reinavam” todas as pessoas, “dançadores” e Reinado, ao som de “hoje é dia de Festa maior, olha viva/ hoje é dia de Festa maior, olha viva”, cantada pelo Rei do Meio e respondida em coro.

Figura 16: Fotos dos "congadeiros" com seus "uniformes"



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Seguiram para o local onde o almoço seria servido, a Casa São José²². Os “congadeiros” entraram primeiro e permitiram que a corte do Reinado, as mulheres com filhos/as e as pessoas idosas também entrassem. O restante das pessoas que estava acompanhando o cortejo, esperara

²² O local do almoço é alterado de acordo com a escolha do Rei e Rainha Festeiros Velhos, que são os responsáveis pelo almoço.

do lado de fora. Os “dançadores” cantaram e dançaram em frente à porta do salão reservado para eles onde havia mesas e cadeiras para que eles comessem. Porém, este espaço era também de descanso, por isso, os “congadeiros” retiravam as capas, as coroas, os capacetes, os “casquetes”, alguns até o “saiote”. O fato dos “congadeiros” terem um local reservado para comerem indica certo prestígio social (Ribeiro, 1998; Costa 2006), ao mesmo tempo em que indica praticidade para servir o almoço. Essa dinâmica dos “congadeiros” serem servidos primeiro e de terem um lugar reservado para se alimentarem é notado em todos os momentos em que eram oferecidas refeições.

A comida do almoço da Festa do Rosário é oferecida pelo Rei e Rainha Festeiros Velhos. Ao conversar com o Rei Congo, soube que a Festa recebe muitas doações. Segundo ele, a festa “é bem ajudada pela comunidade, o povo não mede esforço”, pois “é festa de muita gente”. Presenciei em várias visitas à casa do Rei Congo pessoas indo doar arroz, feijão e macarrão, que ficavam em sacolas em cima das mesas. Conversando com Dona Luiza, ela contou que as doações que excedem são repassadas para a Festa do Rosário em Cachoeirinha e/ou para o Lar dos Idosos.

A preparação da comida foi realizada, em sua maioria, pelas mulheres. Elas trabalhavam temperando, picando, cozinhando e servindo os alimentos. A escolha dessas mulheres é mediada pelo convite da Rainha Festeira para cozinhar. Neste ano, a Rainha Festeira disse na reunião de preparação da Festa do Rosário que convidaria as mulheres mais idosas, mesmo sabendo que elas poderiam rejeitar por causa da idade, mas faria isso por “consideração”. Nesse sentido, é interessante evidenciar a palavra “consideração”, visto que parte do entendimento de que as mulheres que cozinham na Festa do Rosário gostam e se sentem prestigiadas por serem convidadas, por isso a necessidade do convite. O lugar da mulher na Festa do Rosário está associado ao lugar da preparação da comida, de certa maneira, refletem o papel social e de gênero. Nesse contexto, pode estar relacionado ao lugar de prestígio, pois o momento das refeições é considerado pelos “congadeiros” o mais cheio de pessoas. E eles medem o sucesso da Festa a partir do número de pessoas que vão prestigiar o festejo, evidenciado, sobretudo, nos momentos das refeições.

A quantidade de comida foi expressa no tamanho das panelas e bacias em que os alimentos foram colocados. A quantidade de pessoas presentes na hora do almoço foi demonstrada pelo tamanho das filas, que percorria vários metros. Em diálogo com Dona Andreza, uma senhora congadeira, chegamos à conclusão de que a fartura observada na Festa do Rosário é o resultado, em outras palavras, é a reverberação de todo processo de união e

contentamento que a Festa provoca na vida das pessoas. As contribuições individuais enrelaçadas no universo da coletividade produzem a fartura da comensalidade da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

Figura 17: *Foto da Mesa do Almoço*



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A comida servida foi arroz, feijão, salpicão, sopa de frango, frango assado e refrigerante. Mulheres e homens serviam e repunham as panelas enquanto os “congadeiros” comiam, conversavam e descansavam no salão. Depois de um certo tempo, o Rei do Meio apitou para que os “congadeiros” se arrumassem novamente, pois já era hora de retomar o cortejo. A corte do Reinado já tinha deixado o salão para se preparar e esperar a Banda na casa da Rainha Velha. Eles iam vestir seus vestidos e camisa sociais.

O Rei do Meio apita mais uma vez e os “congadeiros” se organizaram nas filas. Cantaram a música “lá no céu vem descendo um anjo/ esse anjo é a nossa grandeza/ quem agradecer a mesa, meus irmãos, é a Senhora do Rosário/ (...)” em agradecimento ao alimento. Depois seguiram em cortejo para buscar o Reinado Novo e Velho, pois iriam levá-los para a “Missa Festiva”, na qual acontece a “troca de coroas”.

4.5 - Cortejo para buscar o Reinado

“oi que beleza/
Rei e Rainha/
Príncipe e Princesa”

Canto da Irmandade de
Nossa Senhora do Rosário
de São José do Triunfo

Os “congadeiros” foram para casa da Rainha, do Rei e Princesa Velhos buscá-los. Ao subir a ladeira, eles cantaram e dançaram “lá vai lá vai subir o morro/ põe o joelho em terra pra pedir socorro”. Os “bambas” dançavam e saltavam um ao lado do outro, rodopiando suas espadas. Quando estavam próximos da casa do Reinado Velho, eles saltavam ainda mais rápidos e entraram na casa. Foram até os fundos e retornaram para dar volta em torno dos outros “dançadores”.

O Rei, a Rainha e Princesa Velhos estavam esperando sentados em seus tronos. O Rei do Meio apitou para encerrar a música que estavam cantando, para que o Capitão da Banda cantasse outra música para tirá-los dos tronos. O ritmo dos instrumentos se modificou, tocaram apenas no “tum, pausa, tum, pausa, tum”. A melodia soava mais melancólica. O Capitão fazia reverência ao Reinado com o balançar da cabeça para baixo e o restante dos “dançadores” também fez a mesma ação. O “vassalo” e o “secretário” se colocaram ao lado dos tronos junto com a bandeira. Para que eles saíssem o “vassalo” e o “secretário” cruzaram as espadas e o Reinado passou por baixo. Na porta da casa, as pessoas soltaram muitos fogos de artifício.

O Capitão cantou uma música para o Reinado Novo e Velho em que a letra remetia a um convite para que os Reinado os acompanhassem, indicando que o Reinado Velho iria “entregar a coroa” e o Reinado Novo iria “receber a coroa”. Parte da música era “Quenda queda, meu Rei Velho/ Olê bambariá/ Quenda com muita alegria/ Olê bambariá/ Que chegou a hora/ Olê bambariá/ É também chegou o dia/ Olê bambariá/ Vai entregar essa coroa/ Olê bambariá/ No Rosário de Maria/ Olê bambariá/ (...)”. O restante dos “congadeiros” respondia em coro “Olê bambariá”. Esse processo aconteceu em todas as casas do Reinado Velho e Novo, mudando apenas os nomes na música. Apenas o Reinado Velho estava vestido com roupas de realeza, que eram coroa, vestidos, mastro, flores e capas. O Reinado Novo usava roupas comuns, pois só se torna, efetivamente, rei, rainha, príncipe e princesa depois do rito de coroação.

Da casa da Rainha e Rei Velhos saíram a corte do Reinado e o andor com Nossa Senhora do Rosário. As meninas da Corte trajavam vestidos rosas, azuis e brancos, já os meninos, camisa

social branca, calça preta, e gravata borboleta da cor do vestido do seu par e levavam guarda-chuva rosas, brancos e azuis, independentemente da cor do vestido. Os casais eram intercalados de acordo com as cores dos vestidos.

Figura 18: *Fotos do Andor, Reinado e Congadeiros em cortejo para Missa Festiva*



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

No caminho para a Igreja, os “congadeiros” cantavam “você leva a Rainha eu levo o Rei/ quando chegar no Rosário eu quero ver” e “nós viemos de tão longe para ver a mãe de Deus/ para ver, para ver, para ver a Mãe de Deus” e “oi que beleza/ Rei e Rainha/ Príncipe e Princesa” em um tom de euforia, pois estava se aproximando a “troca de coroa”, as alterações nas entonações das vozes nas músicas são importantes para a compreensão ritual (Tambiah, 2018), visto que o momento da coroação estava próximo.

Quando estavam próximos à Igreja os “congadeiros” dançavam em saltos com maior rapidez e faziam um círculo no mastro. Depois, os “dançadores” e a corte do Reinado formaram duas filas e ficaram ajoelhados de cabeça baixa e de mãos para cima, para que o andor de Nossa Senhora do Rosário e o Reinado Novo e Velho passassem. Os “bambas” “reinavam” com muito entusiasmos, percebidos pelos seus saltos e giros rápidos. Eles “reinavam” o Rei do Meio, o Rei e Rainha Conga, o andor, o mastro, o Capitão, os “dançadores”, a corte, o Reinado Novo e Velho e a bandeira, que ficou posicionada de frente para a Igreja.

Figura 19: Fotos da chegada do Andor, Reinado e Congadeiros na porta da Igreja para a Missa Festiva



Fonte: Arquivo pessoal, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A porta da Igreja estava enfeitada com as cores rosa, branco e azul. O Padre Celebrante apareceu na porta para benzer os “congadeiros” e as pessoas que estavam acompanhando o cortejo com água benta. Eles entraram cantando “Viva Deus, a casa de mamãe/ Viva a Rainha, a Senhora do Rosário”, com giros, saltos e passos rápidos. As fitas nos capacetes acompanhavam em movimento o bailar de seus corpos. Os instrumentos eram tocados com maior força. Alguns toques eram feitos com maior intensidade no ritmo e nas batidas. O Padre entrou com um defumador na Igreja e passou apenas pelo corredor central, porém a fumaça espalhou o cheiro de ervas por toda a Igreja.

4.6 - Missa Festiva

“Viva Deus, a casa de mamãe/
Viva a Rainha, a Senhora do Rosário”

“Virgem do Rosário essa festa é boa/
rei e rainha vai troca a coroa”

“Virgem Rosário, Santa Tereza/
trocou de coroa Príncipe e Princesa”

Cantos da Irmandade de
Nossa Senhora do Rosário
de São José do Triunfo

Nossa Senhora do Rosário foi colocada em seu altar, assim como a bandeira. O Padre Celebrante se posicionou de frente para os “fiéis”, enquanto os “congadeiros” permaneceram de pé no corredor central. Os “bambas” “reinarão” o Reinado Novo e Velho até que eles se sentassem em seus tronos localizados no altar. Os “bambas” desceram do altar e “reinarão” os

“dançadores”. O Rei do Meio apitou para que as músicas parassem de serem cantadas, tocadas e dançadas.

O Reinado permaneceu no altar durante toda a “Missa Festiva” e estavam dispostos de maneira que os Velhos ficaram no trono azul e os Novos no trono rosa. As pessoas que acompanhavam o cortejo, ora estavam sentadas, ora de pé, conforme o decorrer dos atos litúrgicos. A corte do Reinado estava sentada próxima do altar, bem como os “Mordomos de Toldo”.

Figura 20: Foto do Reinado Velho e Novo no Altar na Missa Festiva



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

A “Missa Festiva” é realizada com os aspectos básicos da liturgia da Igreja Católica: Cantos de Entrada, Primeira Leitura, Segunda Leitura, Reflexão da Palavra e Celebração Eucarística. Porém, são acrescentados alguns atos que louvam diretamente a Nossa Senhora do Rosário, como leitura da sua oração, além do ritual de coroação do Reinado Velho e Novo.

Em entrevista com o Padre Celebrante, pude conversar com ele sobre os tipos de missas elaboradas para a Festa do Rosário. Segundo ele, em São José do Triunfo a “Missa Festiva”²³ não é nem a “Missa Conga”²⁴ muito menos a “Missa no estilo Gregoriano”, pois esse estilo de missa carrega a “filtragem da cultura europeia. Para a realização da Missa no Congado, de maneira geral, a partir dos apontamentos do Padre, a corporalidade, os cantos e os “toques de tambores” são fundamentais, pois são elementos “filtrados da cultura africana”. Neste entendimento, o Padre indica a existência do sincretismo religioso no Congado.

²³ O termo “Missa Festiva” é designado pelos “congadeiros” em São José do Triunfo. Pode-se dizer que é uma terminologia local, expressa no cartaz de divulgação da Festa do Rosário e difundida na “comunidade”, para se referir à missa de coroação do Reinado no distrito.

²⁴ Segundo Martins (1997) e Gomes e Pereira (2005), a Missa Conga foi criada pela Federação dos Congados de Minas Gerais em 1960. Seu objetivo era suavizar as tensões encontradas entre grupos negros e a Igreja Católica. Para isso, se institucionalizou como Missa Conga uma estrutura ritualística que segue os aspectos “tradicionais”, porém acrescentados com cantos, toques de percussão, danças que estão tradicionalmente ligadas ao Congado.

Pereira (2005) traz à tona as possíveis articulações presentes no sincretismo religioso, mobilizando autores/as de diferentes tendências teóricas e ideológicas. Desse modo, o autor prefere entender o termo sincretismo a partir da perspectiva pluralista, isto é, “como resposta a realidade específicas e como propostas de vida em determinado contexto social repele as avaliações que o consideram como um fator menor diante das heranças culturais ‘puras’” (PEREIRA, 2005, p. 442). O autor acrescenta, ainda, que o sincretismo não é o resultado pronto dos efeitos de um determinado contexto, mas um processo pelo qual “os sistemas religiosos” se relacionam e criam outros sistemas religiosos tidos como “originais”. Voltando aos entendimentos do Padre Celebrante, ele compreende o sincretismo presente no Congado como um “diálogo das religiões”, entendendo que se pode discutir o modo como os negros escravizados foram inseridos nas terras brasileiras a partir da perspectiva sincrética.

O Padre aponta que em São José do Triunfo, a “Missa Festiva” traz os elementos afro-brasileiros, por exemplo, as danças, as músicas e os toques de percussão, bem como a liturgia presente nos cultos católicos. Porém, mesmo assim eles não denominam que estão realizando a Missa Conga. O Padre também enfatiza que o Congado, de modo geral, possui um grande poder criativo para elaborar e trazer esses elementos para a missa.

A “Missa Festiva” foi iniciada com os cantos de entrada. O comentarista leu o nome das pessoas doentes que fizeram pedidos para Nossa Senhora do Rosário com a intenção de melhorar a saúde. Mulheres vestidas de batas longas e estampadas saíram do altar para buscarem a bíblia. Os “bambas” “reinavam” essas mulheres. Elas dançavam em círculo e com velas nas mãos enquanto apenas uma dançava com a bíblia para cima. Os movimentos de seus corpos traziam a interpretação de que elas estavam reverenciando a bíblia, o que pode ser entendido como exaltação da palavra de Deus através de seus corpos dançantes. Quando os “bambas” terminaram de “reinar”, eles cruzam as espadas e batem elas entre si três vezes.

O Padre Celebrante, durante a entrevista realizada, destacou a condição destes corpos que dançam, cantam e tocam em forma de louvor e adoração. Ele remete nessas características “as espiritualidades africanas” que fabricam “a forma de rezar, o rezar cantando, o rezar dançando, o rezar celebrando alegria [...]” através da corporalidade, podendo ser compreendidos, nos termos de Bastide (2006), como “oração corporal”.

Em seguida, um “dançador” leu o evangelho. Todas as pessoas estavam sentadas, exceto os “congadeiros”. Após a leitura, uma “congadeira” integrante da Corte subiu no altar para cantar uma música. Outro “congadeiro” leu a carta do Apóstolo Paulo. Todos eles, ao subir no altar curvavam seus corpos em sinal de reverência ao crucifixo.

O Padre passou o defumador em cima da bíblia antes que a mesma fosse lida e o cheiro de ervas foi instaurado novamente em toda a Igreja. Na reflexão da Palavra, o Padre abordou a contextualização histórica do Congado através das memórias que permeiam a escravidão, entendendo que os negros escravizados eram pessoas livres em regime opressivo. Logo depois, o Padre preparou o momento da Celebração Eucarística para realizar a “comunhão”.

Na “comunhão”, o Padre distribuiu a hóstia para os “congadeiros” e nos corredores laterais, os/as ministros/as também a ofereciam para o restante das pessoas. Depois disso, os “bambas” acompanharam algumas mulheres que traziam flores para colocar nos pés do altar de Nossa Senhora do Rosário.

O Padre, do altar, avisou que o manto azul de Nossa Senhora do Rosário passaria por toda a Igreja. Os homens que integravam a Corte do Reinado se posicionaram nos extremos da Igreja para estender o manto. O Padre deu algumas orientações de como proceder neste momento como, por exemplo, “elevar a mente aos céus e apenas tocar o manto sem segurá-lo”. As mulheres que integravam a Corte do Reinado caminharam embaixo do manto com flores nas mãos. O manto depois de passar pela Igreja foi estendido no altar e, junto dele, foi colocada a bandeira de Nossa Senhora do Rosário. Consoante com Bitter (2008), é interessante perceber, mais uma vez, que os objetos simbólicos têm a capacidade de agir sobre as pessoas, pois, quando se toca no manto sob orientações de fazer pedidos, expectativas foram criadas e depositadas na Santa do Rosário. Além disso, o manto também funciona como objeto mediador. Ele ajuda a conduzir os pedidos e/ou agradecimentos para Nossa Senhora do Rosário.

O manto foi recolhido e uma integrante da Corte subiu ao altar para cantar mais uma música acompanhada pelos toques dos instrumentos dos dançadores “é devoção, é religião, congado é festa de religião”. O comentarista agradeceu a colaboração e participação de todas as pessoas presentes e pediu que as bênçãos de Nossa Senhora do Rosário caíssem sob todas as pessoas.

O Capitão subiu ao altar para começar o rito de coroação do Reinado e os “congadeiros” tocaram seus instrumentos em uma tonalidade alta e forte “tum, pausa, tum, pausa, tum”. O Reinado Novo desceu do altar e se ajoelhou em almofadas. O Reinado Velho ficou em cima do altar, de frente para eles. Entre os Reinados estavam o Padre, ao lado o “vassalo” e o “secretário” (em cima do altar), em baixo estavam os “bambas” e o Capitão. O Rei Congo estava atrás do Reinado Novo. O Padre benzeu o Reinado Novo e Velho com água benta.

O Padre retirou a capa do Rei Velho e a colocou a no Rei Novo. Posteriormente, retirou a coroa do Rei Velho, mas, antes de colocá-la no Rei Novo, ela passou pelas mãos do Capitão.

O Rei Congo que fez a coroação no Rei Novo. O mesmo aconteceu com as Rainhas, Velha e Nova. Enquanto ocorria a coroação, os “congadeiros” cantaram “virgem do Rosário essa festa é boa/ rei e rainha vai troca a coroa”. Quando terminaram de fazer a coroação do Rei e da Rainha, eles caminharam até a porta central da Igreja e voltaram. Eles passaram entre os “congadeiros” que estavam dançando e tocando. Os “bambas” “reinaram” o Reinado Novo.

O mesmo aconteceu na coroação do Príncipe e da Princesa: enquanto estavam trocando a coroa, os “congadeiros” cantaram “virgem Rosário, Santa Tereza/trocou de coroa Príncipe e Princesa”. Todo o Reinado Novo caminhou junto até a porta da Igreja com os “bambas” o “reinando” e os “congadeiros” cantando “olha que beleza, Rei e Rainha/ Príncipe e Princesa”. O Reinado Novo subiu ao altar e seus nomes foram falados pelo comentarista de maneira a apresentá-los para a comunidade de São José do Triunfo. Do altar, eles abanavam as mãos para as pessoas: o Rei com um pequeno mastro na mão, a Rainha e Princesa com flores e o Príncipe.

Figura 21: Foto do momento da Coroação do Reinado na Missa Festiva



Fonte: Arquivo pessoal, 2019.

Os Reinados Novo e Velho trocaram de trono. O Reinado Novo foi para o trono de cor azul e os Velhos foram para o de cor rosa. O Capitão cantou de frente para o Reinado Velho e Novo e os “congadeiros” subiram no altar para tocar. A música era a mesma que cantaram quando foram pegá-los em casa para levar até a Igreja. Os “congeiros” respondiam em coro “ô, lê, bambariá”. A partir de Martins (1997; 2006), pode-se compreender que, ao subirem no altar, os “congadeiros” reafirmam com maior evidência a instauração do poder negro em oposição ao poder oficial da religiosidade católica, pois o altar é o ambiente mais sacralizado dentro da Igreja.

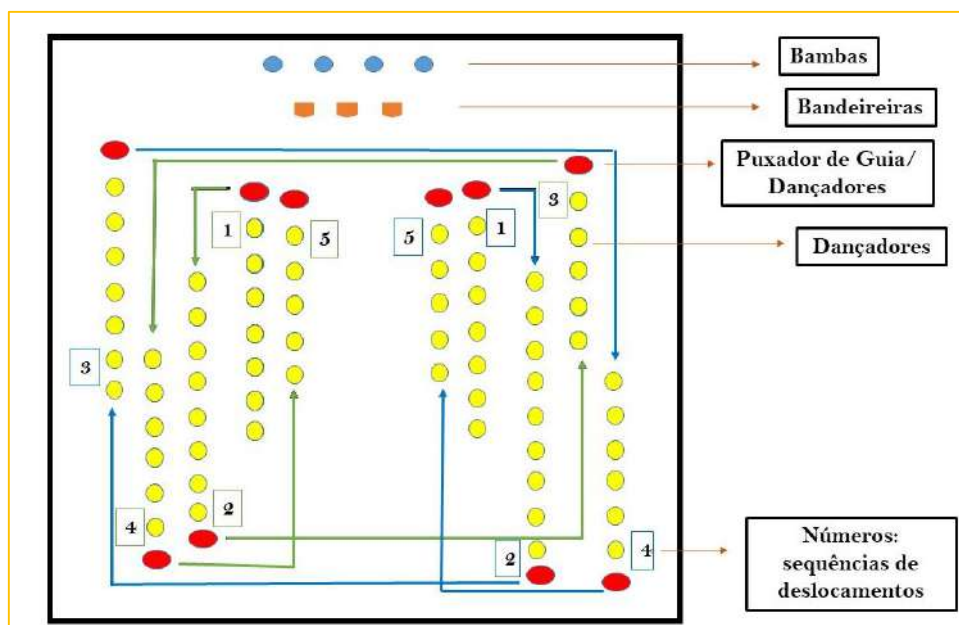
Para que os Reinados Novo e Velho saíssem do altar, o “secretário” e o “vassalo” cruzaram suas espadas e eles passaram por baixo. Depois da coroação, o Reinado Novo foi na frente e o Reinado Velho atrás. Enquanto a corte se levantou para sair, os “congeiros” cantaram “Glória, Glória, a virgem do Rosário/ ôôôô, Glória, a Virgem do Rosário”. A bandeira foi posicionada na frente e o “secretário” e “vassalo” ao lado dela. Os “congadeiros”, ao saírem, cantaram “chorou, chorou, perequitinho de angola/ pega a bandeira e vamos embora”.

A bandeira, os Reinados Novo e Velho e a Rainha Conga ficaram de costas para a porta da Igreja e de frente para o mastro, entre esse espaço estavam os “congadeiros”. Eles iam do mastro até a bandeira dançando, cantando e tocando, em ações que os reverenciavam. Havia muitos fogos de artifício sendo soltos.

Os “congadeiros” dançaram de um jeito mais agitado, com saltos e giros. Ao meio, os “bambas” “reinaram” em círculo o Rei Congo, o Capitã e o Rei do Meio. O Capitão cantava várias músicas, ele saía e entrava na roda em que os “bambas” estavam “reinando”. As músicas remetiam à Nossa Senhora do Rosário e ao dia festivo “hoje teve alegria no Rosário de Maria”. Os “bambas” continuaram “reinando”, mas de maneira alternada, ora era as filas de “dançadores”, ora os Reinados Novo e Velho e a bandeira, ora, ao meio, o Reinado Permanente.

Os “dançadores” em filas se movimentavam pelo espaço. Em vários momentos eles iam até próximo do mastro e voltavam pela mesma fila, em outros, eles cruzavam as filas no final, mas não se misturavam, cada fila ia para o lado oposto à posição inicial. A efervescência coletiva, nos termos de Durkheim (2008), foi sentida pelos cantos, danças, giros, saltos, toques, foguetes. Uma exploração de fé. O Capitão foi até o mastro cantando “olha lá no céu, olha lá no céu/o Rosário de Maria olha lá no céu” e “foi na beira do mar onde o negro chorou/ quando viu Nossa Senhora no mar enfeitada de flor/ foi na beira do mar onde o negro chorou”.

Figura 22: *Desenho do deslocamento da dança pela Banda de Congado*



Depois do frenesi e da intensidade das danças, cantos e toques, o Rei do Meio apitou e a Banda começou a tocar com mais calma, indicando pelas músicas que estavam partindo “o galo cantou foi fora de hora/ com licença meu povo que eu já vou embora”. Os “congadeiros” se despediram da Igreja referenciando o crucifixo que tem no alto dela.

O cortejo seguiu para as casas das pessoas que compunham o Reinado. Primeiro foram à casa do Príncipe Novo, em segundo, deixaram o Rei, Rainha e Princesa Novos, em terceiro, o Rei, Rainha e Princesa Velhos, e, por último, o Príncipe Velho. Os “congadeiros” cantavam e dançavam a música “o príncipe novo até já até já/ nós vamos pra muito longe não podemos demorar/ o príncipe novo até já até já/para o ano se Deus quiser volto aqui para te apanha/ o príncipe novo filho da Virgem Maria/ a senhora do Rosário fique em vossa companhia”. Em todas essas casas, foram servidas comidas para a Banda de Congado e para as pessoas que a acompanhavam. Porém, apenas a Banda entrava nas casas, que se serviam os “congadeiros” diante de mesas longas e cheias de comida. O restante era servido por pessoas que ajudavam os/as donos/as das casas: levavam grandes bacias para distribuir pães, bolos, salgadinhos, doces e refrigerante. As portas das casas ficavam totalmente ocupadas pelos acompanhantes da Festa.

Em todas as casas, os Reinados Novo e Velho sempre entravam primeiro protegidos pelo “vassalo” e pelo “secretário”. A Banda de Congo entrava cantando, tocando e dançando a

música “cheguei, cheguei/ cheguei sou bem chegado/ tô na casa do príncipe, nesse Rosário sagrado”. O Rei do Meio apitava e a Banda fazia uma pausa para comer e descansar. Nesses momentos, era comum ver as crianças “congadeiras” brincando entre si ou com outras crianças.

Na saída de todas as casas os “congadeiros” agradeciam as comidas com a música “lá do céu vem descendo um anjo/ esse anjo é nossa grandeza/ quem vem agradecer a mesa é a senhora do Rosário” e se despediam do Reinado com a música “o príncipe novo, filho da virgem Maria/ a Nossa Senhora fique em vossa companhia/ nós vamos pra muito longe/ não podemos demorar”.

Durante o trajeto para as casas do Reinado Velho e Novo as músicas indicavam que era dia festivo: “hoje é dia de graça/ todo mundo olhou e achou muita graça”. Nesses caminhos, era comum ter algumas Igrejas evangélicas, o que demonstrava que o catolicismo e o protestantismo existem espacialmente próximos um do outro. Um grande exemplo dessa aproximação é o fato da casa do Rei Congo ser ao lado de uma Igreja evangélica. Quando a Banda estava quase finalizando o cortejo, eles cantaram na frente da casa do Rei Congo a música “quem já foi rei tem majestade/ eu sou congueiro, eu sou congado”.

A Banda retornou para a casa do antigo Capitão, que era a mesma casa do Príncipe Velho. Depois de comerem e descansarem, os “congadeiros” foram para a rua e ficaram de frente para a casa. Se organizaram na mesma composição do início: bandeira, bandeireiras, “vassalo” e “secretário” centralizados, na frente as duas filas de “dançadores”, o Rei do Meio e Assistente, Capitão e Rei Congo, atrás o Reinado Novo e Velho, os “mordomos do toldo” e a corte do Reinado.

Para finalizar, o Capitão cantou “hoje teve alegria/ no Rosário de Maria” de frente para a bandeira. Os “bambas” “reinavam” a Banda de Congo, a bandeira, o Reinado Novo e Velho e a corte do Reinado. Esse momento de encerramento da Festa do Rosário também é marcado pela intensificação das vozes, toques e movimentos. Os “congadeiros” giravam, saltavam, dançavam, balançando seus corpos ao som de batidas fortes e marcantes nos instrumentos.

De cabeça baixa para a bandeira, os “congadeiros” rezaram o “Pai Nosso” e “Ave Maria”. O Capitão e o Rei Congo encerram com falas de agradecimento e colocaram a Festa na intenção de Nossa Senhora. A música “ó, Virgem do Rosário/ dentre as outras flores és a mais formosa/ Virgem do Rosário aceitai o amor/ deste filho teu” foi cantada sem instrumentos. Nesse momento, em oposição à euforia anterior, os “congadeiros” cantavam em tom de súplica a Nossa Senhora do Rosário, enquanto cada um beijava a bandeira com o corpo levemente curvado fazendo o sinal da cruz. Depois que todos beijaram a bandeira, o Capitão gritou “Viva

Nossa Senhora do Rosário”. O “vassalo” e “secretário” foram ao lado da bandeira até a porta da casa do antigo Capitão, cruzaram suas espadas para que a bandeira passasse por baixo e bateram três vezes para encerrar.

Alguns “congadeiros” tiraram os capacetes e os “casquetes”, desabotoaram os saiotes e carregaram os instrumentos para a casa do Rei Congo. Outros permaneciam na rua conversando sobre a Festa ou já se despediam para irem até suas casas.

A configuração da Banda durante os cortejos e a atribuição de cargos dentro da Irmandade podem ser pensadas, à luz das concepções do antropólogo Evans-Pritchard (2014), enquanto atividades coletivas e dotadas de funções e valores sociais. Nesse sentido, ao identificar lideranças dentro do grupo sintetizadas nas figuras do Rei Congo, do Capitão e do Rei do Meio, é perceptível que esses são cercados de prestígio social, pois são eles que coordenam os momentos mais importantes nos cortejos: a dança, a música e o canto. Esses elementos que compõem as ritualizações do Congado seguem, de alguma maneira, uma estrutura padronizada, sequencial e intencionada. Essas características compõem o que a antropóloga Mariza Peirano (2003), a partir da produção teórica de Stanley Tambiah, compreende como ritual.

[...] um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjo caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). (PEIRANO, 2003, p. 9)

Nesse sentido, o cruzar das espadas pelo “vassalo” e pelo “secretário” para que a bandeira passe por baixo, os três toques dados pelas espadas dos “Vassalos e Secretários” para iniciar e encerrar os cortejos, a ação de “reinar” os demais “congadeiros” e os objetos, a mesma composição da Banda durante os cortejos e a centralidade da bandeira, as reverências e os beijos na bandeira no início e no final dos cortejos, as músicas que indicavam os acontecimentos: o Levantamento do Mastro, a Alvorada, os trajetos de ir até a Igreja e para buscar o Reinado, as danças com saltos e rodopios com toques de espadas nas encruzilhadas, dançar, cantar e tocar antes e depois das refeições. Todos esses elementos e acontecimentos estruturam o ritual do Congado em São José do Triunfo.

O antropólogo Stanley Tambiah (2018, p. 10 - x) argumenta que os rituais são implicações “constituídas tanto de palavras quanto de ações, da fala entrelaçada à manipulação de objetos, do uso simultâneo e sequencial de múltiplos meios de comunicação (auditivo, tátil, visual e olfativo) e modos de apresentação (canção, dança, música, recitações, entre outros)”. Nesse sentido, o autor evidencia o poder mágico das palavras pronunciadas nos contextos rituais

associados às ações e aos objetos simbólicos. É possível relacionar as variações de entonações, de intensidade nos movimentos, de mudança de ritmo ao longo de todos os cortejos realizados pelos “congadeiros” às contribuições de Tambiah (2018).

O canto, a dança e o toque compõem as narrativas “mitopoéticas” do Congado (Martins, 1997). A partir disso, é possível destacar o poder da palavra e do corpo para acessar as dimensões sagradas que se inscrevem no Congado, pois os “congadeiros” cantam, dançam e tocam com fé e devoção, no sentido do corpo como oração (BASTIDE, 2006). O Padre Celebrante, ao enfatizar que a Festa do Congado utiliza dos elementos expressivos, como o “rezar cantando” e o “rezar dançando”, salienta o aspecto da “oração corporal”. Martins (1997; 2006) indica que, no Congado, a oralidade se inscreve nos corpos. Nesse sentido, pode-se pensar que o poder da palavra associado ao corpo no Congado aciona a instauração do poder negro e também solicita acesso ao mundo sagrado.

À luz de Van Gennep (2011), é necessário compreender que a concepção de sagrado e profano possuem “rotatividade”, indicando caráter relativo. No Congado, cabe ressaltar, como disse anteriormente, que as simbologias de fé e devoção se expressam através da dança, do canto e de toque, que perpassam outros lugares, inclusive o profano, e são usados como modos de cultuar e adorar Nossa Senhora do Rosário. Essa perspectiva, de certa maneira, é sustentada pela ideia de Durkheim (2008, p. 373 e 383) sobre mundo sagrado e o mundo profano pensadas a partir de relações antagônicas dentro da vida religiosa. Nesse sentido, indica que a vida religiosa e profana não habitam no mesmo espaço e tempo, mas confere que pode haver “vazamentos”.

Apontar para o caráter rotativo do profano e sagrado, nos termos de Van Gennep (2011), nesta pesquisa, é interessante para se pensar os cortejos que acontecerem nas ruas do distrito de São José do Triunfo. Na concepção durkhemiana os templos e santuários são os espaços destinados para as manifestações religiosas, podendo os “vazamentos” acontecer tanto em espaços ou tempos diferentes, porém, apenas para ritos de menor importância. Em São José do Triunfo a rua se torna o espaço para as manifestações da vida religiosa, pois a maior parte da louvação à Nossa Senhora do Rosário acontece nas ruas através de músicas, danças e cantos. Além disso, nas ruas também são montados altares para que os “congadeiros” celebrem as santidades presentes neles, como, Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito. Por isso, a rua perpassa tanto as dimensões do sagrado e do profano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“galo cantou foi fora de hora/
com licença meu povo que eu vou embora”

Canto da Irmandade de
Nossa Senhora do Rosário
de São José do Triunfo

A construção desta pesquisa chega em um ponto final. Tenho plena certeza de que os caminhos e ressonâncias da Festa do Rosário em São José do Triunfo, Viçosa/MG poderiam se emaranhar por outros vieses e recortes devido à grande multiplicidade presentes nos eventos festivos e na teoria antropológica. Entretanto, enfatizei em minhas análises os elementos que constituem a Festa do Rosário tanto nos preparativos, como a Reunião, Ensaio e Novena do Rosário, quanto no próprio evento festivo, a saber: o Levantamento do Mastro, a Alvorada Festiva, o Almoço e a Missa Festiva e os Cortejos. Porém, a comensalidade, as relações de parentesco, as relações de gênero, as relações sociais, as músicas, as danças, dentre outros, poderiam render análises mais acentuadas. Por isso, reconheço que esta pesquisa pode ser amadurecida e aprofundada em um futuro próximo.

Apontei no início o contexto histórico e social que a coroação de Reis Negros, mais conhecidos atualmente como Reis Congos, surgiu e se perpetuou em terras brasileiras. A coroação de Reis Negros, como salientou Souza (2002), era tida no interior das Irmandades de Negros, enquanto válvula de escape e como ações de resistência diante da perversidade do sistema escravocrata.

Indiquei também que o Congado, de acordo com diversos/as autores, pode ser compreendido enquanto sistema religioso sincrético, pois integra elementos culturais dos cultos aos santos católicos permeados por elementos africanos, como a dança, a percussão e os cantos. Entre a variedade de grupos de Congado que realizam festas e cortejos em louvor à Nossa Senhora do Rosário e, também, a outros/as santos/as, é indicado que o mito de aparecimento da Santa do Rosário orienta a narrativa deles.

Consoante com Martins (1997), salientei que esse mito evidencia através da reversibilidade os/as negros/as como agentes que grafam, recriam e inscrevem suas próprias transformações, pois, segundo essa autora, o aparecimento de Nossa Senhora do Rosário, a tentativa de senhores brancos de irem busca-la e somente os negros escravizados conseguirem levá-la, ressalta, em um primeiro momento, uma “situação opressiva vivida”; no segundo, a “reversão simbólica da situação”, e por último a instauração do poder negro. Em São José do

Triunfo, pude perceber, através da fala de algumas interlocutoras, a propagação e a disseminação do poder negro ao ressaltarem a importância da Festa do Rosário demonstrada pela grande quantidade de pessoas que a frequentam.

A Festa do Rosário nesta pesquisa, como disse anteriormente, foi dividida para análises nos momentos preparativos do festejo e no próprio dia festivo. A preparação é intensificada nas semanas anteriores à Festa e foi composta da Reunião, do Ensaio e da Novena. Nesse sentido, a Reunião possui a função de organizar e preparar a Festa. Pude compreender a Reunião com caráter participativo para a tomada de decisões, além disso, foi possível perceber que as expectativas e percepções da Festa são diferentes para as pessoas que acompanham os cortejos e para as pessoas que os organizam. O Ensaio apresenta caráter educativo, se tornando um espaço de ensino e de aprendizagem das danças, cantos e toques. Já a Novena do Rosário é considerada pelas rezadeiras como o “começo de tudo”, sendo que elas também compreendem Nossa Senhora do Rosário como intercessora. As interações com a Santa e, também, com a bandeira através de beijos e toques sugerem a possibilidade da Santa ser personificada para os/as devotos/as (Lima, 2015).

O evento festivo nesta pesquisa foi compreendido a partir da concepção de Perez (2012): a “festa para além da festa”. O Festa do Rosário em si foi apreendida enquanto “tradição reinventada” (Silva, 1997). O levantamento do mastro, segundo os congadeiros, anuncia a Festa do Rosário. Os enfeites e as decorações nas ruas destoam dos dias comuns, apresentando transformações que remetem à um rito de passagem, à luz de Van Gennep (2011). Além disso, os objetos simbólicos enfatizam ainda mais a rua dotada de polissemia. Nesse sentido, a rua que cotidianamente é palco de violência e de segregação para a população negra se altera, evidenciando as potencialidades negras através das figuras dos congadeiros. Na alvorada se comunica mais uma vez a Festa do Rosário para a comunidade, e nela a dimensão sacrificial, inspirada em Mauss e Hubert (2005), de subir no cruzeiro, assim como a de percorrer em cortejo vem à tona.

Já no almoço, a partir de diálogos com Dona Andreza, percebemos que a fartura presente na Festa do Rosário representa a união e o contentamento que o festejo provoca na vida das pessoas. Isso não significa que não haja conflitos no congado. Na missa o caráter sincrético é evidenciado pelo Padre Celebrante através da expressividade corporal presente nas danças e músicas em constante “diálogo”, para utilizar seu termo, com a liturgia católica.

Ao longo da pesquisa também apontei para alguns aspectos presentes na Banda de Congado, por exemplo, a exclusividade de apenas homens, em sua maioria negros, dançarem

durante os cortejos. As mulheres, como puder observar, não participam dos atos públicos, mas, como indicou Sousa (2011), são as “mentoras intelectuais da festa”, atuando principalmente nos preparativos do festejo. Ressalta-se também que a configuração da Banda nos cortejos, à luz de Evan-Pritchard (2014), podem ser compreendidos como atividades coletivas dotadas de valores e funções sociais, assim como as lideranças representadas nas figuras do Rei Congo, Rei do Meio e Capitão possuem prestígio social, pois coordenam os cantos, as danças e os toques ao longo do cortejo.

Salientei que o Congado se apresenta enquanto ritual, a partir de Peirano (2003), porque são marcados por uma estrutura padronizada, sequencial e intencionada. Nesse sentido, as várias ações elaboradas pelos “congadeiros” durante os cortejos compõem os elementos rituais presente na Banda de Congado de São José do Triunfo. Pude observar, através dos cantos, danças e toques, que as palavras estão associadas ao corpo como forma de oração, apontado por Bastide (2006) enquanto “oração corporal”. É por meio da corporificação da palavra em oração que se instaura o poder negro e que os congadeiros solicitam acesso ao mundo sagrado.

O caráter profano e sagrado foi considerado a partir da perspectiva de rotatividade de Van Gennep (2011), pois a fé e a devoção expressadas pelos congadeiros estão baseadas em elementos que também passam pelo mundo profano, como a dança, o canto e toques.

Os símbolos dominantes, segundo Silva (2010a), apontam para a importância da vida religiosa. Em São José do Triunfo essa relevância é expressa no cuidado com que esses objetos são guardados e limpos para as Festas. Além disso, as cores que perpassam pelos objetos simbólicos, como “uniformes” e mastro, são representações das cores que compõem a vestimenta de Nossa Senhora do Rosário: rosa, azul e branco. Silva (2010a) indica que as cores ressaltam tanto as funções estéticas quanto a função de se distinguir enquanto objetos sagrados.

Em São José do Triunfo as vestimentas usadas são elementos importantes, por isso existe uma constante preocupação em “estar bem arrumado”. Como indica Ribeiro (1998), através da etiqueta e das boas maneiras a sociedade é hierarquizada. No Congado a hierarquização é invertida, considerando que a instauração do poder negro parte da subalternização que negros/as sofrem cotidianamente pelo racismo. Nesse sentido, as boas maneiras e etiquetam apontam, segundo Ribeiro (1998), a posição social. Então, seguir as regras para participar da Banda de Congado é algo que expressa honra e prestígio.

Por fim, considero que a Festa do Rosário em São José do Triunfo, Viçosa/MG, ou “a alegria no Rosário de Maria”, dentro de suas particularidades, através dos “congadeiros” corporifica as orações nas danças e músicas, assim como pelos objetos simbólicos acionam o

acesso para o mundo sagrado e, sobretudo, comunicam e propagam a instauração do poder negro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Rita de Cássia. Apresentação; Introdução: A festa como objeto e como conceito. In: Festa à Brasileira: Significados do festejar no país que “não é sério”. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. Para uma Antropologia da Festa: Questões metodológico-organizativas do campo festivo brasileiro. AMARAL, Leila; MESQUITA, Wania; PEREZ, Léa Freitas (org.). Festa como perspectiva e em perspectiva. Rio de Janeiro, Garamond, 1^o edição, 2012.

BASTIDE, Roger. A expressão da oração nos povos sem escrita. (1972) In: O sagrado selvagem e outros ensaios. São Paulo: Cia. Das Letras, 2006.

BITTER, Daniel. A Bandeira e a Máscara: Estudo sobre a circulação de objetos rituais nas Folias de Reis. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

COSTA, Patrícia Trindade. As Raízes da Congada: A renovação do presente pelos filhos do Rosário. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Brasília, 2006.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. Para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

DURKHEIM, Émile. Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulus, 3^a edição, 2008.

EVANS-PRITCHARD, Edward Evans. A Dança. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro (org.). Ritual e Performance: 4 clássicos. Rio de Janeiro: 7 Letras, v. 28, 2014, p. 21-39.

FAVRET -SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. Cadernos de Campo, n 13, 2005.

FOOTE-WHYTE, William. Treinando a observação participante. In: ZALUAR, Alba (org.). Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GEERTZ, Clifford. “Do Ponto de Vista do Nativo”: a natureza do entendimento antropológico. In: O saber local. Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

_____. Estar lá: a antropologia e o cenário da escrita. In: Vidas e Obras: o Antropólogo como Autor. Rio de Janeiro: UFRJ, 3^a edição, 2009.

_____. Uma Descrição Densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: A interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1^a edição, 2008.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. *Negras Raízes Mineiras: Os Arturos*. Juiz de Fora: Ministério da Cultura/EDUFJF, 1988.

HERZFELD, Michael. *Antropologia como uma prática da teoria*. In: *Antropologia. Prática teórica na cultura e na sociedade*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2014.

LEACH, Edmund R. *Como nasce um cavaleiro britânico*. Rio de Janeiro: *Mana*, v. 6, 2000.

LIMA, Raquel. “É como se fosse Santa Rita”: processos de simbolização e transformações rituais na devoção à santa dos impossíveis. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

_____. “Santa Rita de Cássia, rogai por nós”: uma análise da novena de Santa Rita no Rio de Janeiro. *Rio de Janeiro: Religião e Sociedade*, v. 39, 2019.

_____. Sobre a presença e representação nas imagens dos santos católicos: considerações a partir de um estudo sobre a devoção à Santa Rita. *Rio de Janeiro: Religião e Sociedade*, v. 35, 2015.

MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

_____. A oralitura da memória. In: FONSECA, M. N. S. (org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 41-59.

MAUSS, Marcel. *As técnicas do corpo*. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MAUSS, Marcel; HUBERT, Henri. *Definição e unidade do sistema sacrificial*. In: *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

MENEZES, Renata de Castro. *A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará – Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004.

MOURA, Eliza Campos. *Vem Maria, Vem Maria!: Estudo sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário no distrito de São José do Triunfo*. Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Viçosa, 2017.

NIELSEN, Finn Sivert; CALLONI, Euclides Luiz. *História da Antropologia*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2ª edição, 2007.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Trabalho do Antropólogo: Olhar, Ouvir, Escrever*. São Paulo: *Revista de Antropologia*, v. 39, n. 1, 1996.

PEIRANO, Mariza. *Rituais como estratégia analítica e abordagem etnográfica; A análise antropológica de rituais*. In: PEIRANO, Mariza (org.) *O dito e o Feito: Ensaio de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. *Rituais Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Se os Tambores chamam. In: Os tambores estão frios: Herança cultural e sincretismo religioso no ritual de Candombe. Juiz de Fora/MG: Funalfa Edições; Belo Horizonte/MG: Mazza Edições, 2005.

PEREZ, Léa Freitas. De Duvignaud às procissões lisboetas: a festa para além da festa. In: PEREZ, Léa Freitas; CORDEIRO, Índias Graça; BELONE, Ana Paula Lessa (org.) *Anais III Colóquio Festas e Socialidades*. Lisboa, ISCTE, 2015, p. 58 – 70.

REED, Susan. La política y poética de la danza. In: CITRO, Silvia; ASCHIERI, Patrícia (org.). *Cuerpos em movimento: antropologia de y desde las danzas*. Buenos Aires: Biblos, 2012, 1ª edição.

RIBEIRO, Renato Janine. *A etiqueta no antigo regime*. São Paulo: Moderna, 4ª edição, 1998.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. *Etnografia: saberes e práticas*. (2008) In: PINTO, Céli Regina Jardim; GUAZZELLI, César Augusto Barcellos (Org.). *Ciências Humanas: pesquisa e método*. Porto Alegre, Rs: Editora da Universidade.

SÁES, Oscar Calvaria. O que os santos podem fazer pela antropologia. Rio de Janeiro: *Religião e Sociedade*, v. 29, n 2, 2009.

_____. *Etnografia: O Campo; Etnografia: Na Mesa*. In: *Esse obscuro objeto da pesquisa: um manual de método, técnicas e teses em antropologia*. Florianópolis: Edição do autor, 2013.

SILVA, Daniel Albergaria. *Festas de Guardas, Ternos e Nações: A Coroação de Reis Negros e a Devoção à Nossa Senhora do Rosário*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

_____. *O Ritual da Congada e o “Estar no Rosário”*: Um estudo Etnográfico acerca da Festa e mediações em São João Del Rey. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

_____. *Os ternos de congado em Minas Gerais: suas variações míticas, rituais e o esquema festivo*. *Novos Debates - Fórum de Debates em Antropologia*, v. 1, 2014, p. 11-21.

SILVA, Rubens Alves. As cores na rua – a propósito de uma reflexão em torno de Reinados e performance congadeiras o sertão das Gerais. In: PEREIRA, Edimilson Almeida (org.). *Depois, o Atlântico: modos de pensar, crer e narrar a diáspora africana*. Juiz de Fora/MG: Ed. UFJF, 2010a.

_____. *Congado Mineiros: Dualidades ou (des)continuidade da tradição*. Trabalho apresentado no 21º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 1997.

_____. *Negros Católicos ou Catolicismo Negro? Um estudo sobre a construção da identidade negra no Congado Mineiro*. Belo Horizonte: Nandaya, 2010b.

SILVA, Vagner Gonçalves da. O Antropólogo Fes e sua Magia. Trabalho de Campo e Texto Etnográfico nas Pesquisas Antropológicas sobre Religiões Afro-Brasileiras. São Paulo: Editora da Universidade Federal de São Paulo, 2000.

SOUTO, Amanda Moura; FREITAS, Matheus Silva. Festa de Congado na Cidade: espaços urbanos e relações étnico-raciais. Trabalho apresentado no III Seminário Nacional Afirmção das Diversidades: Relações Étnico-Raciais, Gênero, Juventudes e Inclusão de PNE's, 2018.

SOUSA, Patrício Pereira Alves de. As Geo-grafias da Memória: o lugar festivo como biografia espacial. Curitiba/PR: Editora UFPR, n. 20, 2010.

_____. Corpos em Drama, Lugares em Trama: gênero, negritude e ficção política nos Congados de São Benedito (Minas Novas) e São José do Triunfo (Viçosa) – MG. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Minas Gerais, 2011.

SOUZA, Marina de Mello. Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de Rei Congo. Belo Horizonte/MG: EdUFMG, 2002.

SOUZA, Natal Jesus de. Geo – grafias no Tempo/Espaço: Uma abordagem Cultural Religiosa na Festa de Nossa Senhora do Rosário em São José do Triunfo. Monografia apresentada ao Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa, 2014.

STRATHERN, Marilyn. Domínios masculino e feminino. In: O gênero da dádiva: problemas com as mulheres e problemas com a sociedade na Melanesia. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2006.

TAMBIAH, Stanley Jeyaraia. Do geral ao particular e a construção de totalidades; Ritual como pensamento e ação: o poder mágico das palavras. In: Cultura, pensamento e ação social: Uma perspectiva antropológica. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2018.

TURNER, Victor. Simbolismo Ritual, Moralidade e Estrutura Social entre os Ndembu. In: Floresta de Símbolos: Aspectos do Ritual Ndembu. Niterói/RJ: EdUFF, 2005.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. São Paulo: Ponto Urbe, v. 11, 2012.

VAN GENNEP, Arnold. Apresentação; A passagem material. In: Ritos de passagem: estudos sistemáticos dos ritos da porta e da soleira, da hospitalidade, da adoção, gravidez e parto, nascimento, infância, puberdade, iniciação, ordenação, noivado, casamento, funerais, estações etc. Petrópolis/RJ: Vozes, 3° ed., 2011.